

RAÏSSA HÉLÈNE LEITE VALCORBA

**ENTRE REGENERAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL:
REQUALIFICAÇÃO DO BAIRRO ILHA D'MADEIRA EM
RIBEIRA BOTE**

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Rita Pais

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

Lisboa

2017

RAÏSSA HÉLÈNE LEITE VALCORBA

**ENTRE REGENERAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL:
REQUALIFICAÇÃO DO BAIRRO ILHA D'MADEIRA EM
RIBEIRA BOTE**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 29 de Janeiro de 2018, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 406/2017, de 20 de novembro, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone
Ressano Garcia [ULHT]

Arguente: Prof. Doutor Alberto Flávio Monteiro
Lopes [ULHT]

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Rita Pais Ramos
Abreu de Almeida [ULHT]

Vogal: Prof.^a Doutora Eliana Pereira Sousa Santos,
[ULHT/ISCTE]

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

Lisboa

2017

À Ilha de São Vicente.

Agradecimentos

Em cinco anos de estudo e muito trabalho, não seria possível a presente investigação sem as pessoas que tornaram parte do meu quotidiano e sem os contributos que ajudaram na construção de um ponto de vista completamente diferente e mais sensível sobre os bairros precários, nomeadamente a Ilha d'Madeira.

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha família, aos meus pais e aos meus irmãos, por serem os pilares da minha formação pessoal e profissional, transmitindo-me força, determinação e ajudarem-me a manter o foco em situações de desanimo. Agradeço, igualmente, ao meu companheiro, pelo apoio, carinho, dedicação e paciência durante todo o período de elaboração da dissertação.

Quero agradecer, à minha orientadora, pelos conhecimentos transmitidos, pela paciência e força que conseguiu transmitir-me nos momentos em que mais precisava. Os conhecimentos transmitidos contribuíram para o desenvolvimento de um tema, que me é bastante admirado, de forma consciente e enriquecedora.

Agradeço o carinho com que me foi recebido, no bairro Ilha d'Madeira, por todos os moradores. À disponibilidade e a atenção constante nas conversas e trocas de ideias, que formaram os questionários aqui desenvolvido. À forma em que trataram de mim, como se eu já fizesse parte do bairro, transmitindo-me as vivências e a cultura rica de que este lugar vive. Juntamente, agradeço aos que me acompanharam, pela disponibilidade e pelo acompanhamento em todas as visitas ao bairro.

À Câmara Municipal de São Vicente, que permitiu-me acesso às informações para o desenvolvimento da investigação.

E finalmente, a todos que direta ou indiretamente contribuíram a realização e no desenvolvimento desta dissertação.

Resumo

A presente dissertação aborda um dos maiores desafios que os países em desenvolvimento enfrentam atualmente: o rápido e descontrolado crescimento dos bairros precários sem um planeamento prévio. Tendo em consideração o caso de estudo – Ribeira Bote, mais precisamente Ilha d'Madeira – procurou-se, ao longo da investigação, compreender os processos de transformação dos assentamentos precários e as possíveis soluções para o melhoramento dos mesmos. De forma a compreender a evolução e a situação urbana e social atual, foi efetuada uma análise exaustiva sobre o local, levando assim, a perceção acerca das principais carências do bairro.

Ribeira Bote, ao longo da história da cidade do Mindelo, ficou marcado como sendo um bairro conflituoso, porém, com um marco de identidade e cultura bastante forte e enriquecida. Este estudo permite entender e refletir sobre as principais carências do bairro, nomeadamente a inexistência de espaços e equipamentos públicos que de certa forma impossibilita que a comunidade do bairro e a comunidade exterior criem uma conexão, levando à exclusão social.

A investigação contribuiu para o desenvolvimento de uma metodologia através de estratégias de intervenção no bairro Ilha d'Madeira, podendo assim complementar as soluções existentes e preencher algumas das carências identificadas e expressas pela população. Nesta perspetiva, estas estratégias de intervenção têm o intuito de desenvolver uma relação entre a cultura desta população e as estratégias propostas para o bairro, tendo em consideração as suas expectativas e as suas necessidades.

Palavras-chave: Inclusão social, Cultura, Requalificação, Participação, Ribeira Bote.

Abstract

The present dissertation addresses one of the biggest challenges developing countries are facing today: the accelerated and uncontrolled growth of slums without previous planning. Taking into account the case study - Ribeira Bote, more precisely Ilha d'Madeira - throughout the investigation, it is sought to understand the transformation processes of slums and possible solutions for their improvement. The investigation led to a study that seeks to understand the evolution and the current urban and social situation, through an exhaustive analysis of the place, leading to understand the main neighborhood needs.

Ribeira Bote, throughout the history of the city of Mindelo, was marked as being a conflicted neighborhood, but with a strong and enriched identity and culture. The study made it possible to understand and reflect on the main needs of the slum, namely the lack of spaces and public facilities that in a way, hinders a relationship between the slum community and the local community, preventing a connection and ultimately, leading to social exclusion.

The research contributed for the development of a methodology through interventional strategies in Ilha d'Madeira's settlement, therefore complementing existing solutions and filling some of the identified needs expressed by the population. In this perspective, these interventional strategies aim to develop a relationship between the culture of this population and the strategies proposed for the settlement according to the expectations and needs of the population.

Key words: Social Inclusion, Culture, Slum upgrading, Participation, Ribeira Bote.

Abreviaturas e símbolos

Art Artigo

Arq. Arquiteto

CMSV Câmara municipal de São Vicente

CM Câmara Municipal

CV Cabo Verde

D. Dom

Fig. Figura

F Fontes

Km Quilómetro

m Metro

m² Metro quadrado

PDM Plano Diretor Municipal

S. São

S.d Sem data

% Por cento

oC Grau celsius

1o Primeiro

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	5
Índice de Imagens	10
Índice de Tabelas	14
INTRODUÇÃO	15
Objetivos	16
Metodologia	16
Organização	17
1. Requalificação Regeneração Renovação	19
1.1. <i>Agglomerados de natureza informal</i>	19
1.2. Bairros de natureza social	24
1.3. Requalificação Regeneração Renovação	28
2. Evolução urbana em Cabo Verde São Vicente	32
2.1. Caracterização urbana	32
2.2. Origem e expansão da cidade do Mindelo	36
2.3. Origem e história de Ribeira Bote	49
3. Bairro Ilha d'Madeira Potencial de regeneração e integração social	52
3.1. Bairro Ilha d'Madeira Origem.....	52
3.2. Situação atual: social e urbano	55
3.3. Tipologias de habitação.....	58
3.3.1. Caracterização geral da habitação	58
3.3.2. Entrada	65
3.3.3. Zona social	66
3.3.4. Zona íntima.....	67
3.3.5. Cozinha	69
3.3.6. Instalação sanitária.....	70
3.3.7. Quintal e Terraço	71
4. Possibilidades/apontamentos de regeneração e integração social.....	75
4.1. Abordagem e Lacunas	75
4.2. Proposta e estratégia de intervenção.....	78

Considerações finais	91
Bibliografia.....	94
Anexos	99
1. Plantas do bairro	100
1.1. Planta de ocupação: Cheios e Vazios.....	101
1.2. Planta tipo de ocupação: Habitações em Bloco de cimento e Lata	102
1.3. Planta pisos das habitações.....	103
1.4. Planta serviços	104
1.5. Planta serviços com fotos correspondentes.....	105
1.6. Planta percurso: Pedonal e Viário.....	106
1.7. Planta com a identificação da caracterização das ruas	107
1.8. Planta Infraestruturas	108
2. Fichas estudo das habitações	110
2.1. Habitação 1	111
2.2. Habitação 2	112
2.3. Habitação 3	113
2.4. Habitação 4	114
2.5. Habitação 5	115
2.6. Habitação 6	116
2.7. Habitação 7	117
2.8. Habitação 8	118
2.9. Habitação 9	119
3. Transcrição de entrevistas	120
3.1. Entrevista 1 Nome: Rosa.....	121
3.2. Entrevista 2 Nome: Arcangela.....	122
3.3. Entrevista 3 Nome: Teresa (Tété)	123
3.4. Entrevista 4 Nome: Rosa.....	124
3.5. Entrevista 5 Nome: Nha Memento	125
3.6. Entrevista 6 Nome: Lara.....	126
3.7. Entrevista 7 Nome: Ana Maria.....	127
3.8. Entrevista 8 Nome: Deolinda.....	129
3.9. Entrevista 9 Nome: Celestina. Conhecida por Mamãe.....	130
3.10. Entrevista 10 Nome: Mirian	131
4. Testemunhos	134

4.1. Acontecimentos respeitantes ao 23 de setembro de 1974, Dia da Zona Libertada..	135
4.2. Outras das histórias marcantes da Ribeira Bote foi a Revolução Capitão Ambrósio em 4 de Junho de 1934	137
4.3. Testemunho Rodrigo Martins	138

Índice de Imagens

Figura 1 - Assentamentos precários em Nairobi, 2013	20
Fonte: https://www.thinkinglink.com/scene/493001501845749762	
Figura 2 - Assentamentos Precários em Dharavi, Mumbai, 2016	21
Fonte: https://camerondeansinteriorarchitecturey2.wordpress.com/2016/05/27/dharavi-slum-research/	
Figura 3 - Quinta Monroy, Iquique by Elemental, Chile, 2014.....	21
Fonte: https://caroisasi.wordpress.com/2014/12/14/the-benefits-of-co-design-in-the-fields-of-architecture/	
Figura 4 - Participação dos moradores no desenvolvimento das estratégias de requalificação, Índia, 2009.....	22
Fonte: https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/	
Figura 5 - Colagem da implementação e customização das casas, Índia, 2009	22
Fonte: https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/	
Figura 6 - Participação dos moradores no desenvolvimento do projeto, Índia, 2009	22
Fonte: https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/	
Figura 7 - Conjunto habitacional precário em Hong Kong	26
Fonte: http://www.laboiteverte.fr/kowloon-walled-city/	
Figura 8 - Torre David em Caracas, Venezuela. Edifício atualmente com carácter de bairro de lata vertical	26
Fonte: http://www.pulsamerica.co.uk/2012/10/torre-david-vertical-slum/	
Figura 9 - Torre David em Caracas, Venezuela. Edifício atualmente com carácter de bairro de lata vertical.	26
Fonte: http://www.pulsamerica.co.uk/2012/10/torre-david-vertical-slum/	
Figura 10 - Assentamento precário no Rio de Janeiro, Favela Rocinha, Brasil, 2012	29
Figura 11 - Assentamento precário no Rio de Janeiro, Favela Rocinha, Brasil, 2012	29

Figura 12 - Planta com vista área, com a representação das vias principais no centro histórico e na envolvente	33
Figura 13 - Gráfico com referência às localizações importantes de São Vicente	34
Fonte: Google earth com a desenho da autora	
Figura 14 - Mapa de Cabo Verde	36
Fonte: http://www.nationsonline.org/oneworld/map/cape-verde-map2.htm	
Figura 15 - Posicionamento dos principais locais mencionados	37
Fonte: Google earth com a desenho da autora	
Figura 16 - Desenvolvimento da cidade de 1790 a 1809	38
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p.172.	
Figura 17 - Povoação de D. Rodrigo na Ilha de S. Vicente.....	38
Fonte: Fernandes, J., Janeiro, M., & Milheiro, A. (2014). <i>Cabo Verde: Cidades, Território e Arquitecturas</i> . Lisboa: CIAUD, p. 54.	
Figura 18 - Desenvolvimento da cidade de 1810 a 1829	39
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p.172.	
Figura 19 - Porto Grande e a povoação de Leopoldina, 1819	39
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 47.	
Figura 20 - Desenvolvimento da cidade de 1830 a 1850	40
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 173.	
Figura 21 - Plano da Povoação do Mindelo, 1838	41
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 61.	
Figura 22 - Desenvolvimento da cidade de 1851 a 1879.....	42
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 173.	
Figura 23 - Planta da Povoação do Mindelo, 1858	43
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 67.	
Figura 24 - Desenvolvimento da cidade de 1880 a 1914.....	44
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 172.	
Figura 25 - Planta da cidade do Mindelo.....	45

Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 101.	
Figura 26 - Mindelo no final do século XIX.....	46
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 112.	
Figura 27 - Desenvolvimento da cidade de 1952 a 1959.....	46
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 173.	
Figura 28 - Desenvolvimento da cidade de 1960 a 1975.....	47
Fonte: Morais, J. S. (2010). <i>Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico</i> . Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 173.	
Figura 29 - Carta geográfica da Cidade do Mindelo, 1940-50	47
Fonte: Fernandes, J., Janeiro, M., & Milheiro, A. (2014). <i>Cabo Verde: Cidades, Território e Arquitecturas</i> . Lisboa: CIAUD.	
Figura 30 - Casa de emigrante, Projeto PACIM, Casa de lata.....	49
Figura 31 - Desfile de Mandingas	50
http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/grupo_mandingas_de_ribeira_bote_abre_carnaval_no_mindelo-754zpc.html	
Figura 32 - Sede dos Mandingas de Ribeira Bote em Ilha d'Madeira	51
Figura 33 - Ortofotomapa do Bairro Ilha d'Madeira	52
Fonte: Câmara Municipal de São Vicente	
Figura 34 - Vias principais que envolvem o bairro Ilha d'Madeira.....	53
Figura 35 - Fotografia aérea com referência à localização de algumas das construções mais relevantes no bairro e respetivos estados atuais	56
Figura 36 - Projeto PACIM	59
Figura 37 - Rua com casas do projeto PACIM.....	59
Figura 38 - Antes e depois da intervenção do projeto Sonvela.....	60
Fonte: Fotografia fornecida pelo projeto Sonvela	
Figura 39 - Grafite feito pelo projeto Sonvela.....	60
Figura 40 - Planta com localização de postes de luz e esgotos	61
Figura 41 - Casa de Lata, Deolinda	62
Figura 42 - Casa de Lata, Rosa	63
Figura 43 - Casa de Lata, Celestina (Mamãe)	63
Figura 44 - Ambiente de rua.....	63
Figura 45 - Interior de uma habitação, relacionada com a vivência nas ruas	64
Fonte: https://www.sabinebraun.de/cap-verde	

Figura 46 - Cozinha de uma habitação inacabada, relacionada com a fachada das mesmas habitações	64
Fonte: https://www.sabinebraun.de/cap-verde	
Figura 47 - Fachada, inacabada, de uma habitação do projeto PACIM	65
Figura 48 - Entrada de habitação pertencente ao projeto PACIM	66
Figura 49 - Convívio na entrada de casa	66
Figura 50 - Convívio na entrada de uma casa de lata	66
Figura 51 - Localização de áreas sociais dentro das habitações.....	67
Figura 52 - Interior de uma casa de Lata, zona social compartilhada com a zona íntima	68
Figura 53 - Localização de zonas íntimas dentro das habitações	68
Figura 54 - Localização de áreas destinadas à cozinha dentro das habitações.....	69
Figura 55 - Localização destinadas às instalações sanitárias dentro das habitações	70
Figura 56 - Diagrama referente à importância do quintal na maioria das habitações.....	71
Figura 57 - Quintal da casa de lata da Dona Rosa	71
Figura 58 - Quintal de uma casa de lata destinado às plantas e tratamento das roupas	72
Figura 59 - Cobertura utilizado como cobertura e espaço de armazenamento	72
Figura 60 - Quintal de uma casa pertencente ao projeto PACIM.....	72
Figura 61 - Interior do quarto ,no piso do terraço, com cobertura em lata	73
Figura 62 - Vista de terraços inacabados e Monte de Cara.....	73
Figura 63 - Espaço de criação de animais no terraço.....	73
Figura 64 - Segundo Piso em lata.....	73
Figura 65 - Diagrama referente à agregação no espaço público	76
Figura 66 - Planta com referência dos pontos de maior afluência no bairro	81
Figura 67 - Diagrama com proposta para as ruas do bairro	82
Figura 68 - Projeto de Integração Urbana Nordeste em Medellín, Colômbia.	82
Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-138747/premio-veronica-rudge-green-de-desenho-urbano-anuncia-os-vencedores-de-2013/52223102e8e44e5e73000068-winners-announced-for-2013-veronica-rudge-green-prize-in-urban-design-photo	
Figura 69 - Planta com a identificação do carácter dos arruamentos	84
Figura 70 - Ritual dos Bijagós na ilha Bubaque	85
Fonte: http://www.africa-turismo.com/guine-bissau/bijagos.htm	
Figura 71 - Desfile de Mandingas	86
Fonte: http://www.rtc.cv/carnaval/index.php?paginas=12&id_cod=10024	
Figura 72 - Planta da proposta de ampliação da exposição, em comparação com a existente	87

Figura 73 - Diagrama referente à vivência atual nas ruas e à vivência idealizada para a exposição	88
---	----

Índice de Tabelas

Table 1 - Evolução da população de São Vicente entre 1990-2016	55
--	----

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação de mestrado integrado em arquitetura debruça-se sobre a requalificação de bairros em situação de precariedade. O estudo de caso incidirá sobre um bairro, a Ilha d'Madeira, localizado na ilha de São Vicente, em Cabo Verde.

Na escolha deste tema pesou muito o facto de estar a fazer o mestrado em Arquitetura. Sendo natural de São Vicente e desde há muito dedicar particular atenção às questões sociais e, sobretudo, habitacionais, a possibilidade de aproveitar este momento decisivo da minha trajetória universitária para estudar e aprofundar um tema interessante do ponto de vista pessoal, mas também para o meu país.

A ideia que orientará o desenvolvimento desta pesquisa será a requalificação dos bairros espontâneos e irregulares, submetendo-os a uma nova política urbana e habitacional que, sem rupturas com o passado, proporcione aos seus habitantes uma melhoria das condições de habitabilidade a que têm direito. Isto, porque todos têm direito a uma habitação digna de viver e sobretudo segura.

Sabe-se que este fenómeno tem um grande impacte, não só a nível urbano, mas também a nível social e económico, sobretudo no novo contexto de Cabo Verde como país independente onde o estado é chamado a desempenhar um papel mais interveniente. Estado, mas também outras entidade públicas e privadas, sem esquecer a própria população. Há autores que salientam a emergência do problema da falta de habitação devido às migrações do campo para as cidades provocadas pela revolução industrial. Este fenómeno migratório determinou um crescimento acelerado das cidades.

Subjacente a esta questão está o debate entre os defensores das políticas de renovação urbana e entre os que defendem políticas urbanas centradas na reconversão e requalificação dos territórios urbanos. Este vem a ser um dos conceitos que apoiam a tese, ou seja, devido ao desenvolvimento de favelas e bairros precários põe-se em questão as condições dos alojamentos precários, tendo como solução a destruição total e construção de base ou aproveitamento do território e melhoramento do mesmo, com base na valorização de uma habitação e necessidade de ter uma habitação digna.

Objetivos

Com base na história e cultura que, de alguma forma caracteriza Ribeira Bote e o seu bairro Ilha d'Madeira, é questionado o porquê deste bairro ter certas características que o excluem, a um nível social, do resto da cidade. Esta exclusão social desencadeia acontecimentos ou mesmo consequências negativas no que toca as habitações, a segurança e a convivência no bairro.

Os objetivos deste estudo, para além dos que se relacionam com o contributo para o conhecimento e a valorização da Ilha d'Madeira, estão diretamente relacionados com a comunidade, a cultura e a identidade.

Por um lado, pretende-se perceber como o carácter urbano do bairro se organiza, a partir de um trabalho mais sensível de levantamento do local, um trabalho de campo e, por outro, compreender qual o potencial do mesmo e a que ponto poderá ser benéfico na questão da inclusão social. Assim, este estudo tem como foco principal o caminho da regeneração tendencialmente natural do bairro com a percepção e compreensão da influência da melhoria da identidade na melhoria da habitação. Com as estratégias pretende-se conseguir perceber como promover uma melhor segurança tanto diurna como noturna, dando assim uma imagem mais positiva do bairro, tendo em conta as carências e as expectativas da comunidade.

Metodologia

A metodologia adotada para elaborar esta dissertação de mestrado em Arquitetura consistiu em várias técnicas de recolha de dados e informações.

Em primeiro lugar, foi feito um levantamento bibliográfico no que respeita uma introdução ao tema dos bairros informais e alguns desenvolvimentos mais teóricos. Esses levantamentos foram importantes para o desenvolvimento da evolução urbana em Cabo Verde, nomeadamente em São Vicente. Porém, uma grande parte do levantamento histórico foi obtido através de depoimentos de pessoas que conhecem o local há bastante tempo, devido à falta de documentação escrita sobre o local em estudo.

Tendo em conta que, Cabo Verde, por ser um país em desenvolvimento e por ter muitos bairros precários, as informações oficiais e transcritas são escassas. Portanto, a internet, foi igualmente um importante meio de recolha de dados.

O facto do bairro Ilha d'Madeira estar ligado à cidade mas de alguma forma ser excluída socialmente, faz com que os habitantes do bairro se sintam inseguros resultando numa estrutura marginalizada. Embora o bairro, durante o dia, não seja tão inseguro quanto a noite, os ocupantes reagem à presença de estranhos, pelo facto de existirem diferenças tanto sociais, urbanos como psicológicos com o resto da cidade.

O trabalho de campo foi feito em duas fases. Numa primeira fase, foram feitas visitas regulares ao bairro, com o intuito de ganhar familiaridade e confiança por parte dos ocupantes do bairro, seguido de um levantamento fotográfico. Numa segunda fase, as visitas tornaram-se mais “íntimas” com o espaço e os habitantes permitindo o contacto direto com as pessoas do bairro. Este contacto consistiu em passar algum tempo com os habitantes, ouvindo opiniões e histórias sobre o bairro, abrangendo os aspetos positivos e negativos do mesmo.

O processo de recolha de informação acabou por desencadear várias conversas informais que foram relevantes para o desenvolvimento do trabalho. Deste contacto e da cumplicidade estabelecida com os moradores, seguiram-se visitas às habitações dos mesmos moradores, passando ao espaço privado dos mesmos. Dito isto, foi possível trocar ideias sobre as habitações e conhece-las melhor, tendo a oportunidade de visitar um número de habitações com características diferentes, porém, com a distribuição semelhante das tipologias.

Organização

A reflexão integra quatro partes: uma primeira de introdução ao tema e definição de conceitos e ideias-chave para a boa compreensão do objetivo; uma segunda de apresentação do caso de estudo – São Vicente; uma terceira de aprofundamento ao caso de estudo – Ilha d'Madeira – e abordagem à situação atual do caso e uma última de discussão e proposta de soluções a um âmbito metodológico tendo em vista contribuir para uma possível intervenção no caso de estudo.

A primeira parte – Requalificação | Regeneração | Renovação – consiste na compreensão e formulação de sínteses ou conceitos que servirão para a construção de um ponto de vista próprio que sustenta a reflexão e decisões tomadas nos capítulos seguintes. Parte de uma contextualização e introdução ao tema a nível mundial e a reflexão de três conceitos que apoiam o desenvolvimento, referindo os atores envolvidos.

A segunda parte – Evolução urbana em Cabo Verde | São Vicente – consiste na

compreensão da cidade do Mindelo partindo de uma caracterização urbana da cidade com uma análise tanto urbana como arquitetónica. Para melhor compreensão da cidade do Mindelo e suas características foi necessário recuar no tempo e ter uma melhor perspectiva de como se deu a expansão da cidade que inicialmente foi planeada e como se originaram a parte não planeada e espontânea da cidade. Recuo este que tem como base uma leitura cartográfica e observação dos acontecimentos mais relevantes.

Na terceira parte – Bairro Ilha d'Madeira | Potencial de regeneração e integração social – particulariza-se o caso da Ilha d'Madeira, começando por situa-la a nível temporal e histórico, referindo algumas características do território onde se assenta. Analisa-se também o carácter urbano e social de forma a perceber a situação atual, complementada de inquéritos e questionários feitos aos moradores. Nesta perspectiva, será feita uma análise demográfica de modo a perceber quais os equipamentos sociais existentes e quais equipamentos fariam sentido de existir neste bairro. Estes são essenciais para perceber como são as tipologias de habitação neste bairro, tentando encontrar um padrão, desde o interior ao espaço exterior. O conjunto dos factores discutidos ao longo dos capítulos desenvolvem a problemática da exclusão social e da pobreza.

As três primeiras partes possibilitaram reunir na quarta parte – Proposta de regeneração e integração social – os recursos necessários para a formulação de metodologias e estratégias de intervenção que contribuem para a regeneração e requalificação a nível urbano e social. Fundamentada por análises e reflexões sobre as diversas experiências e abordagens, procura-se ter conhecimentos sobre as tipologias e soluções de ocupação realizadas pela própria população e como essas propostas estratégicas poderão tirar partido das mesmas.

1. Requalificação | Regeneração | Renovação

Os bairros de carácter informal são hoje, um problema para as cidades, por existir grande carência de conexão em relação à cidade, deterioração das suas construções, carência de infraestruturas, marginalização dos seus habitantes, entre outros problemas que são característicos deste tipo de ocupação do terreno. A sua localização periférica garante, não só um afastamento físico, mas também um afastamento socioeconómico em relação à heterogeneidade dos outros espaços que formam a cidade. A identidade de um bairro, de uma cidade, passa por uma adaptação do espaço, pela forma como o indivíduo interioriza esse espaço, como age e reage nele, como quer vê-lo, e isso, exprime-se nas relações que os indivíduos estabelecem nesse espaço.

1.1. *Aglomerados de natureza informal*

Desde a origem das cidades, estas foram sempre distinguidas pela definição de diferentes hierarquias na sociedade. Divisões estas que abrangem o trabalho e a própria morfologia urbana. À medida que as cidades se começam a expandir e a população começa a aumentar, começam-se a ser ocupados territórios que ficam na periferia do centro da cidade. Foi então, a partir da década de 1820, que o reconhecimento dos assentamentos informais foi estabelecido, provavelmente pelo facto de existir uma melhoria nos assentamentos onde foi possível distinguir os assentamentos informais de outras partes das cidades. (UN-HABITAT, *The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements*, 2003)

Estas ocupações, conhecidas como bairros precários e favela no Brasil, nem sempre são legais e seguem um planeamento urbano próprio e espontâneo, que se distancia bastante de um planeamento urbano oficial. Facto este, que acaba por ter um impacto, muitas vezes, negativo sobre a visão da cidade. Com o aumento das cidades, da pobreza e da diferença social, os bairros têm-se alastrado cada vez mais em torno dos centros da cidade, a nível global. Uma estimativa feita pelo UN-HABITAT, em 2003, define que aproximadamente 924 milhões de pessoas viviam em bairros precários a nível mundial. Sendo este acontecimento irreversível, pode-se afirmar que este fenómeno tem a tendência de aumentar cada vez mais. (UN-HABITAT, 2003, p. 36-37)

Os aglomerados com características de bairro informal surgem de forma espontânea em áreas de génese ilegal e sem qualquer tipo de planeamento, onde o espaço público não é tido em conta e as tipologias, na sua formação, geralmente são de barraca. A água

potável, o saneamento básico dentre outras infraestruturas geralmente é de difícil acesso. A natureza informal dos bairros são caracterizados pela má qualidade e a precariedade dos assentamentos, dispostos no terreno de forma quase que intuitiva formando assim ruas estreitas, por vezes inacessível à rede viária e criando labirintos entre as habitações. A pobreza, que hoje em dia é um dos maiores problemas sociais, afeta grande parte da população mundial atingindo muitos dos centros urbanos devido à incapacidade de incorporar o fluxo de pessoas que migram das zonas rurais. Portanto, os bairros tornam-se numa das únicas opções para pessoas que não têm uma grande capacidade financeira para comprar terrenos ou casas com melhores condições. (UN-HABITAT, 2003, pp. 36-37)

“Urban inequality in the Third World is visible even from space: satellite reconnaissance of Nairobi reveals that more than half of the population lives on just 18 percent of the city area.” (Davis, 2006, p. 95)

Tendo em conta que a escala e a diversidade dos bairros aumentam cada vez mais, a destruição de certos bairros torna-se cada vez mais um grande obstáculo. Neste contexto, há a procura do chamado *slum upgrading*, que consiste na requalificação de bairros, respondendo às necessidades da população, tendo em conta que há uma grande necessidade de espaços públicos, de melhoramento das redes de água e saneamento, de energia, de transportes, das acessibilidades e da mobilidade e melhoramento das habitações. A nível global, nas ultimas décadas, existem várias entidades interessadas no estudo deste problema, tendo assim diversas propostas com o objetivo de inverter a situação e melhorá-la. (UN-HABITAT, The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements, 2003)



Figura 1 - Assentamentos precários em Nairobi, 2013



Figura 2 - Assentamentos Precários em Dharavi, Mumbai, 2016

A auto construção caracteriza a maior parte dos bairros desta natureza, com condições precárias e recursos económicos insuficientes e, por vezes ausentes, com materiais que sejam acessíveis. Ao contrário da auto construção, este fenómeno de criação de bairros precários ou bairros de lata chegam a alastrar-se em bairros degradados. (UN-HABITAT, The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements, 2003)



Figura 3 - Quinta Monroy, Iquique by Elemental, Chile, 2014

O projeto para a Quinta Monroy, em Chile, é um exemplo do que Turner defende quando fala que ao passar as responsabilidades de alguns pontos sobre a adaptação das habitações, estes aceitam o projeto como um investimento para a vida toda tendo a possibilidade de expandi-lo e adaptá-lo consoante as necessidades. A intervenção no terreno que estava na mira da especulação imobiliária, tornou-se numa das habitações sociais mais conhecidas. (Delaqua, 2012)

O conceito do projeto baseia-se na construção de habitações divididas em dois andares, com equipamentos essenciais estruturados para receberem futuras expansões. O objetivo do projeto fundamentou-se na motivação aos próprios habitantes a transformarem dinamicamente uma simples solução, que responda às necessidades básicas do indivíduo, numa casa. Respeito à terra, não tendo um impacto visual mas sim conceitual e espiritual. (Delaqua, 2012)

“Em resumo, quando se tem fundos para fazer somente metade do projeto, qual se faz? Optamos por fazer aquela metade que uma família, individualmente, nunca poderá alcançar, por mais tempo, esforço e dinheiro que se invista. E é dessa forma que procuramos responder com ferramentas próprias da arquitetura a uma pergunta não-arquitetónica: como superar a pobreza.” Alejandro Aravena



Figura 4 - Participação dos moradores no desenvolvimento das estratégias de requalificação, Índia, 2009



Figura 5 - Colagem da implementação e customização das casas, Índia, 2009



Figura 6 - Participação dos moradores no desenvolvimento do projeto, Índia, 2009

O projeto do Arquiteto Filipe Balestra e Sara Göransson, apoia-se na participação dos moradores para a requalificação do bairro de lata Yerawada, que fica na periferia da cidade Bombaim em Índia. Este projeto surgiu na necessidade de realojamento de pessoas que ocupavam terrenos destinados a construções de edifícios hospitalares. (Fairs, 2009)

Esta intervenção tem um grande impacto a nível comunitário, pois acarreta um papel participativo na elaboração dos melhoramentos do bairro, respeitando a história, o pré-existente e a organização do bairro, sem destruir os percursos e a malha existente. A melhoria da qualidade de vida da comunidade consiste num projeto em que foram desenvolvidas três tipologias básicas distintas, dando assim a possibilidade aos moradores de escolherem o melhor para o conforto de cada um. Todas estas tipologias dão abertura ao

morador, de transformar os espaços, consoante o tempo, como bem entender e sentir necessidade. (Fairs, 2009)

Cabo Verde, como país em desenvolvimento e com uma grande parte da população desfavorecida, passa igualmente pelo problema de não conseguir controlar a grande ocupação dos assentamentos precários nas periferias das cidades. Existem vários bairros que se agregam à cidade próxima e vivem dela, porém, seguem uma organização própria mesmo na inexistência de um devido planeamento urbano. São Vicente, como qualquer outra ilha ou país possui um variado número de materiais que podem ser utilizados para construção. Construção, que pode ou não ser acompanhada de uma intervenção da comunidade.

1.2. Bairros de natureza social

A natureza social dos bairros nem sempre segue o caminho dos bairros informais. Estes bairros sociais acarretam problemas ao nível social e habitacional que desenvolve as limitações nas intervenções previamente planeadas.

“Nem todos os bairros de lata são invasores ou assentamentos ilegais, e nem todos os assentamentos ilegais ou invasores são bairros de lata.” (UN-HABITAT, *The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements*, 2003, p. 92)

Neste contexto, com o crescimento da população, os centros urbanos tornaram-se mais populosos, dando origem a um crescimento urbano repentino, de forma negativa. Estes problemas urbanos são refletidos diretamente na vida social dos bairros que, por sua vez, são o resultado deste crescimento descontrolado das cidades. A parte social dos bairros torna-se vulnerável uma vez que não existe um atendimento cuidado às necessidades de sobrevivência dos ocupantes, mais precisamente na área habitacional. Os moradores das casas precárias, nem sempre conseguem um assentamento que atenda a todas as necessidades básicas que um indivíduo necessita, nomeadamente assentamentos seguros. (UN-HABITAT, *The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements*, 2003)

Contudo, as pessoas que moram em assentamentos precários muitas vezes criam uma relação com o lugar onde moram. As razões deste apego envolvem a solidariedade da comunidade e dos parentes bem como o facto de o assentamento ter sido herança de um parente próximo como é o caso da entrevistada Ana Maria que herdou a casa da mãe e manteve a habitação intacta, herdando também o trabalho da mãe, como “lavadeira de roupa”. Este apego em relação à habitação, muitas vezes dificulta o seu melhoramento, porém pode-se considerar que a participação nas requalificações podem ser valiosas, uma vez que os habitantes podem fazer parte da mudança das suas vidas.

No entanto, como solução de melhoramento dos assentamentos e do bairro, são criados bairros sociais. Estes, chamados, bairros sociais são a resposta das entidades políticas ao reagrupamento de populações menos favorecidas num mesmo espaço geográfico. Frequentemente a concepção de bairros sociais resultam de uma inexistência de preocupação social e cultural, limitando-se somente à construção, deslocação da população e benefícios direcionados às entidades públicas. Com isso, a questão da identidade e da

cultura dos bairros são extremamente afetados, criando confrontos entre a comunidade e diretamente como os responsáveis.

In the rest of the Third World, the idea of an interventionist state strongly committed to social housing and job development seems either a hallucination or a bad joke, because governments long ago abdicated any serious effort to combat slums and redress urban marginality. (Davis, 2006, p. 62)

Os bairros sociais por vezes chegam ao estado de degradação devido às consequências da renovação urbana ou da “não conclusão” de certos edifícios levando-os ao abandono. Apesar de ter tido um planeamento e pensamento na intervenção dos bairros, levam a população com poucos recursos a se deslocarem para estes locais criando bairros de lata verticais (figura 8). A dimensão social engloba áreas que caracterizam este tipo de assentamentos. A mesma engloba áreas como a saúde, educação, acesso à alimentação. No entanto, os bairros facilmente são direcionados à criminalidade que pode atingir níveis elevados devido à falta de vigilância, manutenção e atenção. A educação e a saúde são essenciais no que diz respeito à união, informação e participação por parte dos habitantes dos bairros. Estes fazem parte da estrutura que mantém o bairro, a estrutura social, porém, na ausência desta estrutura, há uma caída pelos mais jovens na criminalidade. A atividade criminosa, por sua vez, está diretamente relacionada com a insegurança sentida pelo resto da comunidade. A exclusão social provocada pelos conflitos sociais que abrangem as envolventes e o próprio bairro, leva o bairro a ter uma imagem marginal e criminosa o que gera descontentamento dos moradores do bairro. (Lefebvre, 1968)

No entanto, não encontramos somente pessoas com tendências criminosas. Podem existir pessoas de diversos estatutos sociais, como é o caso de Ribeira Bote, como professores, artistas, cantores. A carência, frequentemente, é o centro dos problemas dos bairros sociais uma vez que, como sugere James Q. Wilson e George L. Kelling na teoria das janelas partidas, as áreas com menos cuidados podem ser as mais oportunas para o desenvolvimento da criminalidade. Portanto, o importante seria resolver os problemas à medida que estes aparecem de forma a diminuir estragos maiores e evitar a invasão de lugares abandonados ou degradados. (Kelling & Wilson, 1982)



Figura 7 - Conjunto habitacional precário em Hong Kong



Figura 8 - Torre David em Caracas, Venezuela. Edifício atualmente com carácter de bairro de lata vertical

Figura 9 - Torre David em Caracas, Venezuela. Edifício atualmente com carácter de bairro de lata vertical.

Neste contexto, John F. Turner, arquiteto britânico, afirma que “a variedade do sistema deverá ser pelo menos tão grande quanto a variedade do sistema a ser controlado”¹, reconhecendo que existindo uma variedade de situações nos bairros precários sem um devido planeamento prévio, a resposta a estas situações torna-se desafiante. O autor refere a esses assentamentos como sendo a solução e não o problema, considerando que estas construções adotam uma adaptabilidade, que as permite adaptar à alteração socioeconómica dos habitantes. Ou seja, uma vez que, o poder passa para os habitantes, o

¹Turner, J. F. (2009). *Housing by people*. London: Marion Boyars Publishers Ltd., p. 32.

autor defende a falta de planeamento prévio. O *empowerment*² das comunidades, ao ver de Turner, ganha importância e força, uma vez que ao passar a responsabilidade e o poder de decisão para os habitantes, haverá uma melhoria na relação que existe entre as expectativas e os resultados, fortificando a relação entre o habitante e a obra, uma vez que, os habitantes, neste contexto, têm a última palavra em relação ao seu espaço. Na questão do investimento por parte dos habitantes, este torna-se necessário, porém, deverá ser fiscalizado visto que a valorização dos resultados são muitas vezes originários do esforço por parte do habitante, com o objetivo de desenvolver uma aprendizagem mútua. (Turner, 2009)

“When dwellers control the major decisions and are free to make their own contributions to the design, construction or management of their housing, both the process and the environment produced stimulate individual and social well-being. When people have no control over, nor responsibility for key decisions in the housing process, on the other hand, dwelling environments may instead become a barrier to personal fulfilment and a burden on the economy.”³

A participação no processo de requalificação de um bairro é essencial para reestabelecer a relação entre as pessoas e o lugar, prosperando o sentimento de comunidade e identidade. Este fenómeno melhora a capacitação e a educação dos participantes, contudo, é necessário estar consciente que o objetivo seja a melhoria do bairro precário de uma forma eficaz para que não se torne numa “perda de tempo e eficiência” (Abrams, 1966, p. 174). Dito isto, o envolvimento das entidades é igualmente necessário com um certo nível de supervisão e gestão. (Lefebvre, 1968)

² Empowerment consiste na participação dos beneficiários nos projetos, tendo maior autonomia de decisão e responsabilidade fortalecendo as próprias suas capacidades.

³ Jones, P., Petrescu, D., & Till, J. (2005). *Architecture and Participation*. Nova Iorque: Taylor and Francis.

1.3. Requalificação | Regeneração | Renovação

Como resposta aos diversos interesses da cidade, a lógica de intervenção urbana sofre mudanças no tempo, mas também se opõe a ideologias, que nem sempre são negociáveis. Como é o caso da renovação urbana, requalificação e regeneração. Com o objetivo de procurar soluções e propostas de intervenção, surgem conceitos que defendem ideologias opostas. Renovação, que pressupõe a supressão das construções, seguida, ou não, do realojamento dos seus ocupantes; e a Requalificação e Regeneração que consiste numa busca de melhoramento das condições desses assentamentos, recuperação de áreas urbanas degradadas e uma atribuição de novas funções a certos espaços. (Moura, Guerra, Seixas, & Freitas, 2006)

Com o desenvolvimento das cidades contemporâneas, Rem Koolhaas refere que existe uma perda de identidade histórica e homogeneização dos centros urbanos. O aumento da população levará ao esgotamento e desaparecimento da identidade como partilha do passado. Isto leva à correspondência de necessidades do momento, não precisando de manutenção mas sim de renovação e substituição. “Isto é fácil. Não necessita de manutenção.” A resolução dos problemas da cidade, do bairro seguem caminhos fáceis, em que as soluções, muitas vezes, se limitam à expansão e à destruição e renovação, diminuindo assim os “problemas de consciência” das entidades responsáveis. As grandes cidades expandem-se e tomam lugar das periferias urbanas e o espaço público é esquecido e desaparece dando lugar ao espaço destinado às deslocações e circulações, tornando o lugar numa cidade ou bairro sem história, em constante processo de renovação. (Koolhaas, 2010, pp. 32-35)

Portanto, o desenvolvimento destes assentamentos precários, a primeira ação governamental foi direcionada para a eliminação dos bairros precários e o desenvolvimento de leis que permitissem estas ações. No Brasil, o estado assistia ao crescimento das favelas sem qualquer intervenção que pudesse melhorar a inclusão social e o melhoramento das condições das favelas. Esta ideologia de renovação foi a mais defendida até os anos 60 a 70, sendo que, neste período, foi realizada a proposta de proibição da existência das favelas com objetivo de levá-las à extinção. No entanto, a política de renovação, como primeira solução para os bairros precários, é abandonada a partir de 1980. A renovação dos bairros é aplicada somente quando não existem outras alternativas. (Denaldi, 2003, pp. 44-49)

A política de renovação defende que espaços e territórios com certas características devem ser destruídas e demolidas, sendo acompanhada, ou não, de realojamentos dos habitantes. Porém, nem sempre estas medidas são as melhores pelo facto de que muitas vezes os realojamentos eram criticados devido a realojamentos em conjuntos habitacionais que se encontram nas periferias das cidades isoladas, onde o transportes era desprovido. Os bairros formados de forma espontânea, bairros precários, seguiam linhas totalmente opostas pois apesar de não terem um próprio planeamento urbano, estes encontravam-se próximos do centro da cidade, onde podiam ter acesso à saúde, educação, trabalho. Os realojamentos habitacionais, maioritariamente em construções em série, procuravam multiplicar as áreas direccionadas ao realojamento com um mínimo de curto, pelo que estavam em confronto ao modo de vida das pessoas que viviam estes espaços. Com o tempo, esses realojamentos tornaram-se num grande desafio, sendo que, a escala dos bairros precários aumentavam cada vez mais e tornava-se difícil arranjar alojamentos para uma grande parte da população, seguindo a política de renovação. Portanto, a renovação e o realojamento foram, muitas vezes, marcadas por contestações da população que ocupa esses espaços de habitação precária.



Figura 10 - Assentamento precário no Rio de Janeiro, Favela Rocinha, Brasil, 2012



Figura 11 - Assentamento precário no Rio de Janeiro, Favela Rocinha, Brasil, 2012

No Rio de Janeiro, o problema das favelas é dos mais notados. Existe uma grande problemática a nível das habitações e a nível da organização urbana, em que a renovação é uma das estratégias, que foi muitas vezes aplicada. Em 1893 o *Cabeça de Porco*, um dos maiores cortiços do Rio de Janeiro, foi destruído levando a aproximadamente 2000 pessoas a ficarem desalojadas. Neste caso, sem opção de realojamento, as pessoas desalojadas construíram barracas, utilizando a madeira dos cômodos, nos morros da cidade. Este acontecimento é marcado pelo insucesso da renovação posto que desencadeou a construção de assentamentos cada vez mais precários. (Conde & Magalhães, 2004, pp. 42-45)

Contudo, em 1956 surge a Lei das Favelas que proibiu, num período de dois anos, qualquer expulsão dos habitantes das favelas. Porém, entre 1960 e 1970 os habitantes foram obrigados a deixar as suas casas assim que o Estado construísse moradias populares seguindo a política de renovação. As tragédias provocadas por catástrofes naturais, também são uma das causas que levam à renovação e realojamento pois uma grande parte das favelas tiram partido da morfologia e fazem construções que podem ser consideradas como parte do terreno onde se fixam, ou seja, muitas moradias ficam localizadas em regiões consideradas inapropriadas para a habitação. Neste caso, como em outros, a renovação apresenta aspetos positivos e, em benefício da população, porém, a requalificação centra-se muito nos objetivos atuais, estabelecendo soluções para o melhoramento dos bairros precários. Desta forma, a renovação e a remoção de assentamentos precários, na maioria das vezes, apresentam factores negativos, em casos que estes geram a criação de assentamentos cada vez mais precários. Por essas razões, defendem a política de requalificação e regeneração de bairros e favelas. Os habitantes, mesmo vivendo num baixo nível social, e com baixas condições monetárias, acabam por criar uma identidade própria, frequentemente transmitida pela ideia de união comunitária, ponto que é muitas vezes esquecido e ignorado. (Gonçalves, p. 4)

Portanto, a política de reconversão e requalificação defende o oposto. Embora, na maioria das vezes, a solução passe pela destruição dos bairros, seguido da construção de habitações sociais e o realojamento dos habitantes do bairro, esta poderá não ser a forma mais apropriada de intervir nessas zonas. Desde a formação de agrupamento de habitações existem valores que as acompanham até aos dias de hoje. Um país, uma cidade, um território, um bairro, são comunidades com identidade e história própria e, por essas razões, há uma valorização do lugar defendendo o aproveitamento de melhoramento do espaço.

Demolir seria apagar a sua identidade e substituí-la por uma nova, que não acompanharia a comunidade que a vive e que a ocupa.

2. Evolução urbana em Cabo Verde | São Vicente

2.1. Caracterização urbana

A cidade do Mindelo que presenciamos atualmente, apresenta um notável nível de sectorização, consequente de uma justaposição de distintas lógicas de ocupação do espaço. O centro histórico corresponde a um tecido urbano que mantém referências das suas origens, ou seja, referências consolidadas e regulares com raízes clássicas, por ser a área mais antiga da ilha. A ocupação de forma espontânea e sem qualquer planeamento urbano prévio causa um visível desequilíbrio que forma uma cidade com uma estrutura complexa e dispersa.

“O fraco conhecimento dos procedimentos que é um reflexo da pouca transparência, as incertezas e a morosidade dos processos de atribuição de lotes para construção de habitação, por um lado, e a necessidade e a urgência das famílias em construir o seu lar, por outro, fazem com que estas recorram ao sector informal que lhes propõe lotes de terreno e mecanismos de autoconstrução a baixo custo e adaptados ao seu poder de compra e à urgência da sua situação. A construção informal/ilegal é precária e desvaloriza a paisagem.” (Nascimento, p. 1204)

Hoje a cidade revela uma grande carência de gestão das zonas onde existem assentamentos precários e ilegais. Os assentamentos precários tiveram uma grande evolução nos anos que seguiram a independência de Cabo Verde devido à falta de políticas de planeamento eficientes. Consequentemente, a carência de estratégias de estruturação do espaço urbano, bem como a política de habitação de solos. Com a falta de promoção legal e a falta de interesse, por parte das entidades públicas, em relação à melhoria das condições de habitabilidade, a população recorre a assentamentos ilegais e espontâneos (Silveira, 2011, pp. 4-5).

Mindelo, devido às inúmeras tentativas de imposição de planos urbanos completamente redigidos e organizados acabou por ter uma malha urbana em que os planos foram aplicados somente no centro colonial, devido aos assentamentos que foram aparecendo de forma espontânea. Portanto, encontra-se rodeado de zonas residenciais que aparentam uma ilusão de menor pobreza na cidade do que a situação real. Fora desta cintura colonial homogénea e próspera, encontram-se zonas com uma urbanização, que aparenta ser caótica. Este facto é bastante visível nos bairros mais distantes do centro, com um desenvolvimento e aparecimento relativamente recente. Nestes bairros é possível encontrar casas de tijolo ao lado de casas mais extravagantes, que normalmente são casas

de emigrantes, bem como essas mesmas casas ao lado de casas de lata. Depois de uma observação cautelosa à evolução e desenvolvimento da malha do Mindelo, é perceptível que quanto mais nos afastamos do centro colonial e da beira-mar, mais zonas pobres iremos encontrar. (Morais J. S., 2010)



Figura 12 - Planta com vista área, com a representação das vias principais no centro histórico e na envolvente

Os arruamentos e infraestruturas nem sempre são tidas como fatores importantes, quando há a formação dos bairros precários, ou seja, cada habitante, constrói o seu próprio lar delimitando espaços que por vezes são inutilizáveis para a sua organização. Portanto, não existe um sistema de loteamento, “mas sim um processo de loteamento individual e espontâneo por parte da população” (Silveira, 2011, p. 90).

As construções, na maioria das vezes, são feitas sobre terra batida, por falta de

urbanização, o que faz com que a mobilidade seja extremamente dificultada na época das chuvas devido ao arrastamento de detritos e formação das cheias⁴ formadas pela acumulação das águas das chuvas. Não só a circulação pedonal, mas também a circulação rodoviária é dificultada aquando de ocorrência destes fenómenos naturais. A não existência de preparação do terreno acaba por se refletir na procura de requalificação de alguns bairros precários, nomeadamente construção, arruamentos e equipamentos públicos. Em termos da fisionomia dos bairros, é possível demarcá-los pela cor cinzenta dos tijolos e falta de organização urbanística. Estas são características que definem a maior parte dos bairros em Cabo Verde, não deixando de mencionar que essas características são mutáveis consoante o bairro e o poder monetário dos habitantes (Silveira, 2011, p. 90).

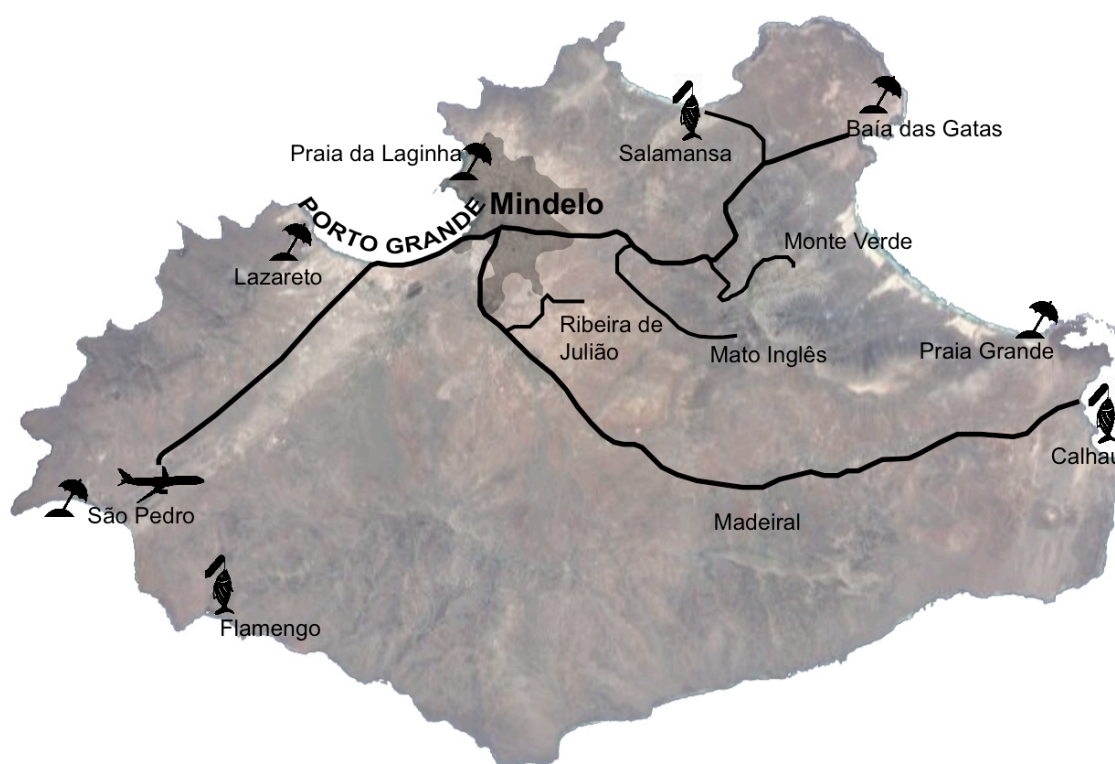


Figura 13 - Gráfico com referência às localizações importantes de São Vicente

A inexistência de um planeamento urbano tem um forte impacto nas condições habitacionais, nomeadamente na iluminação pública, que é escassa e quando existe é obtida clandestinamente. O fornecimento de água não existe, obrigando a população a recorrer a outros meios como por exemplo chafarizes. Muitas vezes é necessário o deslocamento de mulheres e crianças para o transporte de água às habitações. As construções são definidas por espaços mínimos em que não existem instalações sanitárias,

⁴ Cheias designam as correntes formadas pela água da chuva.

obrigando as pessoas a utilizar as vias públicas. (Silveira, 2011, pp. 90-92).

Esses assentamentos precários criados de forma espontânea e ilegal, muitas vezes são construídos a partir do método de autoconstrução evolutivo. Este método adapta-se ao rendimento das pessoas, e é apoiado pelo *djunta môn*, que consiste em juntar as mãos em português. Este método acaba por criar uma união da comunidade e por vezes têm o apoio organizações públicas (Silveira, 2011, p. 148).

2.2. Origem e expansão da cidade do Mindelo

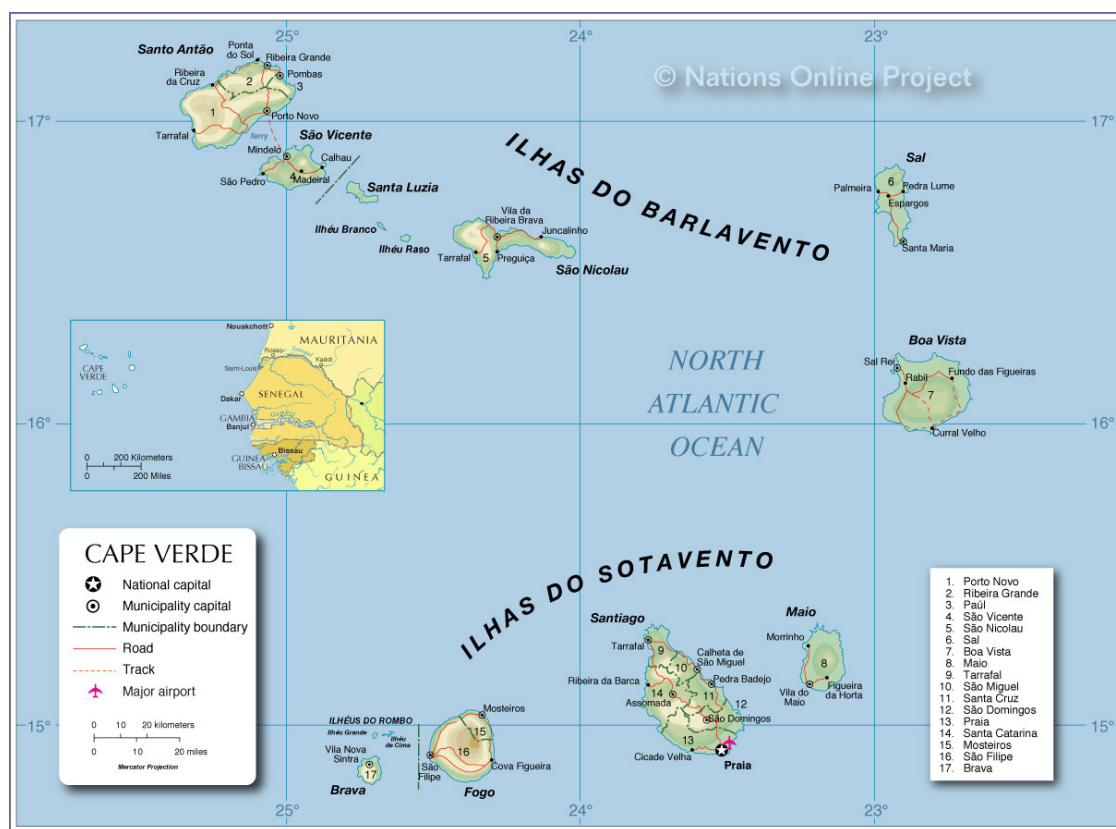


Figura 14 - Mapa de Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde foi descoberto “no ciclo das navegações portuguesas, em 1460 e 1462”⁵ a Oeste da costa ocidental do continente africano. A ilha de Santiago foi a primeira a ser ocupada e é a maior e a mais fértil do arquipélago com 991 km² de área fazendo parte do grupo de ilhas do Sotavento. São Vicente faz parte de uma das dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde, localizando-se no grupo do Barlavento, a noroeste. A ilha, de origem vulcânica, é a segunda mais populosa e tem como vizinha a ilha de Santo Antão e São Nicolau. Tendo somente duas estações: a seca e a húmida, o clima é considerado tropical seco, rondando os 24°C. (Almeida, 2009, p.31) A capital do arquipélago é a cidade da Praia, mas informalmente, a cidade do Mindelo é frequentemente considerada a “capital cultural de Cabo Verde”⁶.

⁵ Albuquerque, Luís de; Madeira dos Santos, Maria Emília (Coordenação) (1991) *História Geral de Cabo Verde*, Vol. 1, Lisboa e Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, p. 10.

⁶ MORAIS, J. S. (2010). *Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico*. Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, p. 8



Figura 15 - Posicionamento dos principais locais mencionados

Cabo Verde passou por um processo de povoamento desafiante pelo facto de, na época, existir pouco conhecimento sobre o gado e as plantas que se encontravam no arquipélago, onde as condições de sobrevivência eram praticamente impossíveis. Entretanto, o interesse pelo povoamento das ilhas debruçou-se sobre a sua importante posição estratégica como ponto de apoio às navegações transatlânticas. (Morais J. S., 2010)

A ilha foi descoberta pelo navegador português Diogo Gomes, a 22 de janeiro de 1462. Após o descobrimento, ficou desabitada por algum tempo, servindo de apoio à ilha de Santo Antão. Com a atividade portuária de grande importância, houve um aumento significativo da população e do comércio na ilha. (Morais J. S., 2010)

1790 – 1809

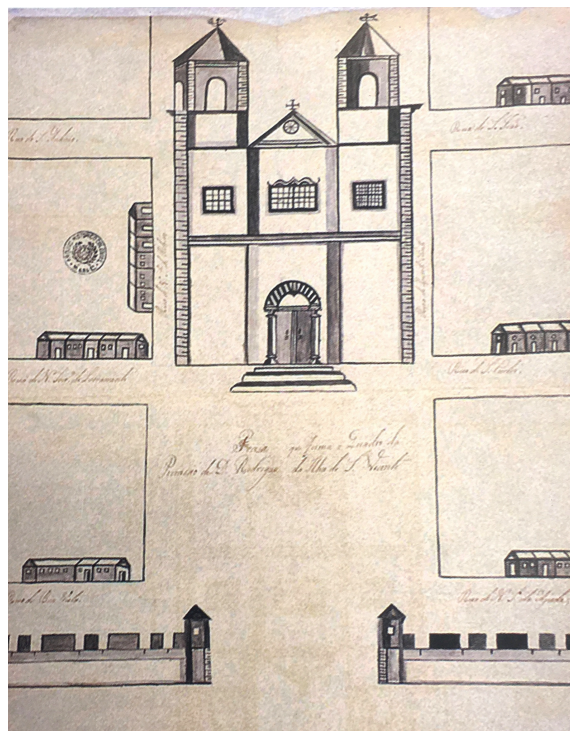
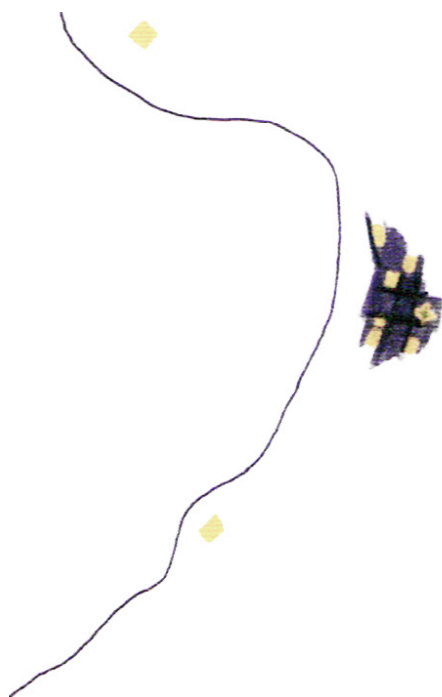


Figura 16 - Desenvolvimento da cidade de 1790 a 1809

Figura 17 - Povoação de D. Rodrigo na Ilha de S. Vicente

Sendo uma das últimas ilhas do arquipélago a ser povoada, São Vicente começa por desenvolver-se através da atividade portuária, tornando-se primeiramente num ponto de escala e abastecimento devido ao seu valor e posicionamento estratégico. Em 1781, houve uma tentativa de povoamento envolvendo populações originárias dos Açores e da Madeira, que fracassou devido a períodos de seca, perdendo assim os colonos que fogem para ilhas vizinhas. A primeira aldeia aparece à beira mar, Nossa Senhora da Luz, e em 1798 ganha o nome de Dom Rodrigo. (Fernandes, Janeiro, & Milheiro, 2014, p. 54)

No início do século XIX, a população atinge 200 habitantes tendo um impacto direto no aproveitamento do porto e no desenvolvimento da estrutura urbana. Como se pode observar na figura 8, começam-se a formar pequenos aglomerados e ruas tanto longitudinais como transversais. Um dos primeiros elementos a ser implantado no traçado é, segundo o autor Morais, “uma antiga capela dedicada a Nossa Senhora da Luz.” (Morais J. S., 2010, p. 39)

1810 – 1829

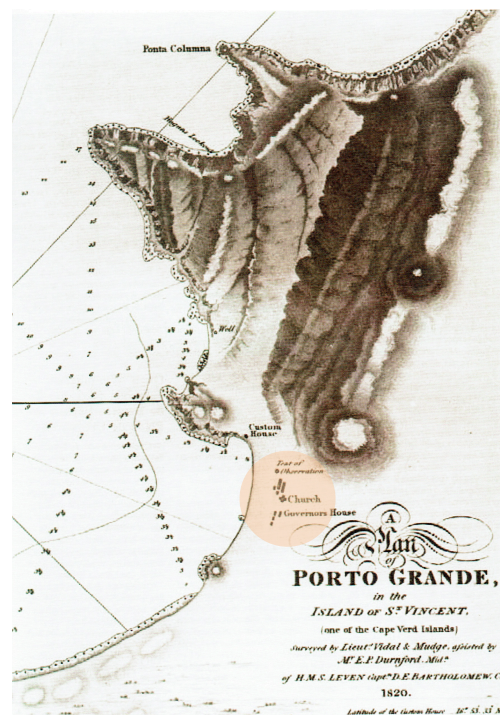
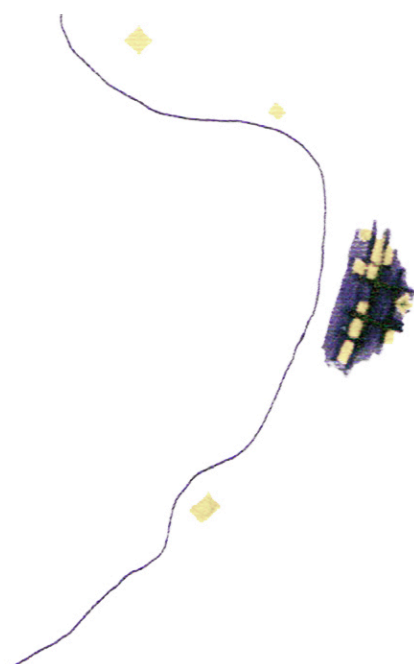


Figura 18 - Desenvolvimento da cidade de 1810 a 1829

Figura 19 - Porto Grande e a povoação de Leopoldina, 1819

Durante o processo de povoamento e desenvolvimento de São Vicente, houveram vários personagens que marcaram a história e a identidade da ilha e do arquipélago. António Pussich, Governador de Cabo Verde em 1818, foi um dos importantes personagens que contribuiu para o desenvolvimento das atividades piscatórias e agrícolas no arquipélago. Na cidade do Mindelo, teve um importante papel no desenvolvimento da povoação, que crescia nos arredores do porto de São Vicente. Com isso, muda o nome do núcleo habitacional da povoação para Leopoldina (figura 19). Este crescimento da povoação foi duplicado apenas 10 anos após o início da Governação de Pussich, atingindo assim 300 habitantes em 1830. (Morais J. S., 2010, pp. 42-43)

Tendo em conta o desenvolvimento urbano do Mindelo, segundo Moraes, “Verifica-se que já existia a Norte do porto uma alfândega, a Norte do aglomerado uma instalação militar (*tent of observation*), uma igreja e a casa do governador a sul da igreja, assim como outras sete casas.”. (Morais J. S., 2010, p. 44)

No desenho da povoação podemos verificar, que a parte urbana se S. Vicente começa a ganhar ortogonalidades com ruas e praças que começam a formar a identidade,

hoje, encontrada no local.

1830 – 1850



Figura 20 - Desenvolvimento da cidade de 1830 a 1850

Neste período a povoação ganha o nome de Mindelo, acompanhado de uma sugestão de plano de urbanização, uma vez que, a urbanização do arquipélago passa para segundos planos, devido à ausência de recursos para combater a fome de 1831 - 1833 e ao impacte causado (Figura 21). (Morais J. S., 2010, pp. 52-58)

Estes fenómenos desencadeiam a criação da povoação do Mindelo, em 1838, dinamizado por Marquês de Sá Bandeira, Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar. É então nesta época que surge interesse por parte do estado português de urbanizar com um plano de urbanização detalhado. O Decreto Régio que ordenava a criação da povoação, impunha construções executadas com regras e arborização controlada. No mesmo ano, foi feito um pacto entre os Ingleses e os Portugueses, permitindo assim a instalação de um depósito de carvão para o reabastecimento dos navios que passavam por S. Vicente nas suas rotas transatlânticas, fazendo com que o Porto Grande ganhasse mais importância. (Morais J. S., 2010, pp. 52-58 & Fernandes, 2005, p. 14)

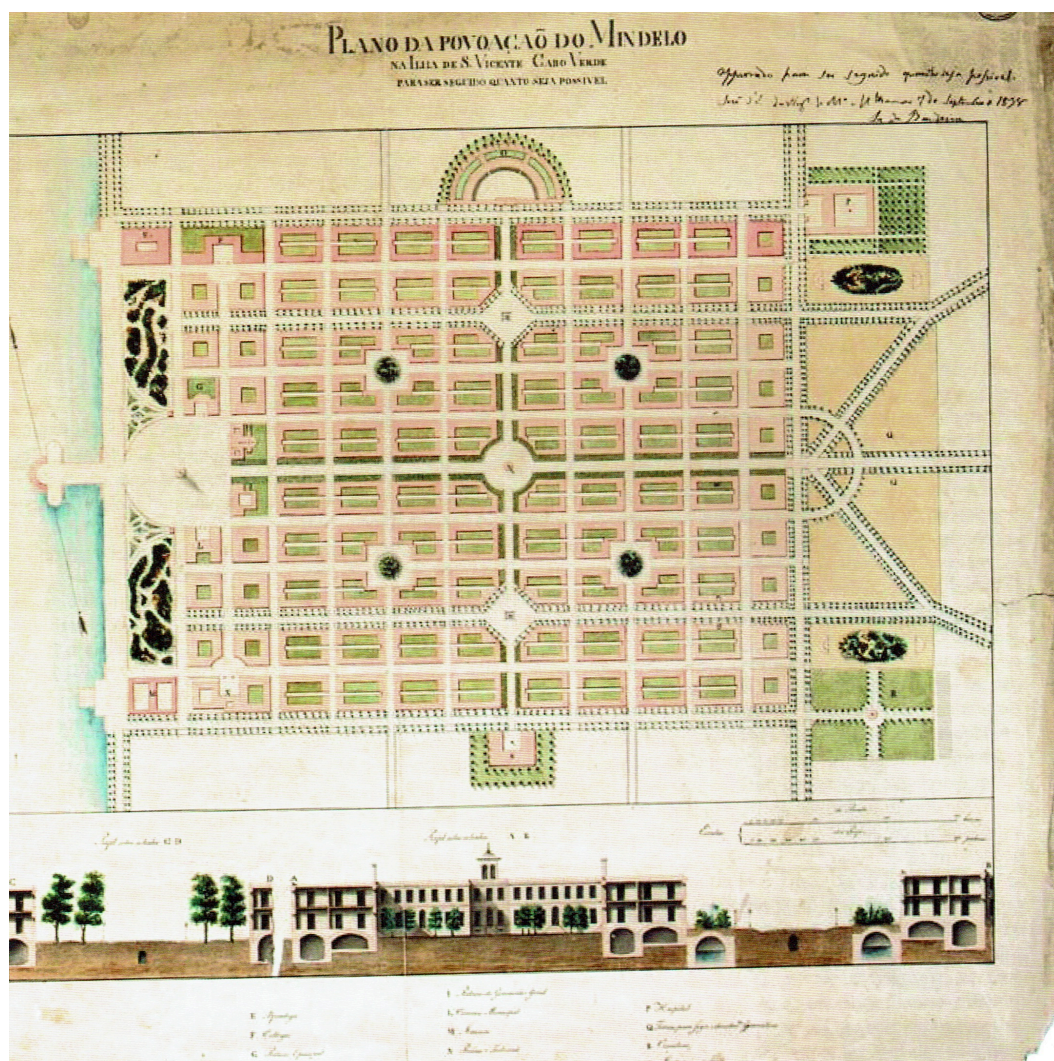


Figura 21 - Plano da Povoação do Mindelo, 1838

O plano detalhado de urbanização tinha o objetivo de organizar Mindelo por ruas de primeira e segunda ordem, travessas, praças, edifícios públicos e privados realçando um plano de traçado ortogonal e rígido com perímetro rectangular “(...) à maneira pragmática do século XIX” (Fernandes, 2005, p. 15). O plano da povoação do Mindelo envolvia bastantes detalhes que eram os objetivos para a vila que estava em desenvolvimento. (Morais J. S., 2010, pp. 52-58 & Fernandes, 2005, p. 15)

Como se pode observar na planta que acompanha este plano, a regularidade das ruas, praças e edifícios era uma das características essenciais para o desenvolvimento do mesmo, bem como a adaptação natural ao terreno. As ruas e os quarteirões abraçavam algumas praças estrategicamente situadas no cruzamento de alguns eixos perpendiculares. Nesta época já se projetava o cais que daria apoio à ilha e, mais propriamente dito, ao lado da povoação virada para o mar, juntamente com uma praça aberta ao mesmo. A arquitetura em si teria de ser simples. Porém, os edifícios particulares teriam que ser construídos a um

nível acima do resto dos edifícios, para mostrar e impor a importância e diferença destes edifícios. (Morais J. S., 2010, pp. 52-58)

A população teve um crescimento contínuo atingindo 553 habitantes no fim deste período. A abertura de Cabo Verde a navios estrangeiros, após o tratado assinado entre Portugal e Inglaterra, trouxe grandes vantagens para o arquipélago, nomeadamente a liberdade de comércio, navegação e a inauguração da atividade portuária. O crescimento repentino com a chegada de novos habitantes de Santo Antão levou à expansão espontânea e não planeada de edificações. Consequentemente, o plano da povoação do Mindelo nunca chegou a ser executado. (Morais J. S., 2010, p. 58)

Com a licença para o estabelecimento de um depósito de carvão, em terra, atribuído ao cônsul inglês John Rendall, Mindelo se rapidamente torna o centro atlântico da navegação marítima a vapor das grandes companhias inglesas e estrangeiras da época. (Morais J. S., 2010, p. 59)

1851 – 1879

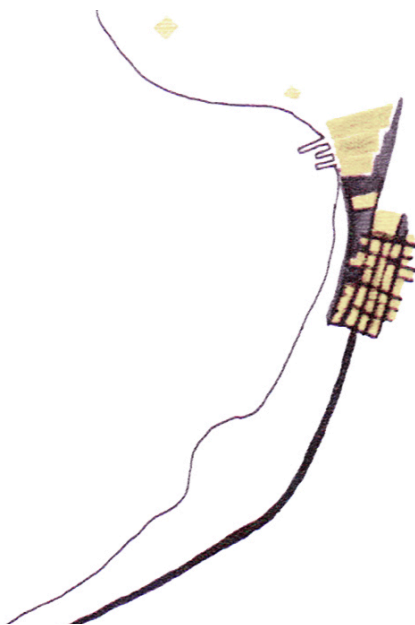


Figura 22 - Desenvolvimento da cidade de 1851 a 1879

São Vicente atinge um grande desenvolvimento a nível nacional, seguida pelo aumento significativo da população e desenvolvimento da tecnologia, nomeadamente a máquina a vapor. O desenvolvimento de algumas zonas e a expansão de outras é notório na planta. Neste período, as construções evidenciaram os edifícios de ordem pública que serviam de defesa à ilha, como é o caso da construção de um Fortim, o Fortim d'El Rei, no Monte da Pontinha. (Morais J. S., 2010, pp. 62-63 & Fernandes, 2005, p. 15)

Em 29 de Abril de 1858, a povoação do Mindelo é elevada à categoria de vila. O dinamismo do porto torna-se um dos responsáveis pelo desenvolvimento da atividade comercial e populacional e o abastecimento de carvão aos navios, que cruzam o Atlântico, conta com cinco companhias inglesas. Consequentemente, a vila conta com 911 fogos, 4 ruas, 4 travessas e 2 largos e a instalação novos edifício com fins comerciais, desde lojas a armazéns, padarias, talhos, botequins, hotéis (imagem 12). (Morais J. S., 2010, pp. 63-64 & Fernandes, Janeiro, & Milheiro, 2014, pp. 54-56)

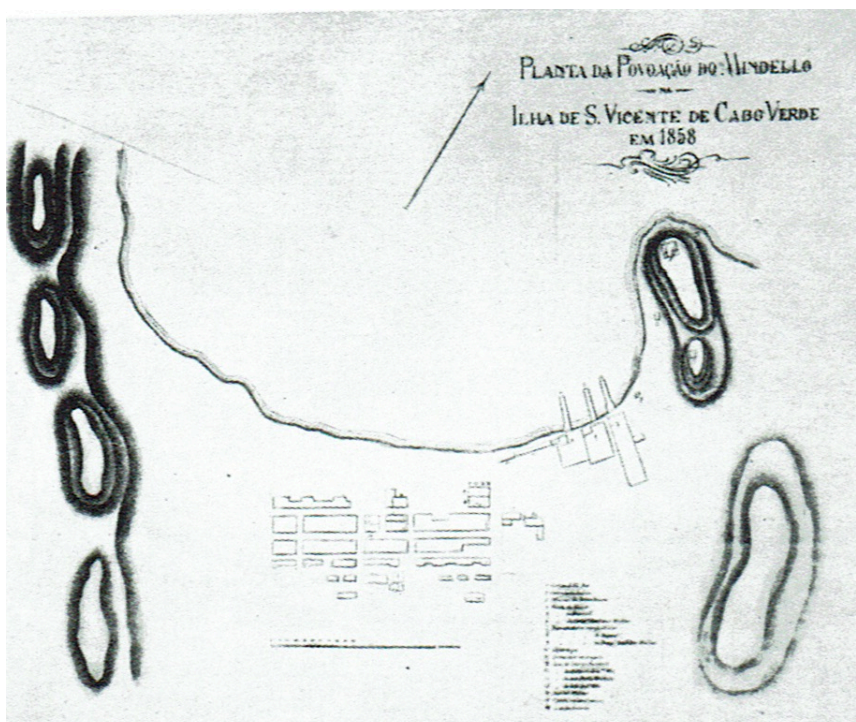


Figura 23 - Planta da Povoação do Mindelo, 1858

De 1862 a 1878, as construções tanto a nível habitacional como de edifícios públicos intensificam-se. O planeamento urbano tem um desenvolvimento considerável, iniciando com um programa de calcetamento das ruas. Em 1973, dá-se o início a construção da ponte-cais de aparecimento do carvão com os respectivos depósitos da Alfândega.(figura 12). O paisagismo e a preocupação com a boa forma começa a fazer parte do processo de desenvolvimento de Mindelo, com a obrigação, por parte do Município, da plantação de árvores em lugares específicos. (Morais J. S., 2010 & Fernandes, Janeiro, & Milheiro, 2014, pp. 54-56)

1880 - 1914



Figura 24 - Desenvolvimento da cidade de 1880 a 1914

Sendo a atividade portuária, a mais importante da época em São Vicente, com o seu desenvolvimento, houve uma implementação de novas infraestruturas urbanas na cidade. Ao longo desse período é verificado um novo desenho portuário e a ampliação do edifício da Alfândega. Considerando que os ingleses tinham uma presença dominante sobre a ilha, a arquitetura da ilha teve um grande reflexo da disposição urbana inglesa, tornando-se assim numa metrópole. “O lazer passou a ser uma prioridade no quadro cultural, havendo lugar para atividades como a música, a dança, refletindo-se nas várias praças da cidade”. (Morais J. S., 2010, p. 94) Dando-se assim o início da construção de uma praça, oficialmente nomeada de Serpa Pinto, mas conhecida por Praça Nova. (Morais J. S., 2010, p. 94)

A nível populacional, houve um crescimento de, segundo Moraes, 4000 para 10000 habitantes, dos quais o maior aumento deu-se entre 1889 e 1910. Este crescimento teve um impacto direto na vida urbana, no sentido em que se tornou num período denso de construções, ampliações e adaptações de grande parte dos edifícios. Perante este acontecimento, a instalação de postes de iluminação é iniciada em 1909. (Morais J. S., 2010, p. 95)



Figura 25 - Planta da cidade do Mindelo

Como é possível verificar na planta (figura 25), surge uma expansão a nível urbano, que origina o surgimento de pequenos aglomerados que se transformam em novos bairros, a partir de 1880, como Monte de Celerina, Lombo de Palha, Monte de Santo António e Alto Miramar (figura 24). Após a aprovação do “Regulamento para as edificações na cidade do Mindelo” e o “Plano geral de melhoramento da cidade do Mindelo”, em 1900 e 1911 respectivamente, foi definido o limite físico da área urbana da cidade. Desse modo, a estrutura urbana ganha clareza e intencionalidade. A cidade divide-se em dois territórios, que se complementam: a frente de mar que está na posse companhias inglesas que exploram o negócio do carvão e a cidade civil com casas arquitetonicamente planeadas de um a dois pisos e as infraestruturas notadamente o Quartel, Hospital, Paços do Concelho e Palácio do Governador. (Morais J. S., 2010, pp. 95-97)

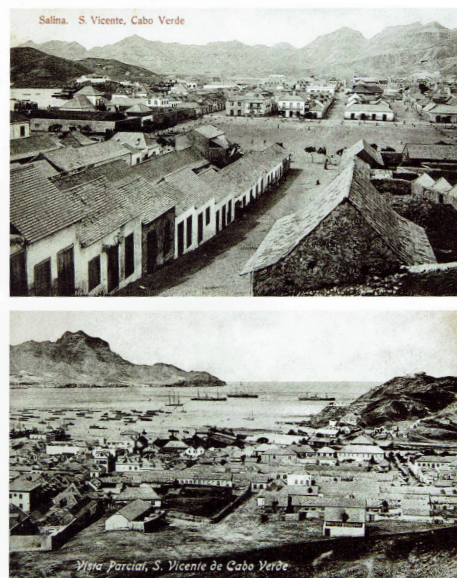


Figura 26 - Mindelo no final do século XIX

1915 – 1975



Figura 27 - Desenvolvimento da cidade de 1952 a 1959

Durante este período, São Vicente passa por uma fase de implementação de melhoramentos tanto a nível social e urbano como a nível económico. O arquipélago passa por crises de fome profundas que atingem a maioria da população. Com isso, o Porto

Grande começa a passar por um período de depressão, com um número cada vez mais baixo de navios mercantes que entram no Porto. (Morais J. S., 2010, pp. 120-121)



Figura 28 - Desenvolvimento da cidade de 1960 a 1975



Figura 29 - Carta geográfica da Cidade do Mindelo, 1940-50

A partir de 1919 há uma forte emigração proveniente de Santo Antão, aumentando significativamente a população. Com isso, apesar das normas e regulamentos para o planeamento urbano, os bairros na periferia crescem de forma desordenada e espontânea. Nomeadamente, em 1923 começam a haver pequenas construções de casas pobres no bairro Ribeira Bote. No centro, é criado o primeiro Liceu de Cabo Verde, o Cinema Éden-Park e o Mercado de peixe, três obras que marcam o centro histórico que é conhecido atualmente. A nível económico, este foi marcado por um “decréscimo drástico da atividade portuária e comercial” a partir do início da década de 30, com o abandono do Porto Grande por parte das companhias carvoeiras em 1958. Porém, surgem algumas indústrias tais como tabaco, sabão, óleos vegetais, entre outras. Na década de 60 as instalações antigas do Porto Grande são demolidas atribuindo uma nova cara à costa com o desenvolvimento da Avenida Marginal. (Morais J. S., 2010, pp. 121-154)

O aparecimento de, cada vez, mais bairros despertou uma certa preocupação com as condições do Mindelo para receber visitantes e, com isso, começaram os processos de elaboração de um novo Plano de Urbanização do Mindelo, com planos parciais da Arquiteta Caria. (Morais J. S., 2010, pp. 121-154)

A independência de Cabo Verde marca o término deste período em 1975. (Morais J. S., 2010, p. 155)

2.3. Origem e história de Ribeira Bote

Ribeira Bote, que surge como bairro relacionado à imigração rural para a cidade, é uma zona localizada na periferia da cidade do Mindelo, em São Vicente e, segundo o censo de 2010, conta com 3956 habitantes. (Graça, 2013)

Como se viu anteriormente, em 1923, foi o ano em que Ribeira Bote começou a se desenvolver com construções de casas pobres e com uma ocupação dominante de operários de armazéns carvoeiros. Pescadores, carpinteiros e sapateiros conformavam os restantes habitantes deste bairro. Hoje, a zona é composta por uma comunidade mista mas que põe em evidência jovens e agregados familiares numerosos, como é o caso de algumas das pessoas entrevistadas para a presente investigação. (Morais J. S., 2010)

A expansão do bairro de Ribeira Bote foi associado ao bairro vizinho, bairro Ilha d'Madeira, desenvolvido na encosta nascente. No início dos anos 20, a zona era constituída por 200 habitações de telha e cimento. A população, humilde e trabalhadora, sempre viveu em função ao mar e ao porto posicionado no limite da cidade. Com o passar dos anos, a população, que provinha das ilhas da Boa Vista e Santo Antão e que constitui a maioria da população do bairro, aumentou, causando repercussões diretas nas habitações da zona. Habitações estas, que marcavam alguma diferença entre os prédios novos, as casas de linha tradicional e as modernas de cimento armado e terraços. (Morais J. S., 2010, p. 121 & Graça, 2013)



Figura 30 - Casa de emigrante, Projeto PACIM, Casa de lata

Os factores anteriormente citados tornam Ribeira Bote historicamente importante, mas após a oposição à entrada das tropas portuguesas, o bairro tornou-se a primeira “Zona Liberada” em Cabo Verde depois de ter dado o seu primeiro “grito de liberdade”. Diz-se que o nome Ribeira Bote surgiu porque esta zona servia de estaleiro para a construção de barcos de madeira, botes e escaleres, no tempo colonial. Estes serviam a baía do Porto Grande e às outras ilhas do arquipélago. (Morais J. S., 2010)

A localização de Ribeira Bote beneficia de uma variedade de infraestruturas importantes que influenciam na melhoria da qualidade de vida dos moradores. No entanto, passa constantemente por problemas de ordem social que afetam os habitantes, tanto da zona como a sociedade cabo-verdiana. Neste bairro contam-se índices de desemprego a níveis bastante elevados, contam-se igualmente índices de condições de saúde limitadas, situações precárias em relação à habitabilidade, ao abandono escolar e à violência, situação que degrada a imagem do bairro. (Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde, 2012)



Figura 31 - Desfile de Mandingas

Ainda que Ribeira Bote tenha todos estes constrangimentos, que de alguma forma fazem passar uma imagem negativa, no seu seio viveram imensos compositores de música tradicional, escultores, pintores, jogadores de futebol. Um dos pontos altos da animação de São Vicente, que de alguma forma tem se tornado, cada vez mais, a identidade do bairro, é o carnaval de Mindelo e no bairro em questão é a animação dos Mandingas durante a época do carnaval.

São Vicente, ao longo da história, sempre teve um grande destaque a nível cultural, tendo sido considerada a capital cultural de Cabo Verde. Ribeira Bote é considerado um dos bairros mais importantes da ilha e destaca-se pela riqueza da sua história, cultura e identidade.



Figura 32 - Sede dos Mandingas de Ribeira Bote em Ilha d'Madeira

Segundo os moradores e organizadores do grupo, Mandinga⁷ de Ribeira Bote é um dos grupos mais conhecidos e valorizados de Mindelo. Atualmente existe uma vontade por parte da comunidade e das entidades de encontrar intervenções que possam valorizar esta cultura própria a Ribeira Bote. Exposições de fotografias dos desfiles dos Mandingas na Ilha d'Madeira foi uma das intervenções que teve uma grande contribuição no processo de inclusão social, uma vez que, Ilha d'Madeira tem sido um dos bairros mais afetados.

⁷ Mandingas (em São Vicente) são grupos de pessoas que se mascaram, pintando o corpo e a cara, com uma mistura de óleo e pólvora, vestidos de saias feitos com sacos e, saem a rua na época de carnaval para animarem as zonas do Mindelo acompanhados de muita música e euforia. Os Mandingas têm-se destacado a nível nacional e internacional, no Carnaval Mindelense, principalmente aos Domingos precedentes ao carnaval. Os grupos mais conhecidos são Mandingas de Ribeira Bote, Mandingas de Espia e os Mandingas de Areia (mascarados de Areia).

3. Bairro Ilha d'Madeira | Potencial de regeneração e integração social

3.1. Bairro Ilha d'Madeira | Origem



Figura 33 - Ortofotomapa do Bairro Ilha d'Madeira

Ilha d'Madeira é um pequeno bairro localizado dentro de Ribeira Bote, sendo este o foco da investigação em questão. Tal como Ribeira Bote, este bairro partilha as mesmas características, mas pelo facto de este ser um dos bairros mais pobres da ilha, certas características tornam-se bastante realçadas em relação a outras de expressão mais positiva. Porém, com base nas entrevistas feitas, existe uma enorme vontade, por parte dos moradores e de associações, de desenvolver certas questões para melhorar a integração social. (Graça, 2013)

O bairro surge quando Mindelo ganha vida, pelo facto de, neste território existir um espaço onde eram construídos barcos, botes de madeira utilizados para a deslocação entre as ilhas do arquipélago. A população que habitava este bairro provinha de outras ilhas, nomeadamente Santo Antão e Boa Vista. O bairro surgiu após o período de seca e fome fazendo com que as pessoas migrassem para São Vicente, pois com o Porto Grande

existiam mais oportunidades de trabalho. Uma vez na ilha, desenvolveu-se o fenómeno de assentamentos precários e espontâneos na periferia na cidade, pois era onde o terreno e as casas eram mais acessíveis e onde conseguiam fazer construções ilegais. (Morais J. S., 2010)

O nome Ilha d'Madeira surgiu pelo simples facto de, como o próprio nome diz, as casas serem todas feitas de madeira e caixotes que eram obtido nos barcos que atracavam no Porto da ilha, no primeiro período da sua existência. Segundo o depoimento de alguns moradores, com o tempo e a chuva notaram que os materiais utilizados nas construções das casas não eram resistentes. A madeira degradava e o caixote era muito frágil, portanto começaram a construir casas de tambor⁸, também obtidos nos barcos. (Graça, 2013)



Figura 34 - Vias principais que envolvem o bairro Ilha d'Madeira

Através da largura das ruas e do alinhamento das casas percebe-se, que existiu um plano urbano para a expansão da cidade em que a comunidade fazia parte. A sua importância e o seu fácil acesso está associado ao facto de estar cercado por vias de maior tráfego (figura 34), como podemos observar na imagem. Atualmente, Ilha d'Madeira

⁸ Casas de Tambor designa as construções feitas com o material chamado de lata derivado dos tambores.

encontra-se conectado com o centro histórico, sendo este um bairro meramente consolidado a nível espacial, porém com muitas carências a nível construtivo, habitacional e social.

Com base nas entrevistas, sabemos que no passado a comunidade era muito segura, calma e o povo era bastante unido. Era um espaço imensamente cultural, com vários espaços de convívio, com casas de cinema, campos de futebol, casas de tambor que se tornavam em espaços de convivência, onde se bebia o chamado “grogue”, se comia bem e se ouvia uma boa morna e coladeira, que são um dos estilos de música tradicional. Era uma zona em que as pessoas que chegavam das embarcações se reuniam, criando sempre um bom ambiente no bairro.

No entanto, Ilha d’Madeira era, e continua a ser, muito conhecida pelas suas revoltas e manifestações. Uma das mais marcantes revoluções da história de São Vicente foi A Revolução do Capitão Ambrósio em 1934 que é considerada o primeiro grito de liberdade. Foi uma revolução contra o Governo Colonial, pois a população, liderada por Ambrósio Lopes, conhecido por Capitão Ambrósio, estava revoltada com as suas injustiças. Revoltados invadiram as alfândegas e armazéns existentes na altura. Outra manifestação deu-se com a proteção da foi Ilha d’Madeira, numa altura de forte tensão em Cabo Verde em 1975, ano da independência de Cabo Verde, quando a Ilha d’Madeira é considerada a primeira Zona Libertada. Outra mudança notável na comunidade foi, após a independência, devido à falta de trabalho, uma parte da população, a que teve a oportunidade, emigrou para estudar ou trabalhar, todos foram à procura de melhores condições de vida. Houve um conflito na zona gerado pelos que regressaram que mostravam certa superioridade em relação aos que sempre ficaram no bairro. Isto levou a discriminações e rejeições que começaram a tornar a zona num local com uma imagem degradada, segundo os testemunhos (pp. 135-142)., com graves problemas sociais e urbanos.

3.2. Situação atual: social e urbano

A situação atual de Cabo Verde deriva de raízes do tempo colonial, porém, as cidades a nível nacional cresceram de uma forma espontânea e sem qualquer planeamento urbano, em função das necessidades e possibilidades de cada um. O crescimento das cidades sem plano de urbanização e, frequentemente, sem licença das autoridades camarárias, resultou numa situação caótica, no que toca a organização urbana, social e económica do país. (Morais M. L., 2003, p. 321)

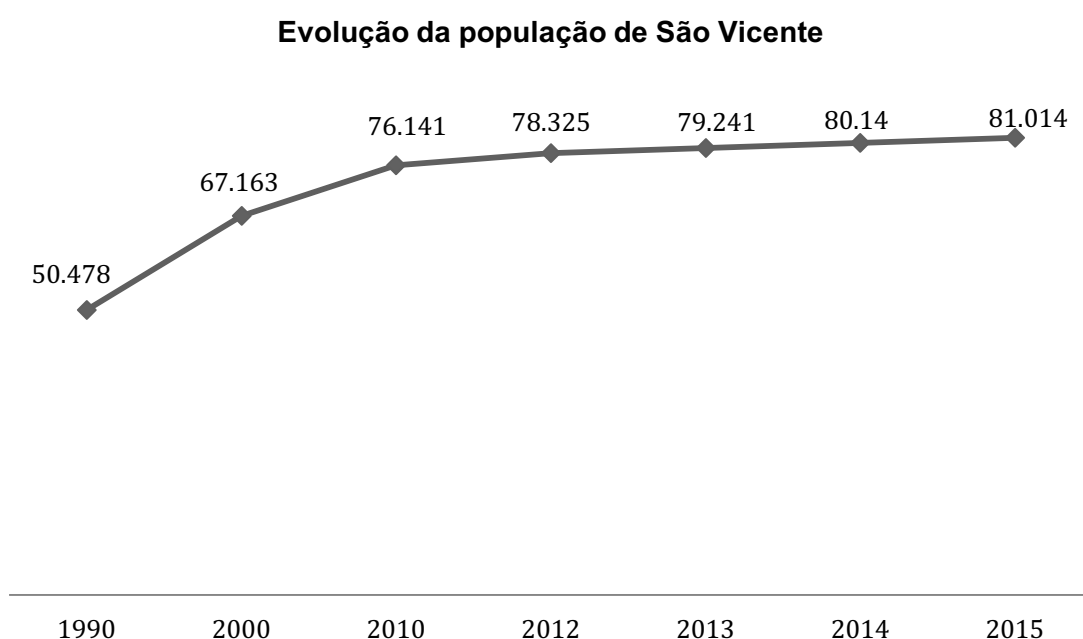


Tabela 1 - Evolução da população de São Vicente entre 1990-2016

Com o desenvolvimento das periferias e o aumento da população que procura melhores condições de vida, provenientes de outras ilhas para São Vicente, o combate contra a o êxodo rural torna-se importante com o passar do tempo. Este fenómeno faz com que, atualmente, o bairro enfrente problemas sociais e económicos que acabam por ter um grande impacte na imagem do bairro e da comunidade que o ocupa. Comunidade esta, caracterizada pela vivência de diferentes extratos sociais, uma vez que o crescimento do bairro levou à fixação de pessoas de classe média e emigrantes. Apesar de existir já bastante luta contra estes factores, ainda existe um grande destaque do tráfico de drogas, toxicodependência, prostituição e gravidez precoce. Como na maioria dos bairros informais, esta desestruturação social é uma mera consequência do desemprego, da pobreza, enorme falta de informação e educação e abandono. (Graça, 2013 & Moraes M. L., 2003, p. 322)



Figura 35 - Fotografia aérea com referência à localização de algumas das construções mais relevantes no bairro e respetivos estados atuais

No que se refere aos problemas de organização urbana, a carência de informação estatística e cartográfica torna o desenvolvimento urbano, nesta cidade, cada vez mais, difícil. Além de haver um aparecimento contínuo dos assentamentos espontâneos, que muitas vezes são ilegais, estas construções são desordenadas e compactas, alterando assim a paisagem urbana da ilha. Mindelo, descontínua e irregular, aflige-se de dificuldades de desenvolvimento na área das infraestruturas, equipamentos, habitações e espaços públicos. No entanto, a implementação de infraestruturas de saneamento, abastecimento de água e rede de esgotos torna-se difícil em muitas zonas na periferia da cidade. Como foi referido anteriormente, no início as casas na Ilha d'Madeira eram feiras de madeira e caixote. Com o passar do tempo, foram substituídas pelas casas de lata, por serem mais resistentes face aos fatores naturais. Atualmente, a recuperação e a reabilitação de certos espaços e construções torna-se bastante difícil devido aos materiais utilizados nas construções, nomeadamente blocos de cimento, e à falta de vazios nos bairros. Porém, Rodrigo Martins, vereador da CMSV, afirma que atualmente existe um esforço no âmbito de realizar obras de requalificação que possam melhorar o problema da inclusão social. Na generalidade dos casos é possível a realização destas obras embora exista alguns casos em que os edifícios sejam privados e dificulte o desenvolvimento de certos projetos virados para a requalificação. (Morais M. L., 2003, p. 323)

As discontinuidades urbanas têm consequências, não somente espaciais, mas também sociais. A vivência no bairro varia imensamente entre o dia e a noite. A vida noturna do bairro evidencia mais os problemas, de uma forma constrangedora para quem é de fora. A segurança é o primeiro fator posto em questão, como foi referido por alguns habitantes, bem como a facilidade de acesso a substâncias ilícitas e ao tráfico das mesmas afetando, na maioria dos casos, jovens do bairro. Apesar de não conseguir fugir às características próprias dos bairros informais, os que fazem parte da comunidade da Ilha d'Madeira são pessoas trabalhadoras, que se esforçam para ter o pão de cada dia, pessoas que gostam de lá viver e acabam por criar uma identidade própria ao bairro. Não somente são pessoas trabalhadoras e honestas mas também encontramos, nesta comunidade, artistas, artesões e músicos. (Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde, 2012)

No conjunto do bairro Ribeira Bote foram encontrados dez exemplos de casas em que os projetos foram fornecidos pela Câmara Municipal de São Vicente, dos quais houve a oportunidade de contactar e compreender melhor o processo de ocupação em relação ao projeto original.

3.3. Tipologias de habitação

O contacto direto com o bairro e as pessoas que o habitam, permitiu realizar um levantamento de algumas habitações e do espaço exterior em si, e estudar o perfil dos moradores. Embora tenham existido construções em madeira, atualmente este material passou a ser usado nas estruturas das casas de lata, uma vez que como material de construção das casas tornava-se pouco eficaz no que respeita à segurança dos moradores. Os acontecimentos naturais eram a principal causa das inundações das habitações e enfraquecimento do material. Uma grande parte das habitações que existem na Ilha d'Madeira são intervenções propostas pela câmara através do projeto PACIM, onde foi possível obter as plantas bases do projeto, o que contribuiu para o estudo e a identificação das habitações, bem como as suas mutações. Dito isto, foi possível encontrar um padrão na construção das habitações, porém, todas elas com um uso adaptado à vivência e necessidade de cada habitante.

3.3.1. Caracterização geral da habitação

Ao nível da construção de habitação, as Ilhas de Cabo Verde sofreram influências europeias, africanas e árabes ao longo da sua existência enquanto ilha habitada. Contudo, estas construções têm características diferentes das que geralmente seriam mais propícias para as condicionantes climáticas locais. Geralmente, há uma menor preocupação em relação ao conforto e ao impacto ambiental, sobretudo se se encontram mais afastados do centro da cidade e da linha de água. (Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde, 2012)

No entanto, a diversidade nos tipos de construção e materiais utilizados acabam por ser bastante similares quando passamos ao viver da comunidade no bairro. Os habitantes muitas vezes ajustam um compartimento da casa e transformam-na numa mercearia, fazendo com que exista uma grande parte de habitações que são transformadas em mercearias, como representado na planta de serviços. Porém, as necessidades acabam por ser as mesmas, adaptadas à possibilidade de cada habitante, o que desenvolve o bairro de forma espontânea e coerente ao mesmo tempo. Tendo em conta, que a problemática da habitação tem sido cada vez mais grave, tem existido alguma procura de soluções que possam melhorar esta situação. (Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde, 2012)

Segundo o Vereador da CMSV, Rodrigo Martins, o projeto PACIM (Projeto de Autoconstrução Assistida em Campinho e Ilha de Madeira) foi um dos programas com o objetivo de melhorar bairros degradados, nomeadamente o bairro em estudo, criado pela união do governo de Cabo Verde e a ONG sueca Grupos de África da Suécia ARO, nos anos 80, logo após a independência de Cabo Verde. Este projeto consistia na reordenação dos bairros e construção de casas tipo com materiais locais e de baixo custo, onde a participação e a preferência dos habitantes era primordial. Existe uma adaptação à realidade, que eles enfrentam, de forma a conseguir obter melhores condições de vida, segundo os moradores. De acordo com o Censo de 2010, 59,6% do total dos edifícios da ilha estão concluídos e 35,2% dos edifícios, localizados maioritariamente nos bairros informais, não se encontram concluídos. Além das habitações do projeto PACIM, no bairro Ilha d'Madeira encontram-se habitações feitas de lata, algumas com estrutura em madeira, grades, portas e janelas adaptadas a este material, e também de blocos de cimento o que torna o agrupado numa zona de cor acinzentada. (Silva, 2016, p. 30 & Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde, 2012)



Figura 36 - Projeto PACIM

Figura 37 - Rua com casas do projeto PACIM

Além do projeto PACIM, foram desenvolvidos outros programas que pudessem ajudar no melhoramento das habitações nos bairros precários. Os projetos “Nô esdôb compô bô casa” e “Nô esdôb pintá bô casa” foram programas desenvolvidos pela CMSV, cujo objetivo é ajudar as famílias com o fornecimento de materiais com o objetivo de assegurar mais conforto e melhorar a paisagem, que tem sido cada vez mais contagiada com o cinzento das casas inacabadas. O projeto Sonvela Arte é um projeto social que reúne jovens cabo-verdianos voluntários e amigos com o objetivo de levar a arte de rua às ruas do bairro Ribeira Bote, mais precisamente no bairro em estudo, Ilha d'Madeira. Alertar as

peças para as questões sociais relacionadas com esta comunidade é um dos principais objetivos. O histórico do bairro, relacionado à violência, pobreza e drogas, torna-se na base do projeto para que possam transmitir uma visão mais positiva da comunidade. A principal característica é ter a colaboração e o envolvimento direto dos habitantes do bairro na realização do projeto que rapidamente se tornou num dos projetos mais marcantes em Ribeira Bote, uma vez que este projeto teve um grande impacto no melhoramento da inclusão social. (Silva, 2016, p. 31)



Figura 38 - Antes e depois da intervenção do projeto Sonvela

Figura 39 - Grafite feito pelo projeto Sonvela

Com base nos dados das entrevistas, a iluminação pública tem-se tornado, cada vez mais, um problema no bairro e para o bairro. Com base na planta representada abaixo, conseguimos analisar que existe uma grande carência de iluminação pública, sejam elas

legais ou ilegais, nas zonas deste bairro. As instalações existentes estão feitas nas zonas com maior afluência, nomeadamente na rua principal e central com cinco postes de luz. Apesar de já haver instalações de iluminação nas ruas com maior afluência, a maioria tem sido partida ou roubada, o que contribui no aumento significativo do risco de insegurança nas ruas. No entanto, a maioria das habitações têm iluminação no interior, sendo que algumas são obtidas clandestinamente, sendo ela feita através de fios puxados da rede pública.



Figura 40 - Planta com localização de postes de luz e esgotos

O abastecimento de água, por sua vez, neste bairro, existe na maioria das habitações, porém existe uma percentagem de habitações, que não tem abastecimento de água nem saneamento, situação que ocorre maioritariamente nas casas de lata. Podemos observar, na planta acima, que os esgotos estão localizados fora do limite do bairro, e mais uma vez existe uma carência do mesmo na zona este onde encontramos mais casas de lata e casas menos desenvolvidas (Planta tipo de ocupação: Blocos de cimento e lata; Planta pisos das habitações).



Figura 41 - Casa de Lata, Deolinda

As habitações nos bairros, nomeadamente Ilha d'Madeira, acarretam problemas extremamente importantes relativamente à sobreocupação das mesmas, uma vez que, estas habitações têm, normalmente, uma dimensão muito mais reduzida em relação às outras zonas mais desenvolvidas. Segundo os dados da INECV, em São Vicente há um predomínio de 3 ou 4 pessoas por família que habitam na mesma casa. Neste bairro não é de todo diferente da realidade do país. Na realidade os números chegam a ser maiores, atingindo por vezes 10 pessoas na mesma habitação, que normalmente abrangem de 3 a 4 gerações. A carência económica faz com que haja esta sobreocupação das habitações, contudo, muitas derivam de um compartimento, que muitas vezes se encontram limitados ao quarto, que por sua vez, cresce com o tempo, adicionando áreas destinadas a outras funções.



Figura 42 - Casa de Lata, Rosa



Figura 43 - Casa de Lata, Celestina (Mamãe)



Figura 44 - Ambiente de rua



Figura 45 - Interior de uma habitação, relacionada com a vivência nas ruas

Figura 46 - Cozinha de uma habitação inacabada, relacionada com a fachada das mesmas habitações

3.3.2. Entrada

A entrada, na maioria dos casos, neste bairro, é o espaço entre a casa e a rua. O espaço é coberto e geralmente com um banco em cimento, que faz a passagem do público ao privado. Após ter andado pelo bairro, e entrado em algumas das habitações, foi possível observar que, na maioria dos casos, existe uma entrada que tem igualmente a função de varanda. Isto acontece, pelo facto de, no bairro a vivência ser deslocada para fora da habitações, devido às más condições de habitabilidade, no interior das casas. A proximidade entre as várias pessoas e as várias famílias na comunidade, faz com que que, as pessoas passem a maior parte do tempo na rua ou nessas entradas. São estas que fazem ligação direta entre a privacidade do interior das habitações e a convivência comunitária da rua, no exterior.



Figura 47 - Fachada, inacabada, de uma habitação do projeto PACIM

As habitações, que fazem parte do projeto PACIM, apesar de fazerem parte deste projeto, apresentam diferenças notáveis. Uma delas está relacionada com a condição dos habitantes, e tem um impacto direto nos materiais utilizados nestas habitações. Ou seja, é possível observar quais habitações fazem parte de construções recentes. Os materiais utilizados na fachada das habitações são maioritariamente a madeira e, em alguns casos, no portão de entrada, portões em ferro ou simplesmente nenhuma separação entre a varanda e a rua.



Figura 48 - Entrada de habitação pertencente ao projeto PACIM

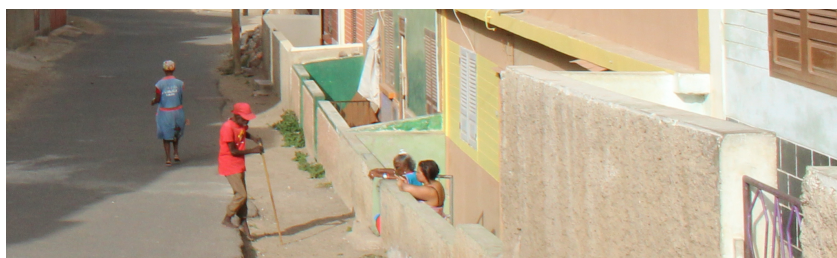


Figura 49 - Convívio na entrada de casa

Nos casos em que a habitação é feita de lata, não existe este espaço intermédio evidente entre a casa e a rua, limitando-se a ser marcado com degraus em bloco de cimento. Porém, os materiais utilizados nas portas, na maioria dos casos, mantêm-se igual. As pessoas utilizam o espaço do lado de fora da porta de entrada como este espaço mencionado anteriormente.



Figura 50 - Convívio na entrada de uma casa de lata

3.3.3. Zona social

Geralmente, a maioria das habitações são compostas de, em média, 2 a 3 compartimentos interiores, onde o agregado familiar que maioritariamente são conjugais

compósitos⁹, dividem o espaço no dia-a-dia. Frequentemente, as zonas sociais nas habitações são utilizadas como zona íntima, ou seja quartos, devido ao elevado número de ocupantes na mesma habitação. No trabalho de campo feito no bairro, foi possível ter um olhar mais próximo a este acontecimento, uma vez que, a maioria dos entrevistados dividiam a zona social e uniam as duas zonas: social e íntima.

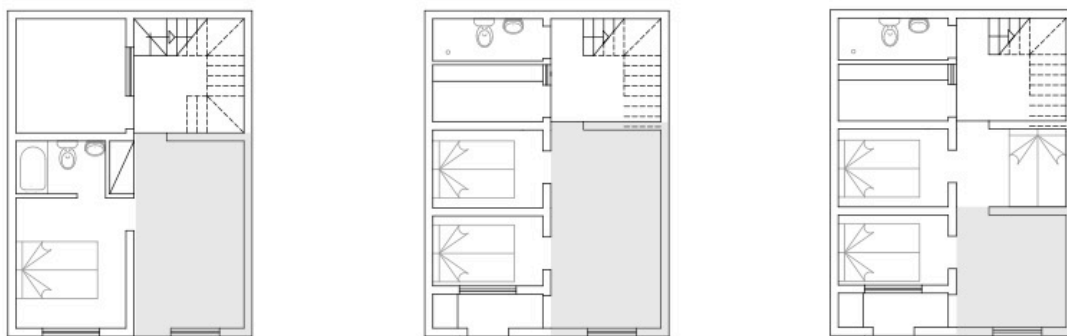


Figura 51 - Localização de áreas sociais dentro das habitações

Estas zonas são as que têm uma ligação direta com o exterior da casa, neste caso a parte de frente da casa, em que a entrada faz essa conexão. Embora nos projetos PACIM, a zona social seja uma zona de aproximadamente 12 m² os habitantes adaptam essas zonas desde o início da construção ao modo como ocupam e vivem o espaço. Curiosamente, a maioria das habitações visitadas fazem adaptações semelhantes. A habitação da entrevistada Rosa faz uma adaptação espacial em que a zona social é reduzida e dividida em dois espaços, aumentando assim a zona íntima.

3.3.4. Zona íntima

Frequentemente, as casas são desenvolvidas a partir de um módulo inicial que é o quarto, no qual só serve para dormir, transferindo as restantes funções e necessidades para o exterior da casa. Sejam habitações feitas em lata, madeira, tambor ou em blocos de cimento. Como referido anteriormente, estas construções permitem uma ampliação, conforme as necessidades e possibilidades dos habitantes.

⁹ “Conjugais Compósitos – agregado constituído simultaneamente pelo representante, o respectivo cônjuge, e os filhos e/ou enteados e algum outro indivíduo com ou sem parentesco com o representante.” (doc estatística)



Figura 52 - Interior de uma casa de Lata, zona social compartilhada com a zona íntima

Nos casos de habitações mais desenvolvidas, a zona íntima, o quarto, geralmente, é a zona que ocupa a maioria da área habitacional tendo em conta que existe uma grande necessidade de ampliar os espaços. Contudo, devido às necessidades de aumentar o espaço para as crescentes famílias, outros espaços destinados a outras funções são readaptadas a quartos, como acontece no caso da Celestina (Mamãe). Celestina vive numa casa de lata, com compartimentos e áreas bastante semelhantes aos projetos PACIM, em termos de regras de ocupação. Existe uma entrada que faz a ligação entre a rua e a casa e diretamente passamos para os quartos. Neste caso, não existe zona social, sendo esta deslocada para o exterior e há um aproveitamento dessa zona para a zona íntima que, no caso da entrevistada, precisa de mais zonas de dormir uma vez que a família é composta por 10 pessoas que dividem o mesmo espaço reduzido.

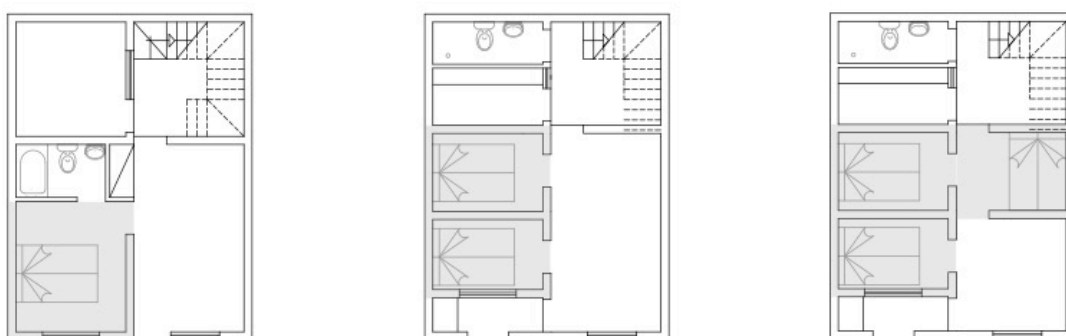


Figura 53 - Localização de zonas íntimas dentro das habitações

Nas habitações do projeto PACIM temos o mesmo acontecimento, tendo como diferença, somente os materiais utilizados na construção. Como é possível observar na planta original do projeto, as zonas íntimas são distribuídas por dois pisos. No piso 0 o quarto encontra-se no lado esquerdo da habitação, tendo como vizinho a casa de banho e a sala (zona social). O que acontece nas adaptações feitas pelos próprios habitantes, é a extensão da área da zona íntima e a sua divisão em dois quartos. Ou seja, há um aproveitamento da área inserindo dois quartos num espaço em que deveria ser destinado ao quarto e à casa de banho e a deslocação da casa de banho para a área de cozinha. Sendo que, nem sempre existe um piso acima, o piso existente é aproveitado da melhor forma possível.

3.3.5. Cozinha

Com base nos dados do Censo de 2010 da INECV, a maioria das famílias em Cabo verde vive em casas com cozinha (76,0%) mesmo que esta seja improvisada no exterior (14,6%), sendo que no meio rural 70% de famílias possuem uma cozinha, com 30% no exterior da casa.

Em São Vicente esta realidade não é de todo diferente, posto que 86,0% das famílias têm cozinha e 13,7% não possuem um espaço destinado a cozinhar. Foi possível constatar que, em alguns casos das casas visitadas, estas funções passam a ser realizadas no exterior da casa, sendo este espaço privado (quintal) ou coletivo (espaço público).

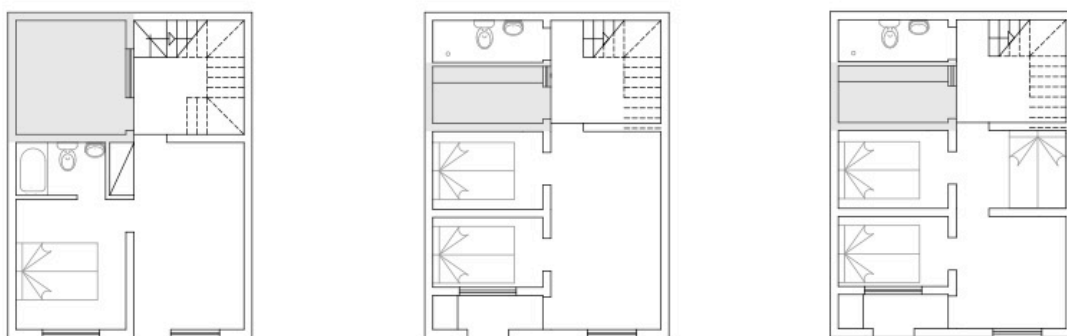


Figura 54 - Localização de áreas destinadas à cozinha dentro das habitações

O espaço direcionado para a cozinha, no projeto original PACIM, é uma área bastantes ampla. Como referido acima, os habitantes mudam as funções de alguns espaços. Na planta acima podemos observar que a cozinha é, na maioria dos casos, diminuída, e a área inicial é dividida em dois tendo a segunda área como ocupação de instalação sanitária.

Foi possível observar que, os acabamentos ficam em segundo plano neste espaço, dando mais importância às zonas íntimas e sociais. Nem sempre a cozinha é totalmente equipada, normalmente é instalado o essencial e o necessário. As paredes, por vezes têm um revestimento mas na maioria dos casos este espaço é o último a ser totalmente acabado.

3.3.6. Instalação sanitária

Segundo os dados do Censo de 2010 (INECV), em Cabo Verde 43,0% da população habita em casas com instalação sanitária ao passo que 35,2% da população habita em casas sem o mesmo. No meio rural esta percentagem aumenta atingindo os 55,9%, ou seja, mais do que metade da população não tem acesso a instalações sanitárias no próprio alojamento.

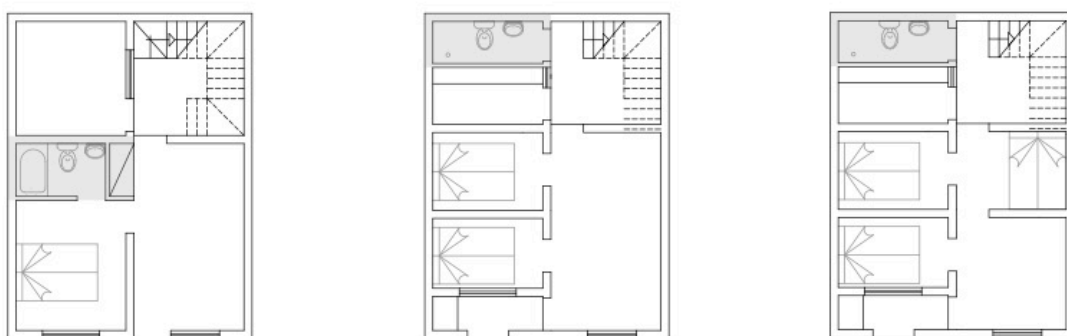


Figura 55 - Localização destinadas às instalações sanitárias dentro das habitações

As instalações sanitárias nem sempre são as melhores para o bem estar de quem aí vive. Foi bastante perceptível, que este espaço direcionado para as instalações sanitárias, são as que menos condições têm nas habitações. Embora existam dois tipos distintos de habitação neste bairro, as tipologias mantêm-se praticamente as mesmas. Ou seja, há uma distribuição semelhante dos espaços que formam as habitações sejam elas de lata ou bloco de cimento. Nas habitações que fazem parte do projeto PACIM, as instalações sanitárias, que dividem o espaço inicialmente destinado à cozinha, têm acabamentos e ocupações diretamente relacionadas ao poder monetário de cada habitante. Geralmente são espaços escuros, onde a única entrada de luz é a porta, quando esta existe. Ligada ao quintal, como a cozinha e a zona social ou restantes espaços, esta área da habitação torna-se desestimada, porém lembrada nas horas de necessidade.

3.3.7. Quintal e Terraço

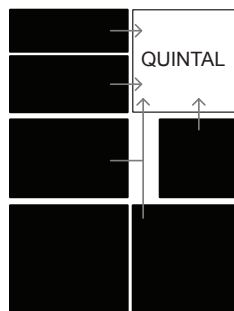


Figura 56 - Diagrama referente à importância do quintal na maioria das habitações

Em alguns casos, o quintal tende a ser o segundo espaço expandido na habitação, sendo que, a maioria das habitações possui um quintal. Como já mencionado anteriormente, por serem lugares relativamente pequenos, existe uma conexão forte entre a comunidade, as pessoas e o espaço exterior.

Nos casos em que o quintal deixa de existir e passa a ter funções diferentes, este passa para a cobertura da casa. Ao ter esta necessidade de expandir, o que podemos chamar de módulo inicial, associa-se a mais um quarto no lugar do quintal, complementando assim a divisão com blocos de cimento ou de lata. Em alguns casos, como o da Ana Maria, o quintal passa a ser o local de trabalho para, por exemplo, quem é “lavadeira” de roupa, conforme referido pela moradora.



Figura 57 - Quintal da casa de lata da Dona Rosa

O quintal torna-se um espaço com bastante importância pelo facto de todos os compartimentos terem, com este, uma conexão direta. Este funciona como espaço central, em que, durante uma vida, passa por várias funções. Por ser uma comunidade que vive mais no espaço exterior, é notável que essas mesmas pessoas sintam uma necessidade de ter um espaço ligado com o exterior mas desta vez fazendo parte do interior. Curiosamente, estes núcleos centrais das habitações são encontrados tanto nas casas que fazem parte do

projeto PACIM como nas casas de lata, que já existem há algum tempo, à exceção das casas de lata que só contêm um quarto.



Figura 58 - Quintal de uma casa de lata destinado às plantas e tratamento das roupas

Figura 59 - Cobertura utilizado como cobertura e espaço de armazenamento

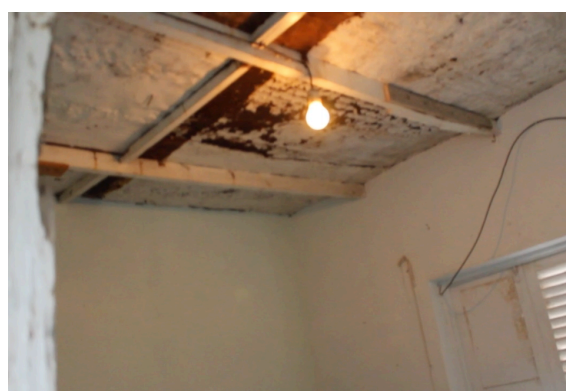


Figura 60 - Quintal de uma casa pertencente ao projeto PACIM

Figura 61 - Interior do quarto ,no piso do terraço, com cobertura em lata

Figura 62 - Vista de terraços inacabados e Monte de Cara



Figura 63 - Espaço de criação de animais no terraço

Figura 64 - Segundo Piso em lata

Para os habitantes que possuem um terraço, este torna-se num espaço em *stand-by*. Este espaço está sempre sujeito a alguma alteração, seja ela para expandir a habitação verticalmente com mais quartos, ou como um espaço de arrumação (figura 59), espaço de trabalho, e aproveitamento do sol para secar as roupas com os materiais disponíveis. Nos casos em que mais compartimentos fazem parte do terraço, estes nem sempre são feitos com o mesmo material (figura 64) que o restante da habitação. Com a falta de recursos, este piso é expandido com lata, uma vez que é o material mais barato e fácil de encontrar.

4. Possibilidades/apontamentos de regeneração e integração social

4.1. Abordagem e Lacunas

As experiências abordadas ao longo da investigação permitiram reconhecer e identificar as questões críticas bem como as lacunas que surgem ao dar respostas sobre os bairros precários, nomeadamente Ilha d'Madeira.

Como referido anteriormente, o fenómeno dos assentamentos precários tornou-se a forma mais comum de expansão urbana. Com isso, estas situações exigem uma certa conciliação de estratégias que abranja diversas escalas, devido à sua complexidade e diversidade de situações.

No caso da Ilha d'Madeira, e da maioria dos casos dos assentamentos precários, estes têm uma grande presença na cidade, porém, frequentemente, a habitação surge antes da infraestruturação. Sendo que os bairros são criados de forma espontânea, a casa surge em primeiro lugar, o que dificulta a instalação de infraestruturas nestes assentamentos precários. O crescimento espontâneo e desorganizado destes bairros resulta em bairros com a ausência de espaços públicos, de circulação ou de estar, o que faz com que haja a impossibilidade, na maioria dos casos, de introduzir soluções de espaços e vias. Estes aspectos mencionados contribuem para o isolamento dos bairros em relação às cidades e aos serviços.

Muitos dos programas criados para dar resposta aos assentamentos precários, geralmente apoiam-se no aspeto quantitativo ao invés do aspeto qualitativo das habitações. Deste modo, o investimento é aplicado maioritariamente na produção de habitações ao invés da requalificação dos existentes. Este facto, tem um impacto direto na resposta dos beneficiários em relação a estas soluções. Para além de não corresponderem às expectativas, fazem com que os beneficiários desenvolvam as suas próprias tipologias de ocupação no bairro, que responda, assim, às lacunas habitacionais.

O programa desenvolvido para a Ilha d'Madeira, como o objetivo de responder algumas questões habitacionais, no aspeto quantitativo, deu origem a projetos habitacionais readaptados pelos beneficiários, respondendo assim às principais lacunas e necessidades, no caso, a multiplicação de zonas íntimas, quartos. Pode-se afirmar que as habitações não

se limitam a ser bens estáticos, mas sim investimentos e reflexos das conquistas e necessidades de cada habitante, criando a esperança de alcançar a casa idealizada.

Na medida em que as habitações têm espaços muito reduzidos, o espaço exterior coletivo ganha grande importância. Estes espaços exteriores funcionam, na maioria dos casos, como uma extensão do espaço privado, assumindo funções quotidianas que não podem ser realizadas dentro do espaço privado. Este fator revela uma necessidade de pensar em soluções para melhorar a permeabilidade entre o espaço público e o espaço privado.

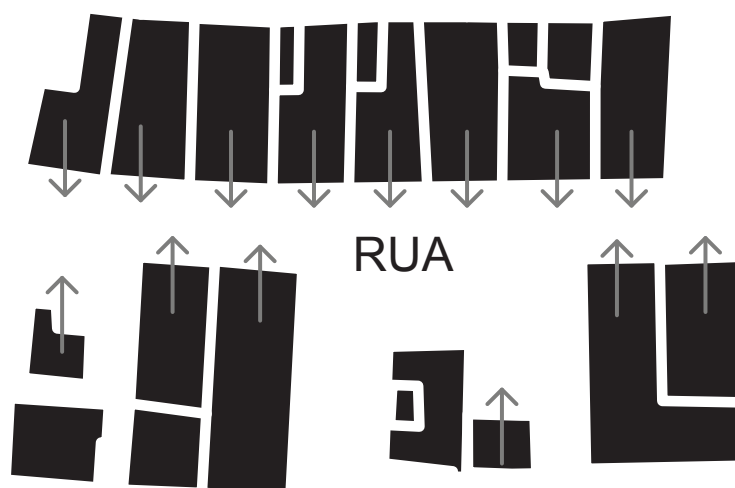


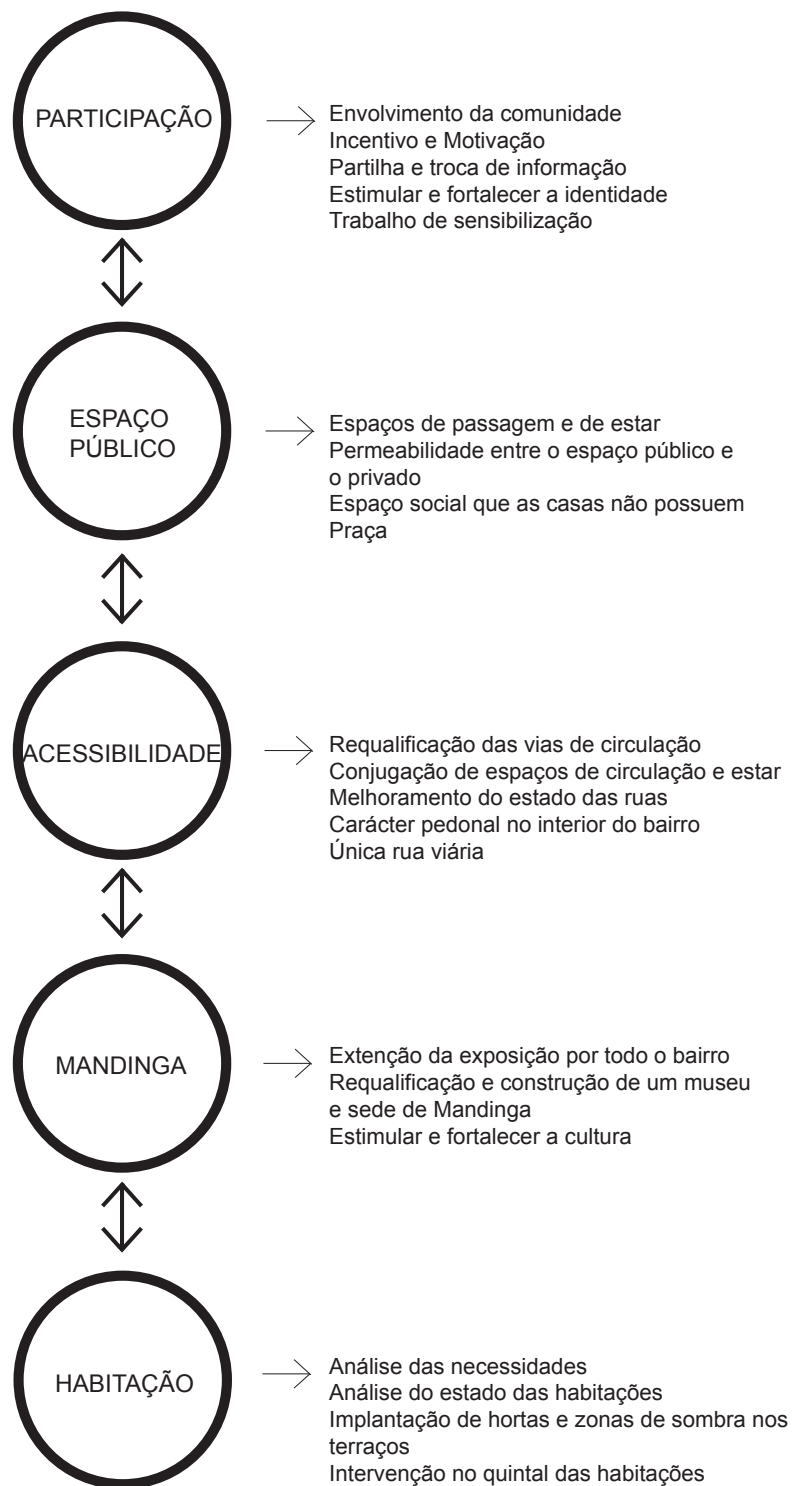
Figura 65 - Diagrama referente à agregação no espaço público

O contexto dos assentamentos precários espontâneos e da exclusão social são importantes para entender, tendo em conta as suas consequências, tanto sociais como económicas, a melhor forma de iniciar uma requalificação do bairro no geral. O objetivo, a partir da identificação das lacunas, baseia-se na maior coesão social e espacial do bairro, melhoramento da qualidade de vida das populações, aumento da autoestima e dignidade, fazendo com que os habitantes possam ter o sentimento de pertença e valorização da identidade tanto individual como colectiva. Os habitantes destes bairros são, frequentemente, ignorados pelas entidades públicas, conforme afirmou a entrevistada Mirian, ao mencionar que foram enviados inúmeros pedidos à CM, com algumas listas de implantações e melhoramentos que fazem falta à Ilha d'Madeira. Nomeadamente, espaços de lazer, praça, balneários, calcetamento de algumas ruas, iluminação, contentores de lixo e feiras ou exposições que ajudem a dinamizar o bairro de forma positiva. Perante esta

situação, é importante que as estratégias de requalificação não se limitem a abordar os problemas físicos e económicos, mas também sociais.

O estudo e a investigação desenvolvida acerca do caso de estudo, permitiu verificar que existem algumas fragilidades no que toca a metodologia e as estratégias de intervenção, apesar de já existirem alguns projetos que tentem responder às carências e às fragilidades do bairro, nomeadamente, com a participação dos moradores. Perante esta situação, optou-se por propor estratégias de intervenção ao invés de projetos físicos de requalificação.

4.2. Proposta e estratégia de intervenção



Perante as lacunas identificadas, a nível dos bairros precários no geral e no caso particular da Ilha d'Madeira, tendo em conta a complexidade dos mesmos, a investigação permitiu compreender alguns eixos de intervenção, que apresentam alguma importância na forma como são abordados: a participação, o espaço público, a acessibilidade e as infraestruturas e a proposta de um espaço cultural, neste caso um museu dos Mandingas com exposições anuais, de forma a valorizar a cultura do bairro. Foi desenvolvido um conjunto de trabalho de cartografia sobre a Ilha d'Madeira, permitindo, assim, construir mapas mentais e críticos com o objetivo de gerar a elaboração de interpretações que possam refletir os processos das propostas de intervenção.

Participação

O envolvimento das comunidades no processo de requalificação dos bairros revela-se de grande importância para reestabelecer a relação entre o habitante e a sua cultura, e o espaço construído, fazendo com que as soluções propostas correspondam às expectativas do beneficiário. Contudo, as comunidades afetadas têm sido alvo de constantes estudos, intervenções e campanhas eleitorais, não beneficiando de um resultado efetivo, tendo em conta o longo prazo, e resultando na falta de confiança. Uma vez que a falta de confiança está atualmente instalada, torna-se difícil captar o interesse da comunidade e garantir que haja um envolvimento por parte desta, com novos programas de requalificação. Muitas vezes, a participação comunitária pode tornar-se difícil de gerir, uma vez que, frequentemente, os habitantes do bairro colocam os interesses individuais acima do interesse coletivo. Portanto, é importante que exista uma tentativa de criar laços e intimidades com a comunidade e que seja realizado um trabalho de incentivo e motivação.

A participação não se limita a ser apenas partilha ou troca de informação, devendo assim ser clara a utilidade e o contributo que a intervenção direta dos moradores pode ter num futuro projeto. A participação tem uma grande importância na superação de precariedade do bairro e na melhoria de condições de vida da comunidade e do próprio habitante, uma vez que as soluções conseguem responder de melhor forma às expectativas e, motivar, assim, a população.

O objetivo da participação é, na Ilha d'Madeira e em todos os bairros precários, estimular e fortalecer a identidade e a cultura, através de uma partilha mútua dos moradores e dos técnicos de forma a que todas sejam responsabilizados pelas decisões tomadas.

Com isso a participação da comunidade nos projetos tem de passar por diversas fases que ajudam na melhoria da relação dos mesmos e na melhoria dos resultados esperados. Primeiramente, a informação e divulgação é importante para que haja um reconhecimento, por parte da comunidade, da importância do envolvimento de cada habitante. Tendo em conta que é uma população bastante fragilizada e com altos níveis de desconfiança, é preciso um trabalho de sensibilização procurando perceber, quais as suas fragilidades e carências. Nesta fase, houve uma criação de laços e intimidades através das visitas feitas no local e o contacto com grande parte dos habitantes. Foi importante não fazer este contacto no primeiro dia da visita ao local, uma vez que, era notável o nível de desconfiança por parte da comunidade. Uma vez acompanhada por conhecidos do bairro, o contacto direto com alguns habitantes foi bastante facilitado. As visitas foram constantes até ganhar confiança por parte dos mesmos e compreender em que parte a comunidade e o bairro se encontra fragilizado.

Para expor os problemas identificados e explicar as soluções propostas é necessário estabelecer uma comunicação esclarecedora, simples e coerente entre os técnicos e a comunidade, de forma a que fique explícito, todas as vertentes da implementação proposta. O objetivo principal dessa comunicação, entre os técnicos e a comunidade, tem em vista a otimização das soluções propostas consoante as necessidades da comunidade de forma a melhorar as condições do bairro. Efetivamente, as contrapropostas feitas pela comunidade devem ser balançadas e analisadas, procurando assim, encontrar soluções que estabeleçam um equilíbrio entre as soluções propostas e as expectativas da comunidade.

As decisões devem ser tomadas em conjunto, ou seja, pelas instituições e pela comunidade ao invés de ter primeiramente uma absorção dos problemas e de seguida uma tomada de decisão somente pela instituição. Assim, existe uma geração de confiança entre a comunidade e os técnicos, tornando a participação mais efetiva.

Os trabalhos de cartografia crítica desenvolvidos na Ilha d'Madeira, além de terem tido como objetivo quebrar os preconceitos existentes, permitiram a construção de mapas mentais e críticos, capazes de gerar a elaboração de narrativas e interpretações que refletissem as lógicas e processos instalados.

Espaços Públicos

Como referido anteriormente, os espaços públicos, nos bairros precários, têm uma grande importância, tendo em conta que, o espaço das casas é bastante reduzido. Dito isto, é preciso que os espaços públicos sejam pensados em várias escalas, ou seja, tanto a nível dos espaços de passagem ou de estar, como os espaços públicos que funcionem como extensão das casas criando uma permeabilidade entre o espaço público e o espaço privado, uma vez que, este espaço funciona como um prolongamento da própria casa.



Figura 66 - Planta com referência dos pontos de mais afluência no bairro

Tendo em conta todos os problemas que a habitação precária envolve, a rua torna-se o espaço social que a maioria das casas não possuem. Torna-se, então, importante a identificação dos espaços exteriores de uso coletivo existente e os diferentes tipos de uso dos mesmos. Desde a formação dos bairros, quando as famílias se instalam, as pessoas que integram estes núcleos de encontro, resultam num ambiente de laços familiares e de vizinhança bastante fortes. Este fenómeno, resulta em encontros nas ruas, onde os filhos circulam e brincam livremente, e em convívios organizados entre a comunidade.

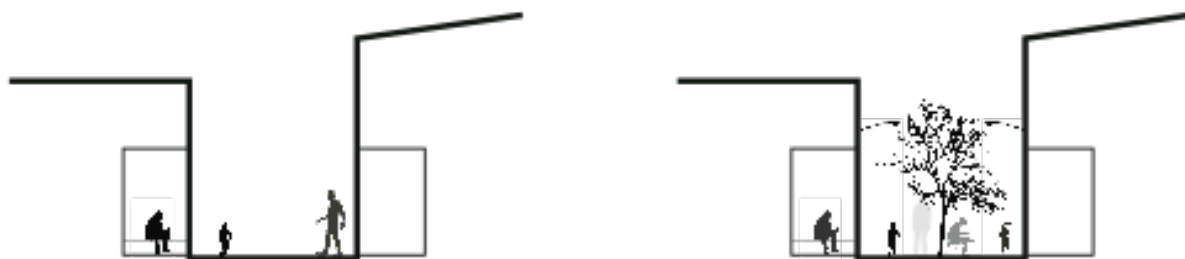


Figura 67 - Diagrama com proposta para as ruas do bairro

Como é possível observar na planta (figura 69), a maioria dos arruamentos são de carácter pedonal, o que pode ser visto como potencialidade considerando que, pode ser possível a conjugação de espaços de circulação dentro do bairro, e espaços de estar diversificados, tendo funções diferentes dependendo da sua localização. Neste plano, pretende-se criar espaços que melhorem a permeabilidade entre o espaço público e o espaço privado, criando espaços mais agradáveis de se estar e de se percorrer. Assim sendo, a requalificação destes espaços exteriores, começam pela pavimentação das ruas, a implantação de mobiliário urbano, melhorando o conforto, a segurança e a habitabilidade desses percursos que formam o bairro.



Figura 68 - Projeto de Integração Urbana Nordeste em Medellín, Colômbia.

Como exemplo de intervenção, refere-se ao *Northeastern Urban Integration Project em Medellín, Colombia* (fig. 67). O projeto mostra a possibilidade de poder fazer uma transição entre o privado e o público, em várias escalas de espaço público. Nesta intervenção criam-se extensões das habitações que se transformam em espaços de estar privado e a área de passagem, o passeio público em zonas mais agradáveis de se estar.

Para dar apoio à zona destinada aos Mandingas, tomando partido do largo existente, pensa-se na implantação de uma praça, onde a população possa ter a oportunidade de se encontrar, uma vez que, no local pretendido já existe muito fluxo de pessoas e já existe igualmente uma reunião natural dos indivíduos. Portanto, as praças sendo pontos que atribuem uma identidade ao local, são essenciais na intervenção. Como espaços de encontro, devem englobar espaços de lazer, como forma de se tornarem lugares de mistura de culturas e atividades entre as pessoas do bairro e as pessoas que vivem fora do bairro. Logo, este espaço público proposto torna-se num espaço estruturador, não só valorizando o lugar com novas vivências e novos usos, mas também estabelecendo uma ligação entre o bairro e a cidade.

Acessibilidade

Devido à rápida e descontrolada densificação dos bairros, com a ausência de um planeamento prévio, existe uma grande falta de vias de circulação, nomeadamente viárias. Este fenómeno resulta no isolamento dos bairros, dificultando o dia-a-dia dos seus habitantes, sobretudo quando existe alguma urgência ou deslocação prioritária.

É importante pensar nas redes de acessibilidade porém, a origem espontânea dos bairros faz com que tenham ruas bastante estreitas, dificultando o acesso à rede viária. Neste caso em concreto, o objetivo é encontrar uma rua em que seja possível a implementação do acesso viário, seguido do melhoramento do estado das restantes ruas, para que possam assumir o carácter pedonal.



Figura 69 - Planta com a identificação do carácter dos arruamentos

Mandinga

Após o estudo sobre a Ilha d'Madeira, foi possível a identificação de grupos culturais e constatou-se a existência de uma comunidade acolhedora, receptiva, que aguarda oportunidade de melhoramentos do bairro. Um dos grupos culturais identificados e, com maior importância para o bairro e para a ilha, foi o grupo dos Mandingas. Para falar dos Mandingas e pensar em soluções de requalificação do bairro que se apoiem neste fenómeno cultural, é necessário entender a história por trás dos Mandingas e perceber como surgiram.



Figura 70 - Ritual dos Bijagós na ilha Bubaque

A cultura que atualmente representa o bairro Ribeira Bote e a ilha de São Vicente, provém dos bailarinos Bijagós da Guiné-Bissau. Por volta de 1940, ano que foi realizada a Exposição do Mundo Português por António de Oliveira Salazar, estes bailarinos, provenientes das ilhas do arquipélago dos Bijagós, terão desembarcado no Porto Grande, em São Vicente, durante a viagem para Portugal, para a exposição mencionada. Durante o período de estadia na ilha, o mindelense teve a oportunidade de apreciar um espetáculo por parte dos dançarinos Bijagós. Tendo causado bastante impacto e despertado interesse nos mindelenses, no carnaval do ano a seguir a este acontecimento, uma grande parte da população terá vestido como os bailarinos, vivendo e adaptando as danças africanas deste povo, particularmente nos bairros mais pobres, devido à falta de condições monetárias para arranjar disfarces para o carnaval. (Dias J. A., 2017)

Os crioulos por serem mestiços, pintavam-se de preto com carvão de pilha e óleos e usavam saias adaptadas à cultura cabo-verdiana e os materiais que fazem parte da mesma. Os Mandingas tornaram-se num dos fenómenos mais admirados de Cabo Verde, adaptando-se a uma sociedade moderna e conquistando o coração de quem assiste os desfiles e a força com que abrange a sociedade cabo-verdiana. (Dias J. A., 2017)



Figura 71 - Desfile de Mandingas

No artigo publicado por José Almada Dias, no jornal Expresso das Ilhas, o autor refere que em 2020 irão completar-se 80 anos de história desde que a cultura dos bailarinos Bijagós misturaram-se e inspiraram a cultura do povo mindelense. Por este motivo, e por ser um fenómeno apreciado e valorizado, pretende dar-se o merecido valor aos Mandingas e à história, que, de certa forma, representam a Ilha d'Madeira e Ribeira Bote como afirmação da identidade. (Dias J. A., 2017)

O diagnóstico, que englobou problemas infraestruturais, habitacionais e urbanísticos, permitiu um conjunto de ações definidos para este projeto. Propõe-se soluções circunscritas a pessoas e melhoria de equipamentos do coletivo, nomeadamente a reinterpretação das práticas culturais que é outra linha de força das estratégias de intervenção. Esta reinterpretação engloba o fortalecimento da identidade tanto social como pessoal, estimulando a sociabilidade e a troca de experiências culturais entre a comunidade e os que vêm de fora.

Perante a situação do bairro e, tendo em conta que já existe uma área onde fica localizada a sede dos Mandingas, casa de lata, e um estaleiro, que atualmente se encontram desvalorizados e absorvidos pelas construções ao redor, pretende-se criar um espaço e um equipamento urbano que seja dedicado à cultura apoiado de um espaço público, nomeadamente uma praça. Elemento urbano que funcione com o objetivo de formar e reforçar a identidade urbana. Neste caso, com base na história, na cultura e nos elementos já existentes, propõe-se, numa das entradas do bairro, a requalificação do

espaço, onde estes elementos estejam inseridos, e a construção de um espaço dedicado aos Mandingas e um Museu que possa transmitir a força da cultura e acolher as pessoas que passem pelo bairro. Assim, a construção de um equipamento que seja de cariz educativo, social e cultural, mas que mantenha a natureza e a identidade do bairro, de forma a que seja uma mudança para a realidade marginalizada e frágil que existe, atualmente, no bairro.

Propõe-se a implantação de uma praça neste espaço, seguida da demolição de um edifício devoluto, de forma a criar um espaço que responda à vontade e necessidade da comunidade (entrevista 10). O objetivo desta intervenção seria de potencializar a circulação e permanência das pessoas do bairro e das pessoas que passam pelo bairro, criando um espaço de convívio, de encontro e de atividades que possam ajudar na melhoria da organização e valorização do bairro.



Figura 72 - Planta da proposta de ampliação da exposição, em comparação com a existente

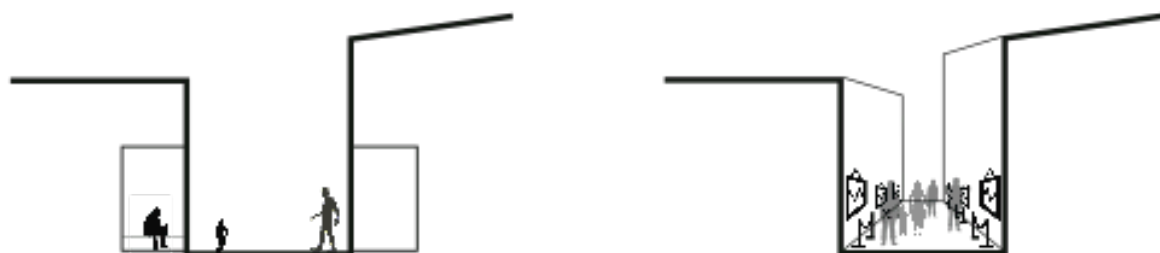


Figura 73 - Diagrama referente à vivência atual nas ruas e à vivência idealizada para a exposição

Segundo as informações tidas através de um dos representantes dos Mandingas, Vítor Dudu Graça, há dois anos atrás, o grupo dos Mandingas organizaram uma exposição com fotos dos Mandingas, ocupando a rua do estaleiro, no bairro Ilha d'Madeira, representada a preto na planta acima. Neste plano, após a boa aceitação da exposição por parte da comunidade, é proposto expandir esta exposição de forma a que crie um guia pelo bairro, contando a história dos Mandingas, a conexão e o impacte que tem na vida do bairro. No geral, trata-se de uma proposta que procura intervir em todo o bairro, concedendo-lhe importância.

Habitação

A imersão no contexto permitiu escutar as histórias das pessoas, observar a realidade dos membros da comunidade, que se traduziu num entendimento das suas necessidades. Tendo em conta que ainda existe uma parte da população do bairro que não tem acesso a infraestruturas básicas, consoante podemos verificar nas plantas e nas entrevistas, considera-se necessário garantir o acesso a estas infraestruturas, garantindo assim a melhoria das condições de conforto e salubridade. Procurou-se entender os dados coletados e, de seguida, geraram-se padrões que geraram ideias visando a criação de soluções para as necessidades e oportunidades identificadas a nível habitacional.

É de se realçar que a população do bairro, quando tinha a oportunidade, plantavam hortas no terreno ou mesmo dentro da habitação. Uma vez que, há a implantação de hortas, de certa forma, privadas, o custo de vida, das pessoas que vivem no bairro, diminui podendo investir o que sobra das economias, na melhoria das habitações e do nível de vida. As hortas, de certa forma, melhoram a cumplicidade e a entreaajuda entre a comunidade, uma

vez que, em Cabo Verde e, certamente, nos bairros precários, existe o instinto de partilha e/ou troca de alimentos na existência de hortas particulares.

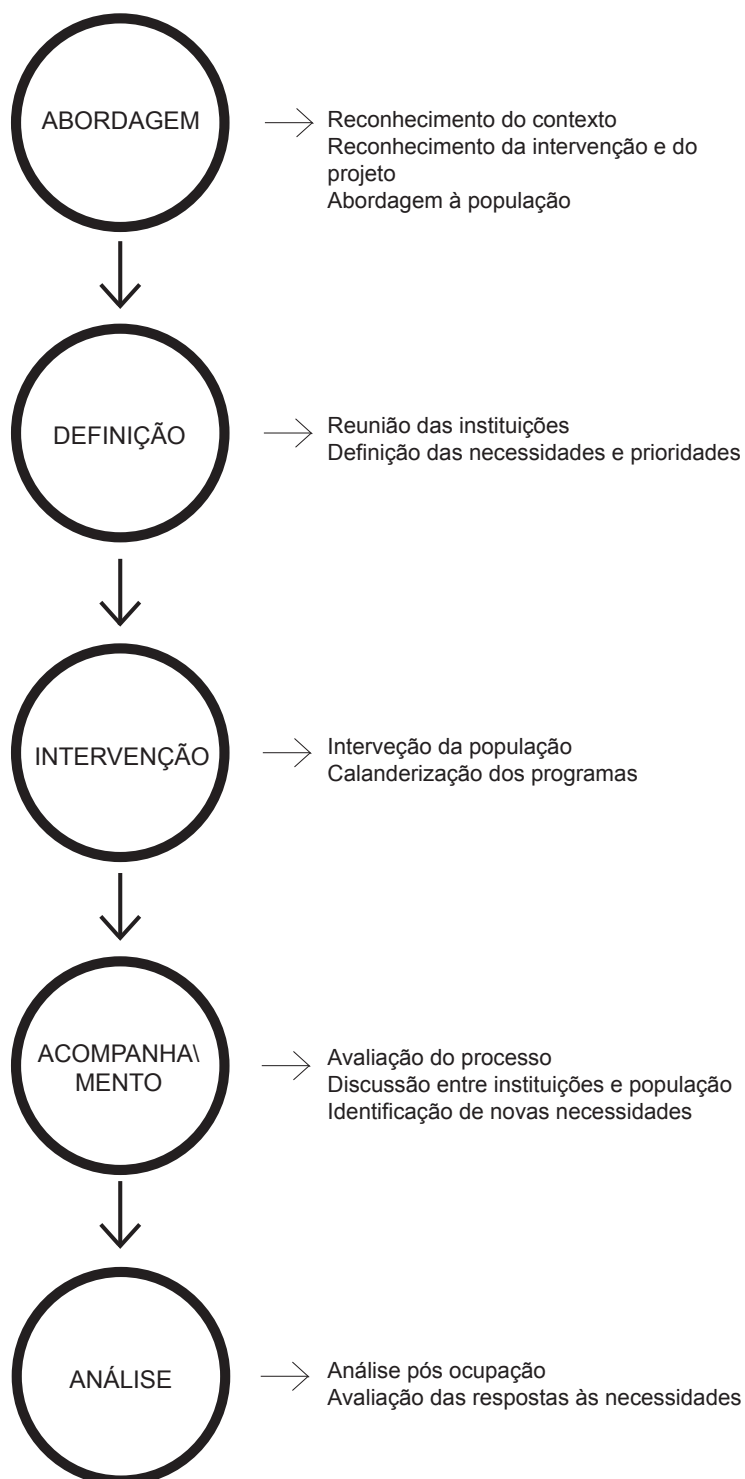
Tendo em consideração que a maioria das habitações beneficiam de um terraço, estando á espera de futuras ampliações ou concluídas com, na maioria das vezes, um a dois quartos, pretende-se implantar pequenas hortas em cada terraço das habitações juntamente com um espaço coberto, que gere sombra e que ajude no arrefecimento do espaço abaixo. O objetivo, com esta intervenção, apoia-se no equilíbrio da temperatura do interior da habitação, uma vez que, o espaço arrefecido e de sombra no piso superior, poderá ter um impacte direto no interior das habitações, melhorando o conforto e as condições de vida dos habitantes.

Relativamente ao quintal, um dos compartimentos principais das habitações, com base no trabalho de campo e nos estudos feitos sobre as habitações, pretende-se introduzir pequenas soluções que façam diferença na vida dos habitantes. Introduce-se um tanque com água em cada quintal das habitações e árvores de porte pequeno, com o objetivo de diminuir o aquecimento térmico dentro das casas, uma vez que, a maioria dos compartimentos ficam virados para o quintal.

Quanto ao exterior das habitações, através do processo participativo, previamente mencionado, pretende-se introduzir soluções práticas e eficientes, com a consulta e discussão com os beneficiários, dando uma nova vida ao bairro através da implantação de iluminação nas ruas do bairro e o tratamento das fachadas com a continuação das pinturas já começadas pelo projeto Sonvela. Estes dois factores, segundo os moradores, fazem toda a diferença, tanto no ambiente do bairro, como na vida de cada habitante, tornando-as mais harmoniosas e, por conseguinte, aumentando o sentimento de segurança nos moradores.

Como referido anteriormente, os espaços públicos, nos bairros precários, têm uma grande importância, tendo em conta que o espaço das casas é bastante reduzido. É, portanto necessário que os espaços públicos sejam pensados como uma continuação da habitação onde os moradores possam identificar-se com o espaço em questão.

Fases de intervenção



Considerações finais

Os assentamentos precários e o aparecimento espontâneo de bairros precários, têm-se tornado, cada vez mais, objeto de estudo por parte de especialistas das mais diversas áreas, visto que, existe uma grande procura pela compreensão histórica deste fenómeno, bem como as suas causas, os seus efeitos e possíveis soluções.

Foi estabelecido como objetivo, a compreensão dos processos que levam a formação dos bairros precários, das soluções de reurbanização e as melhores formas de intervir nestes bairros, com base em análises feitas ao bairro e ao estudo sobre a temática, como forma de enquadramento da problemática e da viabilidade da ação. Para conseguir construir as bases metodológicas para as estratégias de intervenção, considerou-se importante a sistematização dos estudos, feitos por alguns autores e arquitetos, na expectativa que, as experiências trariam diversas possibilidades de solução.

Ao longo da investigação, foram abordados alguns conceitos básicos, e temas associados aos assentamentos precários, em que se reconhece o contexto e as diferenças entre os bairros de natureza informal e os bairros de natureza social. Os de natureza informal aparecem de forma espontânea, como forma de ocupação do território, devido à ausência de alternativas; e os bairros de natureza social, como intervenção pensada e planeada. Ambas as soluções poder-se-iam basear na participação dos habitantes, como base de intervenção de requalificação. No entanto, os conceitos de renovação e requalificação têm grande importância na compreensão e no desenvolvimento das metodologias estratégicas, onde J. F. C. defende a política de requalificação participativa como solução do rápido crescimento das cidades e Alejandro Aravena defende, que as soluções habitacionais devem ser pensadas como um processo contínuo onde permite e incentiva o melhoramento e a expansão dos assentamentos, de acordo com as possibilidades de cada habitante.

O estudo da origem e expansão da cidade do Mindelo permitiu perceber que, o crescimento da cidade, desde o período colonial, devido a certas dificuldades de implantação dos planos idealizados para a cidade, aconteceu em grande parte de forma descontrolada e sem um planeamento prévio. Com o tempo foram encontrados obstáculos em relação ao planeamento urbano, nomeadamente a depressão da economia do Porto Grande, a fome e a seca, que teve um impacte direto na procura de melhores condições de vida. A ausência de alternativas, resultou em situações de exclusão e fragmentação da

cidade. Os bairros precários têm-se tornado cada vez mais densos, apresentando uma tendência de crescimento sem planeamento e com condições bastante precárias, o que dificulta cada vez mais as possibilidades de requalificação e regeneração.

Existe uma variedade de programas e projetos, que tentam responder a este problema dos assentamentos precários existentes no país, contudo, por ser um fenómeno bastante complexo, na maioria das vezes, não existem respostas efetivas, que estejam de acordo com as expectativas dos habitantes. Perante estas circunstâncias, procurou-se, nesta dissertação, identificar as carências e as oportunidades presentes nas soluções já existentes na situação atual do bairro e propor possíveis estratégias de intervenção, tendo em conta a identidade do bairro, a sua cultura, as necessidades e prioridades dos habitantes. Prevê-se ainda que o projeto se possa realizar, depois de se aplicarem as premissas de participação que se apresentam neste texto, numa fase posterior.

Ao identificar as fragilidades, as carências e as oportunidades, foram identificadas igualmente, parte das soluções aplicadas em diferentes zonas que formam o bairro idealizado, como a participação, o espaço público, a cultura dos mandingas, a acessibilidade e, um dos mais importantes para o bem estar das famílias, a habitação. Estas foram as bases metodológicas para o desenvolvimento das estratégias de intervenção, dando bastante importância à participação e partilha das intervenções com os moradores, de forma a restabelecer a confiança e a resposta às expectativas. Com isso, propõem-se fases de intervenção, devidamente organizadas de forma a obter melhores resultados após a implementação das soluções.

Procurou-se perceber se já existia algum requerimento por parte da comunidade, uma vez que, o objetivo das propostas apoiam-se, não só, na compreensão dos acontecimentos que geraram o bairro existente, mas também as vontades de acordo com as necessidades das pessoas que vivem no bairro. É importante que exista uma harmonia entre as soluções propostas e os resultados, privilegiando as soluções particulares, em vez das soluções generalizadas, pois estas soluções têm um impacto direto na vida da comunidade e na sua integração social.

Portanto, com esta dissertação pretende-se incentivar o conhecimento e a aproximação às comunidades que vivem nos bairros, no sentido em que é importante conhecer a história, a cultura e a identidade que representa o quotidiano dos habitantes. As estratégias metodológicas e as fases de intervenção propostas, poderão eventualmente,

aumentar a procura de soluções para projetos de requalificação, que possam seguir estes métodos, em cada bairro da cidade do Mindelo, ou mesmo, em Cabo Verde.

O trabalho poderia ter uma continuidade, através da experimentação prática das estratégias de intervenção ou de uma estratégia que seja a mais necessitada, no momento. Portanto, procurando ter o apoio da comunidade, de entidades em Cabo Verde e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, propõe-se um *workshop* em conjunto, com o objetivo de aplicar estas estratégias de intervenção no bairro. Tendo em conta que, os habitantes encaram estas situações com muita falta de confiança, a aplicação de uma das estratégias, como por exemplo, nas habitações, com um trabalho em conjunto, seria um passo para devolver uma relação entre a identidade, a cultura e as propostas de requalificação do bairro, refletindo no melhoramento da integração social.

Bibliografia

Aaronson, D. *Design like you give a damn*. New York: ABRAMS.

Abrams, C. (1966). *Housing in the Modern World. Man's struggle for shelter in an urbanizing world*. Londres: Faber and Faber.

Albuquerque, L. d., & Madeira dos Santos, M. E. (1991). *História Geral de Cabo Verde* (Vol. 1). Lisboa e Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção Geral de Cabo Verde.

Almeida, B. d. (2009). *Pensar e construir habitação: O contexto do realojamento social na cidade do Mindelo*. Coimbra.

Anasspinelli. (13 de Abril de 2016). *Quinta Monroy, Um Exemplo De Habitação Social*. Obtido em 7 de Agosto de 2017, de Arquitete suas ideias: <http://arquitetesuasideias.com.br/2016/04/13/quinta-monroy-um-exemplo-de-habitacao-social/>

Cities without Slums: About Slum Upgrading. (s.d.). Obtido em 01 de 2016, de Cities Alliance: <http://www.citiesalliance.org/About-slum-upgrading>

Conde, L., & Magalhães, S. (2004). *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Viver Cidades.

D, V. (07 de Maio de 2015). *Nascem novos bairros de casas de lata em São Vicente*. Obtido em 25 de Junho de 2017, de ASemana: <http://www.asemana.publ.cv/?Nascem-novos-bairros-de-casas-de-lata-em-Sao-Vicente>

Davis, M. (2006). *Planet of Slums*. Nova Iorque: Verso.

Delaqua, V. (6 de Fevereiro de 2012). *Quinta Monroy / ELEMENTAL*. Obtido em 26 de Maio de 2017, de ArchDaily: <http://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental>

Delgado, P. M. (2007). *Mindelo*. Rio de Janeiro.

Denaldi, R. (2003). *Políticas de Urbanização de Favelas: evolução e impasses*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo.

Design with the Other 90%: CITIES Opening October 15 at the United Nations. (s.d.).

Obtido de Bustler:
http://www.bustler.net/index.php/article/design_with_the_other_90_cities_opening_october_15_at_the_united_nations/

Dias, J. A. (2 de Março de 2017). *Do arquipélago dos Bijagós a 100% Mandinga no Mindelo: 77 anos de História*. Obtido em 28 de Agosto de 2017, de *Espresso das Ilhas*: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/opiniao/item/52221-do-arquipelago-dos-bijagos-a-100-mandinga-no-mindelo-77-anos-de-historia>

Dias, J. (15 de Fevereiro de 2015). *Mandingas do Mindelo*. Obtido em 05 de Março de 2017, de *Espresso das Ilhas*: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/opiniao/item/43989-mandingas-do-mindelo---que-fenomeno-e-esse>

Dias, V. (23 de Setembro de 2013). *Ribeira Bote / Zona Libertada em festa com Morna Jazz World Music*. Obtido em 05 de Março de 2017, de *ASemana*: <http://www.asemana.publ.cv/?Ribeira-Bote-Zona-Libertada-em-festa-com-Morna-Jazz-Word-Music>

Engleson, E. (2011). *Improving Informal Settlements - Kibera: using and developing existing knowledge*. Chalmers.

Fairs, M. (5 de Maio de 2009). *Incremental Housing Strategy by Filipe Balestra and Sara Göransson*. Obtido em 30 de Junho de 2017, de *Dezeen*: <https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/>

Fernandes, J. M. (2005). *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio .

Fernandes, J., Janeiro, M., & Milheiro, A. (2014). *Cabo Verde: Cidades, Território e Arquitecturas*. Lisboa: CIAUD.

Garcia, L. (2013). *Os Bairros de lata: Projectar “para e com” os pobres*. Lisboa.

Ghione, R. (19 de Março de 2013). *Cidade formal e cidade informal*. Obtido em 5 de Julho de 2017, de CAU/PR: <http://www.caupr.org.br/?p=4907>

Gonçalves, R. S. *Política, o direito e as favelas do Rio de Janeiro*.

Graça, C. (2013). *O Turismo Comunitário*. Mindelo: Universidade do Mindelo.

Jones, P., Petrescu, D., & Till, J. (2005). *Architecture and Participation*. Nova Iorque: Taylor and Francis.

Kelling, G., & Wilson, J. (Março de 1982). *Broken Windows: The police and neighborhood safety*. Obtido em 28 de Setembro de 2017, de The Atlantic: https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/?single_page=true

Koolhaas, R. (2010). *Três Textos sobre a cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Lefebvre, H. (1968). *Le droit à la ville*. Paris: Éditions Anthropos.

Moassab, A. (02 de Maio de 2013). *Arquitetura habitacional em Cabo Verde: (re)conhecimento e desenvolvimento*. Obtido em 17 de Março de 2017, de BUALA: <http://www.buala.org/pt/cidade/arquitetura-habitacional-em-cabo-verde-reconhecimento-e-desenvolvimento>

Montezinho, J. (26 de Julho de 2015). *Turismo Comunitário em Ribeira Bote*. Obtido em 10 de Fevereiro de 2017, de Expresso das Ilhas: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/45320-turismo-comunitario-em-ribeira-bote>

Morais, J. S. (2010). *Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico*. Lisboa: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas.

Morais, M. L. (2003). Subsídios para o planeamento da Cidade do Mindelo, São Vicente - Cabo Verde. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia 1 série*, XIX, pp. 319 - 329.

Moura, D., Guerra, I., Seixas, J., & Freitas, M. (Dezembro de 2006). A Revitalização Urbana: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. *Cidades - Comunidades e Territórios*, pp. 15-34.

Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde. (2012). Mindelo: ONU-HABITAT.

Press, E. O. (s.d.). *Desemprego, droga, prostituição e gravidez precoce em São Vicente*. Obtido em 03 de Abril de 2017, de OCEAN PRESS: <http://www.oceanpress.info/cms/Pt/reportagem/44799-desemprego-droga-prostituicao-e-gravidez-precoce-em-sao-vicente>

Rodrigues, E. V., Samagaio, F., Ferreira, H., Mendes, M., & Januário, S. (s.d.). A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia* (09), pp. 63-101.

s.n. (17 de Junho de 2015). *Bairros de São Vicente: Ribeira Bote vive entre dois tempos*. Obtido em 05 de Março de 2017, de Notícias do Norte: <http://noticiasdonorte.publ.cv/34425/bairros-de-sao-vicente-ribeira-bote-vive-entre-dois-tempos/>

s.n. (s.d.). *Mandingas: Um pouco da história deste fenómeno que conquistou mindelo*. Obtido em 05 de Março de 2017, de Cabo free: <http://www.cabofree.com/index.php/blogs/388-mandingas-um-pouco-da-historia-deste-fenomeno-que-conquistou-mindelo>

s.n. (13 de Agosto de 2013). *Ribeira Bote na rota turística de São Vicente*. Obtido em 10 de Fevereiro de 2017, de ASemana: http://www.asemana.publ.cv/?Ribeira-Bote-na-rota-turistica-de-Sao-Vicente#ancr_comm

Sapo. (28 de 11 de 2010). *1934, Av. da Liberdade, 168*. Obtido de Sapo Fotos: <http://fotos.sapo.pt/cassiano/tags/branco/?listar=poucas&ordenar=maisrecentes&pagina=20>

Silva, C. A. (2016). As (im)possibilidades da Política Pública da habitação sob a perspectiva da Gestão do Risco (Caso de Estudo Cabo Verde). *Revista de Pesquisa em Políticas Públicas*, 22-43.

Turner, J. F. (2009). *Housing by people*. London: Marion Boyars Publishers Ltd.

UN-HABITAT. (2009). *Planning Sustainable Cities: Global Report on Human Settlements 2009*. London: Earthscan.

UN-HABITAT. (2010). *State of the world's cities 2010/1011: Bridging the urban divide*. Kenya: United Nations Human Settlements Programme.

UN-HABITAT. (2003). *The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements*. London: Earthscan.

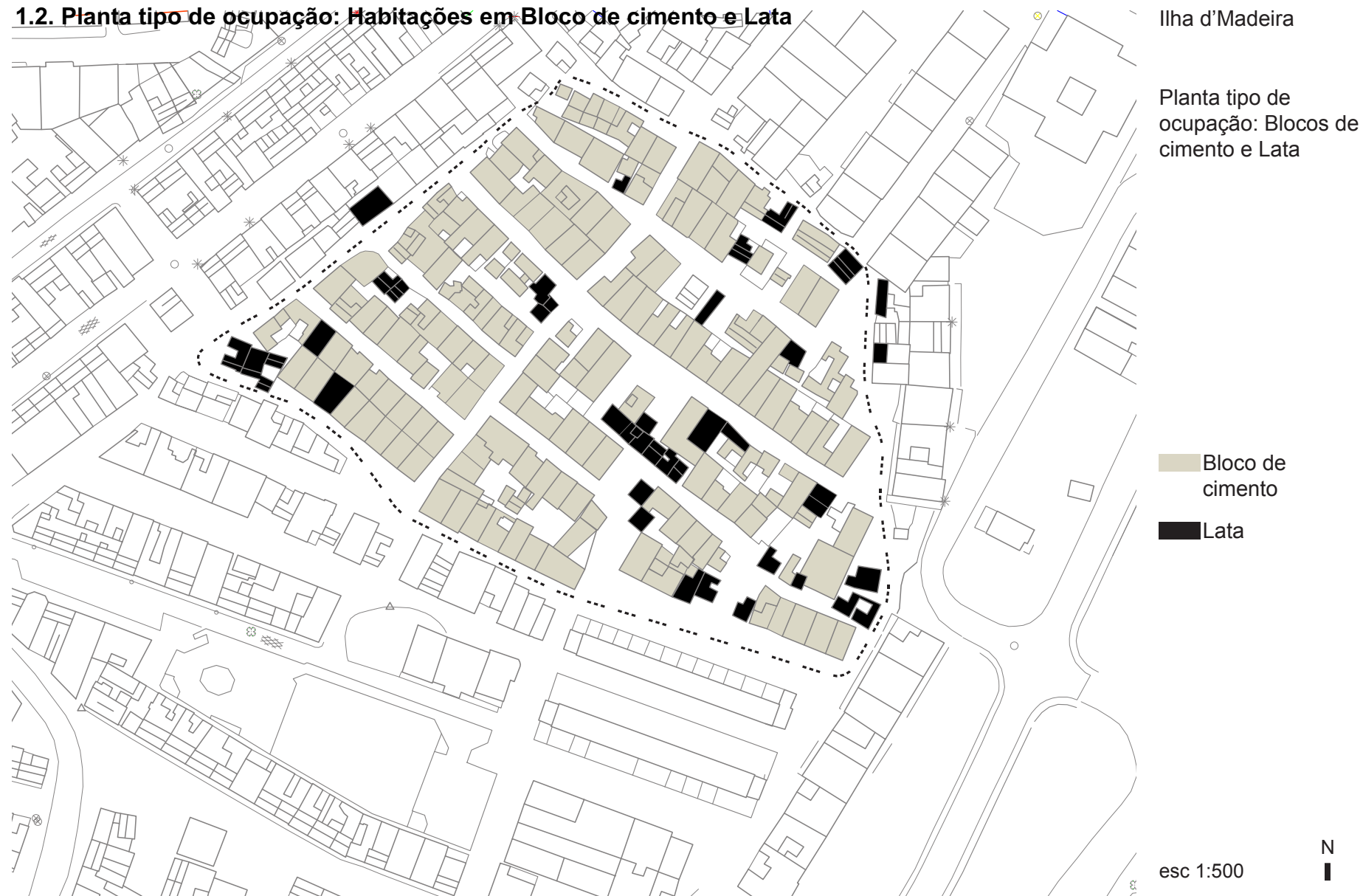
UN-HABITAT. (2014). *World Habitat Day - Voices from Slums*. Obtido em 05 de 01 de 2016, de <http://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/WHD-2014-Background-Paper.pdf>

Anexos

1. Plantas do bairro



1.2. Planta tipo de ocupação: Habitações em Bloco de cimento e Lata



1.3. Planta pisos das habitações



1.4. Planta serviços



1.5. Planta serviços com fotos correspondentes

Ilha d'Madeira

Planta serviços com
fotos
correspondentes



esc 1:500

N
|

1.6. Planta percurso: Pedonal e Viário

Ilha d'Madeira

Planta
Carácter dos
arruamentos



Rua Principal

Ruas
secundárias

Ruas mais
estreitas e com
menos fluxo de
pessoas

esc 1:500

N
|

1.7. Planta com a identificação da caracterização das ruas



1.8. Planta Infraestruturas

Ilha d' Madeira

Planta
infraestruturas



● Iluminação

○ Esgoto

■ Horta

esc 1:500





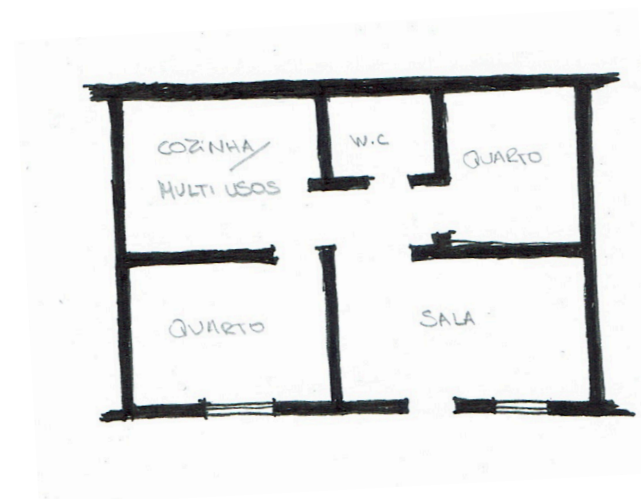
2. Fichas estudo das habitações

2.1. Habitação 1

Nome: Rosa

Tipo de habitação: Habitação Social em Bloco

Uma habitação que se localiza no limite de fora da ilha de Madeira mas que desde sempre fez parte da história do bairro, visto que antigamente era neste espaço que se localizavam a maioria das casas de madeira e lata.

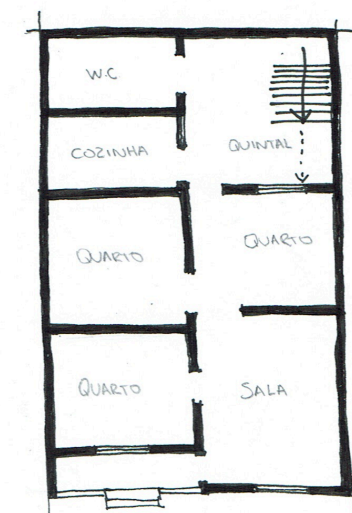
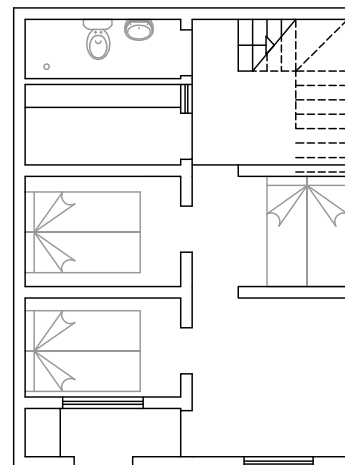


2.2. Habitação 2

Nome: Arcangela

Tipo de habitação: Projeto PACIM

Esta habitação encontra-se junto a uma casa de lata, numa rua estreita, de terra batida, onde só é possível a circulação pedonal. Devido à sua localização existe uma certa preocupação por parte do habitante em questão à segurança. Não existe iluminação na rua pelo facto de ser roubada a cada vez que a mesma é instalada. O projeto desenvolve-se como a maioria das habitações que fazem parte do mesmo, sendo que o segundo piso é ocupado pelo filho.

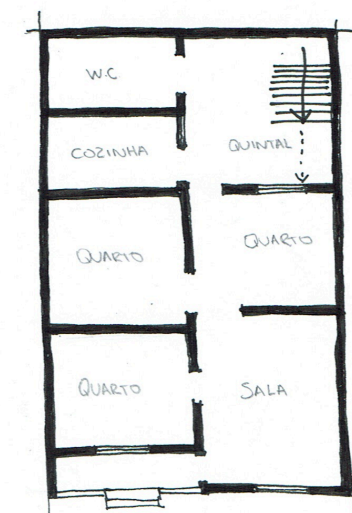
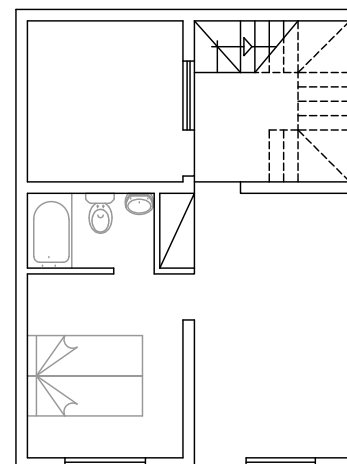


2.3. Habitação 3

Nome: Teresa (Tété)

Tipo de habitação: Projeto PACIM e Sonvela

Esta habitação está inserida na rua da Ilha d'Madeira que foi implantada o projeto Sonvela. O interior da habitação limita-se ao projeto PACIM adaptado pelos habitantes, mas o exterior tem um grande impacto na segurança e harmonia da comunidade.

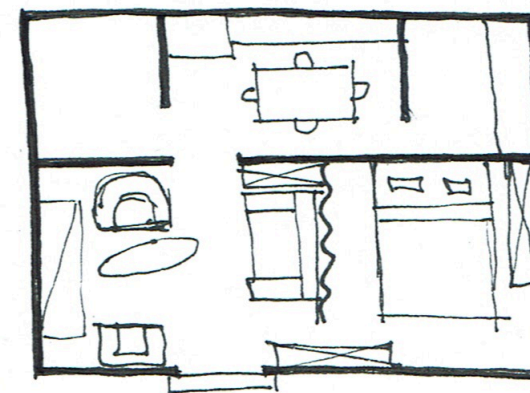


2.4. Habitação 4

Nome: Rosa

Tipo de habitação: Casa de lata

O exterior desta casa de lata transmite-nos um espaço relativamente pequeno, porém o interior consegue ter uma distribuição das tipologias bastante semelhante ao das habitações que fazem parte do projeto PACIM. A zona social e a zona íntima partilham um compartimento com uma divisão em cortinado. Apesar de não existir uma instalação sanitária a distribuição dos espaços dedicados à cozinha e ao trabalho, neste caso o quintal, mantêm-se igualmente distribuído.

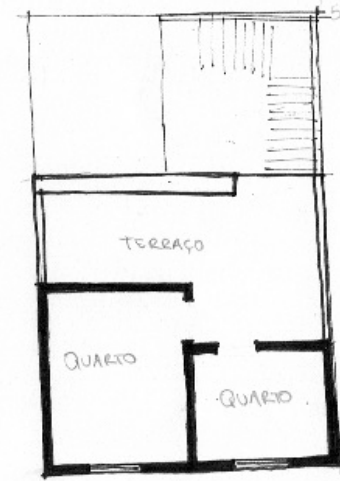
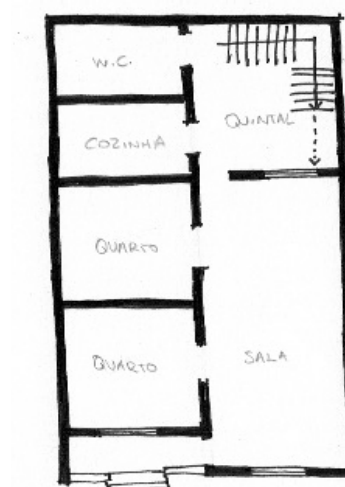
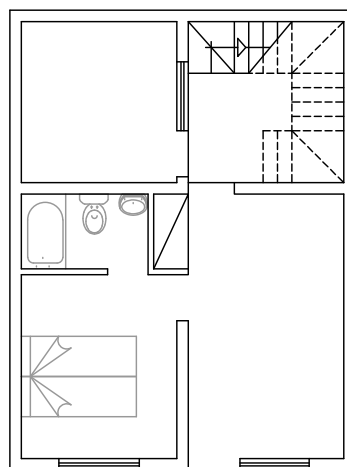


2.5. Habitação 5

Nome: Nha Memente

Tipo de habitação: Projeto PACIM

O projeto PACIM é imediatamente reconhecível na planta, na distribuição dos espaços e na fachada da habitação. A habitação dispõe de uma fachada e entrada típica. Os materiais utilizados são maioritariamente a madeira nos vãos e o bloco de cimento na estrutura. Esta distribui-se em dois pisos, em que o último piso é ocupado por dois quartos, não utilizados por falta de condição, e um terraço que é destinado à criação de animais.

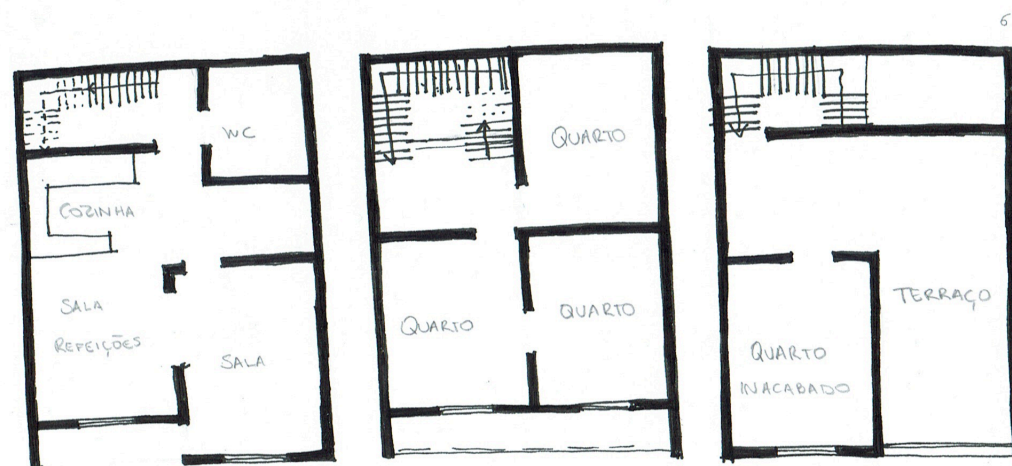


2.6. Habitação 6

Nome: Lara

Tipo de habitação: Projeto PACIM

Esta habitação, que faz parte do projeto PACIM, das visitadas é a única que tem uma distribuição do espaço feita conforme as necessidades do habitante. Distribui-se em três pisos, em que o primeiro piso beneficia de espaços com funções sociais, e os dois últimos pisos espaços de ocupações íntimas. A habitação possui desde muros, portas e janelas, a pintura, grades, acabamentos que descrevem o gosto pessoal dos habitantes.



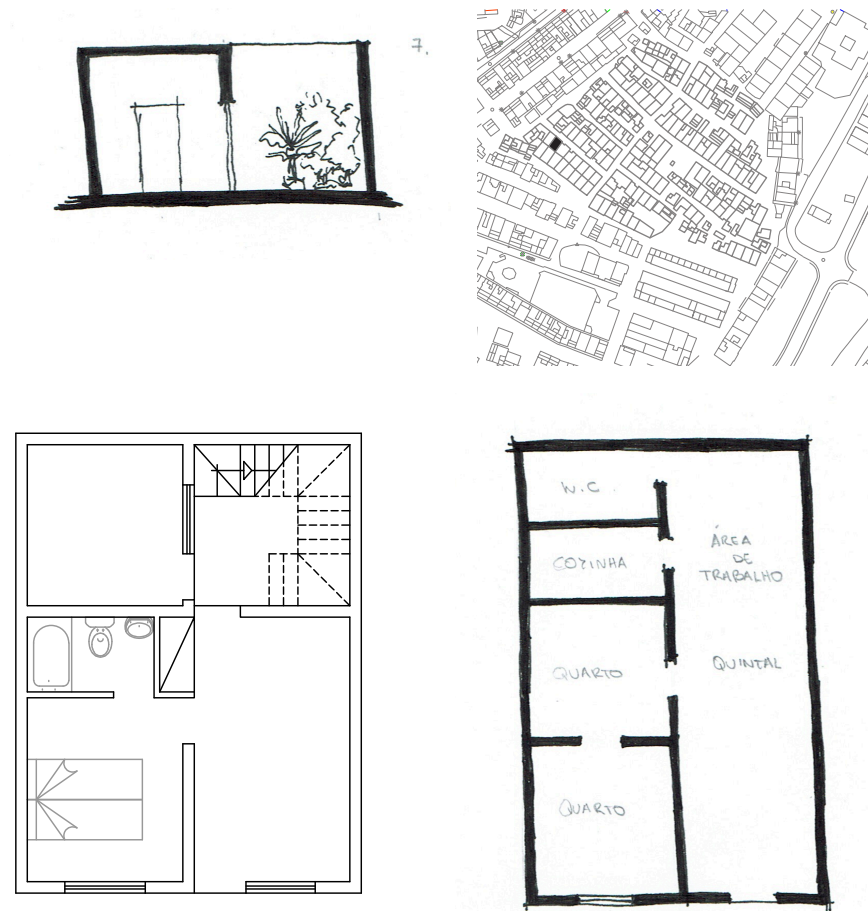
2.7. Habitação 7

Nome: Ana Maria

Tipo de habitação: Projeto PACIM

Inacabado, sem cobertura

Através da planta é possível identificar o projeto PACIM na habitação. Contudo, existe uma divisão do espaço que prioriza o quintal, o espaço aberto. Os outros espaços da habitação são espaços que contém o mínimo para a vivência do indivíduo porém, com condições bastante precárias, como por exemplo espaços sem cobertura ou com cobertura demolida pelas chuvas.

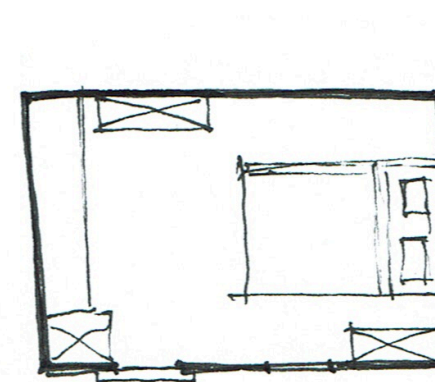


2.8. Habitação 8

Nome: Deolinda

Tipo de habitação: Casa de lata

A habitação em questão é das mais pequenas do bairro. Não há água, luz nem saneamento o que torna o estado da habitação mais precário em relação aos outros. Não existem muros, nem equipamentos de cozinha. Uma cama, algumas estantes e um campingaz são os objetos que podemos encontrar no interior do mesmo.

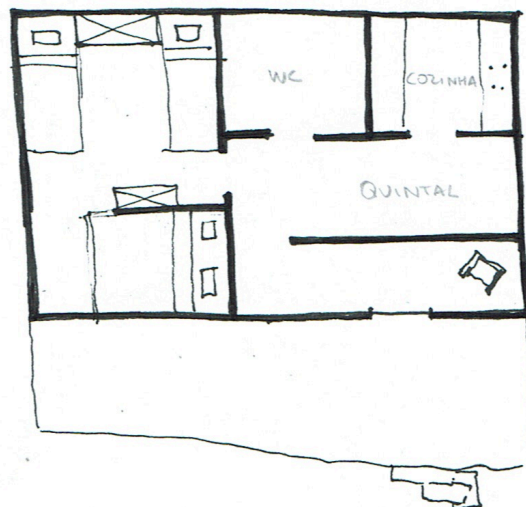


2.9. Habitação 9

Nome: Celestina (Mamãe)

Tipo de habitação: Casa de lata

A lata predomina a estrutura e o corpo da habitação, assim como a humildade e o afeto que é sentido ao entrar na mesma. Apesar de a distribuição dos espaços ser diferente, as tipologias permanecem as mesmas, tendo sempre o quintal como espaço central, aberto, e os quartos fechados, escuros e íntimos.



3. Transcrição de entrevistas

3.1. Entrevista 1 | Nome: Rosa

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Somos sete. Mãe, filha, filho, neto

São membros da mesma família?

Sim.

Tendo em conta que são muitos, interessa-me ter um pouco de conhecimento acerca das condições nas quais vivem. Com isso, quantos compartimentos tem a vossa casa?

Dois quartos, uma casa de banho, uma cozinha, sala de estar e jantar e um quintal.

Pelos conhecimentos que tenho deste lugar, sei que este bloco é uma habitação social e que antigamente era ocupado por casas de lata e madeira. Foram realojados para cá?

Antes vivíamos numa casa de lata, puseram-nos aqui mas não nos chega. A minha filha vivia cá comigo mas depois mudou-se para a casa dela que fica aqui ao pé.

E preferiam um lugar que não fosse em bloco? Com muitas casas num só prédio?

“Uhum”, somos muitos, queremos o nosso espaço. Tenho mais um filho mas ele foi viver na ilha do Sal, mas não temos esses problemas. Se for preciso pomos um colchão no chão, tendo em conta que eu morava numa casa de lata. Deram-me esta casa, e pelo menos conseguimos nos proteger da chuva. Quando chovia, na nossa casa de lata, a água entrava toda para dentro de casa. Aqui já não passo por esse problema. Estão no processo de eliminar todas as casas de lata e realojar as pessoas que lá vivem. Antes as necessidades eram todas feitas na rua, agora já temos uma casa de banho. O meu neto até já dá descargas na sanita e limpa-se sozinho.

Notas acerca da habitação:

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Sim

Luz – Sim

3.2. Entrevista 2 | Nome: Arcangela

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Somos dois, moro juntamente com o meu marido.

Tem algum lugar em especial onde gostaria de viver?

Não, gosto do lugar onde cresci que é aqui na Ribeira Bote e desde sempre gostei da zona.

Consegue dizer-me se tem algum edifício ou alguma casa em São Vicente de que goste muito?

Não, gosto do que é meu, que é onde vivo. Gosto do meu cantinho.

Tendo em conta que agrada-lhe o ambiente onde cresceu, se pudesse mudar algo nesta casa, o que mudaria?

Aumentaria a sala. Coisas mínimas para o nosso bem-estar. Gosto muito de onde vivo mas tendo em conta que agora nem eu e nem o meu marido trabalhamos, quem nos dá uma ajudinha são os nossos filhos. Cada um tem a sua responsabilidade, mas considero que vivo bem.

Observação feita pela moradora: Falta de luz na rua, por ser um canal meio escondido causado pelo arruamento apertado. A cada vez que é colocado uma lâmpada no exterior da casa, roubam-na.

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Sim

Luz – Sim

3.3. Entrevista 3 | Nome: Teresa (Tété)

Projeto Sonvela

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Eu, os meus dois filhos e meus dois netos.

Além desses filhos que mencionou, tem mais filhos?

Sim, mas não moram comigo. São mais dois, entretanto vêm cá sempre visitar-me.

Reparei que as casas desta rua têm uma fachada diferente, o que acaba por criar uma certa harmonia na rua. Poderia falar um pouco sobre isso?

Sim. Foi um jovem que viu projetos semelhantes nas favelas do Brasil. Ao achar interessante esta forma de mudar as ruas da favela decidiu criar uma associação onde poderiam aplicar este conceito neste bairro. Esta associação denomina-se por Sonvela, e depois de ter entrado em contacto com os moradores conseguiu implantar este conceito na nossa rua.

E em termos da aceitação da população? O projeto foi bem recebido no bairro?

Sim, eu pessoalmente gostei muito. Muitos de nós não temos a possibilidade de rebocar se quer a fachada e com isto a zona ganhou bastante vida. Este projeto também ajudou a criar laços fortes com esta associação e pessoas de fora.

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Não

Luz – Sim

3.4. Entrevista 4 | Nome: Rosa

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Vivo com o meu marido. Tenho 4 filhos mas são todos crescidos. O mais novo tem 23 anos.

Há quanto tempo que aqui moram?

Por volta dos 30 anos.

E gosta?

Claro que eu gosto! Temos que gostar e apreciar o que é nosso.

Mudaria de casa se tivesse essa oportunidade?

Mudaria, mas não sairia da zona.

Consegue dizer-me se tem algum edifício ou alguma casa em São Vicente de que goste muito? Alguma preferência? Como por exemplo as habitações sociais em bloco?

Tendo em conta que não tenho grandes possibilidades, eu aceito o que me for dado. No entanto, não gostaria de sair desta zona. Ir para outra zona implica estar num ambiente que não é nosso, onde não nos sentimos bem e não conhecemos ninguém.

Tem algum trabalho?

Não, mas o meu marido é pintor, quando aparece alguns trabalhos ele faz.

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Não

Luz – Sim

3.5. Entrevista 5 | Nome: Nha Memente

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Eu moro sozinha, mas há sempre gente que bem cá visitar-me e passar algum tempo comigo.

Sei que estas casas são relativamente recentes. Antes morava aonde?

Antigamente eu morava numa casa de lata, mas devido às condições climáticas a Câmara Municipal do Mindelo desenvolveu um projeto de habitação destinado à ilha de madeira para nos ajudar e para nos realojar. Foi-me dado os materiais necessários para a construção da habitação e coube a mim construir a casa. Na altura morava com os meus filhos por isso fizemos mais quartos no piso superior. Com o tempo tive a possibilidade de melhorar certos compartimentos para ter um melhor ambiente em casa.

E gosta daqui?

Muito.

Sempre morou aqui na ilha de madeira?

Não, antes vivia na ilha de Santo Antão e de seguida vim para cá com 21 anos. Já faz 61 anos que vivo em São Vicente e 55 anos que moro aqui na ilha de madeira.

Depois de ter ouvido sobre a má iluminação das ruas, quero perguntar-lhe sobre o mesmo nesta rua.

Não existe iluminação nesta rua pois há um grande movimento de roubo a cada vez que são iluminadas.

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Sim

Luz – Sim

3.6. Entrevista 6 | Nome: Lara

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Somos cinco. Eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos.

Reparei que esta casa é diferente das outras. Quantos pisos tem a vossa casa?

Tem 3 pisos com terraço.

Quem construiu a casa?

Foram os meus pais quem construíram tudo.

Gosta da casa?

Sim.

Se tivesse a possibilidade de mudar alguma coisa, o que mudaria?

Nada, a não ser o ambiente na rua. Normalmente são pessoas de outras zonas que vêm cá arranjar confusão. Antigamente era pior, ilha de madeira era considerada uma das zonas mais perigosas da cidade.

(ouvir rec 3)

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Sim

Luz – Sim

3.7. Entrevista 7 | Nome: Ana Maria

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Somos 3.

Há muito tempo que vive aqui?

A casa era da minha mãe, do tempo do projeto PACIM. Ela era “lavadeira”. Depois da minha mãe ter falecido, acabei por ficar aqui com os meus filhos.

Quem construiu a casa?

Antigamente vivíamos numa casa de lata e madeira e acabamos por construir no terreno que nos foi dado.

Seguiu o trabalho da sua mãe ou arranjou outro trabalho?

Sim, eu lavo roupas no dia a dia e os meus filhos estudam.

Alguma casa ou edifício em particular que goste muito?

Casa da minha mãe. Não há outra coisa que eu goste mais, e hei de cá ficar até o fim da minha vida. Gosto da zona, apesar de às vezes ser mal falada, mas cada pessoa acaba por ter o seu próprio cantinho aqui.

Vejo que a casa é inacabada, vocês têm um compartimento para casa de banho?

A casa de banho é feita em chapa, só com uma sanita dentro.

E se pudesse mudar alguma coisa aqui? O que faria?

Mudaria as coberturas da casa. Num compartimento a cobertura caiu devido à chuva, e os outros correm o risco de derrocar. Esta é a minha única preocupação. O resto é resto.

Gostaria de saber qual é a sua opinião acerca dos Mandingas?

É uma tradição bastante forte e que já vem de algum tempo. No dia do desfile de Mandingas, há gente que deixa a panela ao lume para sair à rua para dançar e desfilarem juntamente com eles.

Acha que eles deveriam ter mais importância?

Sim, de certa forma no dia do desfile tentam dar alguma relevância a este acontecimento. As ruas são fechadas e controladas para que o desfile possa acontecer. É tanta gente que sai à rua para acompanhá-los e dançar que a um dado momento só se vê uma grande multidão.

E a sede do Mandinga?

Acho que deviam apostar no lugar e melhorá-lo para realçar a tradição. Tendo em conta que já chamam os Mandingas para comícios, acho que deviam dar mais importância cultural e torná-la em...assim...arte. Há de tudo, até crianças que vestem-se e pintam-se para sair para o desfile. Todos fazem de tudo para estar disponível no domingo para o enterro do carnaval.

Água – Sim, canalizada

Saneamento - Não

Luz – Não

3.8. Entrevista 8 | Nome: Deolinda

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Somos três. O pai do meu filho, meu filho de 1 ano e eu.

Há quanto tempo?

Há pouco tempo.

Importa-se de me dizer a sua idade?

25 anos.

Tem alguma ocupação para o dia a dia?

Quando aparece trabalho eu faço penteados e ponho extensões mas é só.

Quem construiu a casa?

O terreno é do meu pai, mas antes era ocupado por lixo. A CM mandou limpar o terreno, arranjei chapas e madeira e construí a minha casinha aqui para não ficarem a deitar lixo por cá.

Durante o processo de construção, teve ajuda de alguém?

Não, fiz tudo sozinha.

Água – Não

Saneamento - Não

Luz – Não

3.9. Entrevista 9 | Nome: Celestina. Conhecida por Mamãe

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Em um primeiro momento eu gostaria de saber quantos é que vivem nesta casa?

Somos 10. O meu filho chegou agora do trabalho e encontra-se na divisão do lado a descansar. Não há trabalho, tentamos sobreviver com o pouco que há.

Tem netos?

Tenho muitos netos, mas não moram aqui. A mãe deles vem cá busca-los pois a escolinha deles é aqui perto. Foi dada uma casa à minha primeira filha, portanto fico com os meus netos durante a manhã. Ao meio dia vão à escola e às 18h vêm cá busca-los.

Esta é a minha neta. Ela vem ficar comigo porque agora estou com problemas de vista então fazem-me companhia.

Vamos continuar?

É pequeno mas muito humilde. Não temos aonde ir. A minha casinha de tambor...

Foi a senhora quem construiu a casa?

A minha sogra. “Produzi” com o filho dela, tive 10 filhos com ele, com respeito. Ele acabou por adoecer e faleceu. Acabei por cá ficar e fiquei com 3 crianças ainda pequenas enquanto o resto dos meus filhos já eram crescidos. Para sobreviver, fui trabalhando em casa de algumas pessoas para ganhar qualquer coisa. Agora já não trabalho, pois apanhei um “mal” nesta perna e com isso dão-me um dinheirinho no fim do mês.

São muito unidos?

Sim, eles têm os companheiros deles mas somos muito unidos. Não vou morar com nenhum deles pois gosto da minha casinha.

Água – Não

Saneamento - Não

Luz – Não

3.10. Entrevista 10 | Nome: Mirian

A pesquisa em questão trata-se da compreensão da utilização do espaço de habitação bem como a vivência deste bairro. Interessa-me conhecer melhor a história que há por trás deste bairro com o objetivo de criar um pensamento de o que poderá ser feito para melhorá-lo. Poderia me dar algumas informações acerca deste bairro?

Sim. Eu fazia parte do projeto Turismo Comunitário da Ribeira Bote. A pessoa que representa este movimento entrou em contato comigo para fazer um guia aos turistas que aqui estavam.

E quão regular são estas visitas guiadas pelo bairro?

Fazemos visitas guiadas regularmente. Usamos o turismo como uma forma de inclusão social da zona. Trabalhamos somente com uma agência porque o objetivo não é o turismo em massa mas sim mostrar às pessoas de fora quais são as potencialidades da Ribeira Bote e da ilha de madeira. É uma zona rica em história, existem várias personalidades notáveis como Cesária Évora, Hernani Almeida, e ambos nasceram aqui. Existem várias pessoas que representam várias artes e que a raiz deles vem da nossa zona. É claro que há problemas de prostituição, droga mas tentamos mostrar que além disso existem coisas boas e que merecem o devido reconhecimento. Isto acaba por ajudar na inclusão social porque por exemplo, antigamente ao procurar por informações no google sobre Ribeira Bote encontravam-se notícias que levavam a uma má imagem do bairro, mas hoje em dia já se encontram movimentos e informações que acabam por melhorar a imagem do bairro.

Qual tem sido o resultado deste projeto?

Tem sido bastante positivo. Desde 2012 recebemos o nosso primeiro visitante. A agencia para quem trabalhamos gostou do resultado e a partir desse dia temos recebido mais pessoas no bairro. Para nós, a parte mais importante do projeto é a inclusão social. O objetivo é mostrar a realidade em que vivemos, o quotidiano da vida das pessoas tendo sempre o cuidado com a comunidade pois o objetivo não é feri-la com a invasão dos turistas mas sim ajuda-la a se misturar com pessoas de fora.

E em relação aos turistas, quais são as reações perante as situações do bairro?

Nunca tivemos nenhuma reclamação. E pelo que temos feito, eles têm gostado porque é raro ter a oportunidade de entrar em bairros que passam pelas mesmas condições de o

nosso. A segurança e a aceitação são muitas vezes os motivos pelos quais existe um enorme receio e por vezes medo, de entrar em certos bairros. Pelo facto de não mudarmos e nem escondermos nada aos olhos dos turistas ajuda à comunidade em relação ao bem estar com outras pessoas de fora. Muitas vezes temos turistas que nos dizem ser a melhor experiência tida em Cabo Verde.

Tendo em conta que o objetivo é a inclusão social, além de mostrar as coisas como realmente são, o que mais acontece durante estas visitas guiadas pelo bairro?

Contamos histórias sobre o bairro bem como histórias sobre a vida das pessoas que cá vivem. Temos a oportunidade de leva-los para algumas profissões que de alguma forma já estão extintas noutros lugares. Para realçar também a cultura, eles ouvem músicas do nosso país, têm a possibilidade de interagir com pessoas que cá vivem e de comer comidas tradicionais em casa de pessoas do bairro.

O trabalho que eu tenho em mente seria igualmente em torno da inclusão social, história e cultura do bairro. Com isso o objetivo é chegar a uma proposta de melhoramento do espaço e da vivência do mesmo através da criação de uma praça, de um museu compartilhado com a casa do Mandinga Chefe e uma exposição periódica por todo o bairro.

Uma vez entregamos um papel à CMM com uma lista de necessidades que a comunidade da ilha de madeira tem e a praça é uma das coisas que achamos que o bairro precisa pelas várias razões que já falámos. Mas nunca obtivemos nenhuma resposta.

Portanto, em relação a isso consegue dizer quais eram os pontos que estavam na lista?

Os pontos que estavam na lista eram: a praça, calçamento de algumas ruas, um balneário pois ainda existem casas de lata e a falta de saneamento nas mesmas, contentores de lixo e alguns que já não me lembro.

O que acha em relação à exposição periódica no bairro?

Penso que seria bastante interessante, ajudaria na inclusão social e na melhoria da harmonia do bairro. No dia 23 de setembro, o dia que é comemorada a revolução da primeira zona libertada, existe muito movimento com algumas atividades, pequenos concertos, todos com o objetivo de melhorar a forma como é vista no bairro de ribeira bote e ilha de madeira. Antigamente se fazia nada neste bairro, mas desde o começo do nosso

projeto houve cada vez mais vontade, por parte dos habitantes e os que vêm de fora, de criar mais projetos e atividades para ajudar e melhorar a zona.

O projeto Sonvela é um dos projetos que tem sido bastante reconhecido aqui na ilha de madeira. Tem notado alguma diferença na vivência do lugar por parte da comunidade da ilha de madeira?

Sim. Principalmente porque é um projeto que mexe diretamente com os habitantes. Antigamente haviam pessoas que eram pagas para pintar as fachadas das casas, mas hoje em dia já existem pessoas que estão prontas a ajudar e participar na pintura e reboque das casas. Há um movimento de participação e muitas pessoas têm um grande orgulho de fazer parte deste projeto, e quando é assim há um cuidado e conservação do que lhes pertence que é bastante notável. Quanto mais notícias positivas tiverem melhor será o crescimento, desenvolvimento e a inclusão da comunidade. Antigamente Ribeira Bote era uma lixeira, e as pessoas que vieram para cá morar eram pessoas que vieram de outras ilhas no tempo que o porto grande estava em alta, e eram também pessoas que vinha do tempo do regime de semi escravatura de São Tomé. A inclusão social não somente abrange a boa imagem do bairro mas também a autoestima desde adultos até crianças porque uma criança passa por maus momentos na escola só por fazer parte da comunidade da Ribeira Bote. Com pequenos gestos há uma mudança quase inconsciente na forma de pensar e de ver o bairro, e este é o caminho a seguir para melhorar cada vez mais a nossa casa.

4. Testemunhos

4.1. Acontecimentos respeitantes ao 23 de setembro de 1974, Dia da Zona Libertada

ACONTECIMENTOS RESPEITANTES AO 23 DE SETEMBRO DE 1974,
DIA DA ZONA LIBERTADA:
=====

Na data acima indicada, o PAIGC se encontrava devidamente organizada em S.Vicente, tanto nas zonas de residência como nos locais de trabalho.

Na ocasião, os Portugueses se encontravam de regresso da Guiné Bissau onde perderam a guerra, pois a caminho de Portugal, os navios escalaram o Porto Grande para se reabastecerem. A tripulação que não estava nada contente com os acontecimentos, vinham para a terra onde praticavam muitos abusos contra a nossa população de S.Vicente, especialmente na Praça Nova, as Senhoras que iam passear ali, eram objecto de abusos; inclusivamente os tripulantes chegaram a trazer correntes e chicotes para aquele que tentasse obstacularizar o que pretendiam, acabavam por apanhar.

Tínhamos um elemento da Comissão de Estiva em S.Vicente que ouviu dos Portugueses que no dia seguinte, iriam verificar se na realidade a zona de Ribeira Bote era (na realidade libertada); tratava-se do falecido Paraquedista que prestou esta informação que foi tomada a sério, pois o responsável político na zona era o Toi de Suna que foi logo informado da situação; como iria no dia 24 de Setembro à Praia, o adjunto, Jorge Brito, ficou de coordenar todas as operações.

A primeira coisa a ser feita foi a mobilização dos militantes da zona e contactar com as pessoas que andavam construindo suas casas que nos emprestassem os seus blocos para fecharmos todos os acessos da zona; O Fudje, filho da Dudu de nha Maria Bibi, juntamente a alguns colegas da tropa, contactaram com o sapateiro Didam^{re} que trabalhava na zona, no sentido de preparar os cocktails molotovs. Todo o mundo esteve connosco, ajudando no encerramento dos acessos, meninos, mulheres, etc. e de acordo com o Paraquedista, a visita deveria ser por volta das 22.30 horas, o que nos deu tempo também para apagar as lâmpadas nas ruas de maior circulação.

A hora marcada, na realidade chegou um jeep cheio de marinhheiros, digo marinheiros, que não contava com o acesso cortado, ficando estranhos do que acontecia; foi lançado um primeiro cocktail molotov por Tinaia, filho do Gucha, caindo uma espingarda do jeep para ~~no~~ o chão. A partir deste momento, gerou-se uma grande confusão e pudemos verificar que se encontravam em contactos pelo que 15 minutos depois a zona estava cheia de Marinheiros, Militares, Polícias, etc.

Propositadamente o acesso via Cruz Joao Evora, nao foi fechado, tendo um grupo de jovens ocupado alguns terraços juntos à Sentina que se encarregaram de atrapaalhar os Portugueses; a citada Sentina ficou toda esturacada pelos diversos tiros disparados.

De notar que a zona recebeu apoio de quase todas as zonas de S.Vicente. Temendo o pior, resolvemos contactar com os responsaveis do Partido na altura em S.Vicente, nomeadamente, Manuel Faustino, Amaro da Luz, Silvino da Luz e Iudgero Lima que resolveram contactar o Chefe do Estado Maior a fim de por cobro à situação. Na realidade, os Marinheiros foram enviados a bordo, os Militares para os Quarteis e os Policias para a Estação . No entanto, o Comandante Silvino da Luz ter-me-ia dito para no dia seguinte, logo cedo, tentar apanhar os invólucros das balas disparadas porque estava a caminho da ONU onde junto com o Camarada Abilio Duarte, iria discursar, apresentando como prova, o envelope com os invólucros, mostrando que a população indefeza da Ribeira Bote tinha sido atacada.

Personagens principais:

- | | |
|-------------------|-------------------------------------|
| - Jorge Brito | - Coordenador |
| - Tinaia | - 10.Cocktail Molotov |
| - Ti Pedro Ferrer | - Fecho dos acessos |
| - Zeca Spencer | - Quebrar lâmpadas na zona |
| - Eduino | - Posto de Enfermagem |
| - Fudge | - Cocktail Molotov |
| - Didam | - Sapateiro da zona |
| - Pana | - Companheiro do Enfermeiro |
| - Toi de Nhana | - Cooperador de acessos |
| - Manê Ratinho | - Jovita com jovens do Madeiralzinh |
| - Djô Papinha | - Companheiro de Manê Ratinho |
| - Djobla | - Responsavel na zona de Sentina |

S.Vicente, 05 de Marco de 2014

O Coordenador,

/Jorge Alberto Brito/

4.2. Outras das histórias marcantes da Ribeira Bote foi a Revolução Capitão Ambrósio em 4 de Junho de 1934

“Foi no célebre dia 4 de Junho de 1934 dia inesquecível para a história de São Vicente, em que se deu aqui o primeiro grito de liberdade! Sim foi nesse dia que o povo do Mindelo, já não podendo aguentar mais a angústia da fome crónica e a incerteza do futuro, viu, assistiu e compartilhou da marcha revolucionária chegada a cidade aí pelas 11 horas da manhã, de homens e mulheres de todas as idades, incorporando-se solidariamente no movimento liberdade do nosso povo sofredor de Cabo Verde. Nesse dia juntou-se uma multidão que partiu da Ribeira Bote formada por gente resoluta e confiante nos seus planos, a frente ia Nhó Ambrósio todo ativo e firme.

Nhó Ambrósio era um modesto carpinteiro, que vivia de sol a sol ganhava uma cachupa quando aparecia o que fazer. E eram tempos difíceis o Porto Grande dava pouco que ganhar uma vez que os barcos tinham mudado a sua rota e era grande a miséria para o nosso povo humilde. Nhó Ambrósio tinha o dom de empolgar a massa, com suas palavras rudes mas sinceras de homem bom que se revoltava contra as injustiças que o governo fazia contra o seu povo. Mas o povo tinha medo de revoltar temendo as represálias. Chegou finalmente o dia em que o povo se revoltou e percorreu as ruas da cidade, com a bandeira da fome gritando MISERIA! MISERIA! FOME! FOME! Entretanto ficou marcada uma revolução às duas horas caso o governo da Praia não desse qualquer resposta favorável aos objectivos, depois nessa hora dentro da Câmara Municipal tiveram uma demorada conferência na câmara com o Secretário da Administração, de tal conferência não chegou a conclusão cabal. Passado horas não foi recebido nenhuma resposta. Então o líder Nhó Ambrósio lançou uma palavra de ordem ao povo estacionado na rua.

BOCES CME ONTE E ONTEONTE? NÃO E NO TEM FOME! BOCES TEM TRABAIODE? DIAZA NO QUE TRABAIA PAQUE NOTE BANDONOD! E depois disso levantou bem alto a bandeira negra e gritou vamos arranjar comida com as nossas próprias mãos! Os grandes da terra estão com suas barrigas cheias portanto povo de São Vicente vamos invadir a alfândega que é onde se encontra armazenada a comida para a nossa gente.

O povo com sua fúria sem limite invadiu a alfândega e numa confusão diabólica começou a retirar tudo o que estava aí depositado. De seguida foram para outros armazéns onde eram guardados alimentos onde retiraram tudo o que puderam. Mas após algum tempo vieram a força militar que começou a disparar ao ar para dispersar a população mas o povo enfureceu – se e começou a arremessar pedras. Mas pelas oito horas o povo se recolheu e durante dias não se falou em mais nada senão da revolução de Nhó Ambrósio. De tudo o que foi distribuído Nhó Ambrósio ficou com apenas um saco de café em pó que vendeu para comprar carne.

Mais tarde chegou soldados ordenados a capturar os cabeças de lista do movimento Nhó Ambrósio foi o primeiro a ser capturado, os principais líderes foram enviados para Angola incluindo Nhó Ambrósio depois de cumprida a pena ele e mais dois companheiros regressaram mas infelizmente os outros morreram na cadeia. Esses bravos homens que conseguiram resistir a opressão colonial fascista e que deram provas da valentia e coragem, acordando a consciência do povo sofredor, entraram para sempre na história do Mindelo e de São Vicente.

Capitão Ambrósio era natural de Santo Antão e faleceu em Mindelo, São Vicente em Ribeira Bote aos 68 anos. (Ramos,2003)”

4.3. Testemunho Rodrigo Martins

Como define a situação atual de Ribeira Bote, mais precisamente da Ilha d'Madeira?

Relativamente, a primeira questão, convém dizer que a zona de Ribeira Bote, atualmente é caracterizada pela vivência de pessoas de diferentes estratos sociais, ou seja, pessoas portadoras de capital económico, cultural e social diferenciado. Na verdade, o crescimento do bairro, teve como consequência a fixação de pessoas da classe média, contrastando com a situação de situações que vivem em situações de maior vulnerabilidade social. No caso concreto da ilha de Madeira, bairro típico, e que se caracteriza pela existência de uma rede muito forte de solidariedade social entre os habitantes, podemos dizer que se trata de uma zona onde as pessoas vivem numa situação de vulnerabilidade social, necessitando-se assim de melhores mecanismos de apoio e integração social.

Em relação à integração social da comunidade da Ilha d'Madeira, como é que as pessoas se sentem em relação ao resto da cidade?

No que concerne a questão da integração social dos habitantes do bairro, convém dizer que várias atividades tem sido desenvolvidas por diversas instituições no sentido da maior envolvimento da "comunidade" a outros locais. Há um aspeto sociológico, muito importante e que convém referir que relaciona-se com o fato de as pessoas do referido bairro gostarem de lá viver, criando uma identidade própria. Esforços serão canalizados pelas instituições no sentido de melhorar as habitações e os equipamentos sociais existentes tendo em conta esta forte ligação das pessoas ao bairro que de certeza não estariam disponíveis a deixar o bairro para outra zona da cidade.

Em que consiste o projeto PACIM? Quais os objetivos deste projeto?

O projeto PACIM, foi um projeto de importância capital, principalmente por ter possibilidade fazer face há muitos problemas habitacionais logo após a independência de Cabo Verde. A CMSV nesta altura contou com vários parceiros internacionais que possibilitaram a implementação de vários projetos a nível da infraestruturação.

Porque razão existe uma certa dificuldade na implementação de novas infraestruturas nestes bairros?

Penso que relaciona-se com o fato de os bairros terem nascido de forma espontânea, pondo em xeque os planos urbanísticos existente para a zona e levando a um novo equacionamento em termos de infraestruturação.

Em termos infraestruturais, o que acha que seria um mais-valia para Ilha d'Madeira?

Penso que é necessário melhorar as acessibilidades e proceder as ligação, por fazer, a rede de saneamento e esgotos.

Como é que os moradores costumam reagir a algo novo desenvolvido ou implementado no bairro?

Com boa aceitação, na realidade, alguns projetos a nível social principalmente vem sendo implementados pela Câmara e outras instituições com bom acolhimento do bairro.

Acha que o coração da Ilha d'Madeira é a cultura? Porquê?

A cultura é um marco sem duvida importante na ilha d Madeira e quem vendo transmitido as novas gerações. O Bairro passou a ser conhecido pelas manifestações culturais, mormente no carnaval com os mandigas.

E o que acha sobre os Mandingas e o envolvimento deles na vida do bairro e na inclusão do mesmo?

Com uma grande expressão sem duvida, dando vida cultural ao bairro e possibilitando o conhecimento mais profundo da vivencia no bairro.

Já houve exposições de fotografias dos Mandingas na Ilha d'Madeira. O que acha sobre este acontecimento? Acha que ajuda na inclusão social e no melhoramento de alguns aspetos do bairro?

Sim já houve, várias vezes e ajuda no processo de inclusão social e um despertar para intervenções em vários domínios no bairro, notadamente na infraestruturação.

Quais os benefícios que o carnaval trás para o bairro?

Pensamos que principalmente para divulgação da imagem do bairro com a tónica da participação massiva dos jovens do bairro em um dos maior eventos culturais da ilha que é o carnaval.

Mindelo, Ribeira Bote está virada para a cultura. O que pensa sobre os eventos produzidos pelo Bairro?

São eventos importantes para o enriquecimento da cultura da ilha. Na realidade, trata-se de um bairro ligado a cultura, na sua produção e reprodução, para além da dimensão social e desportiva, também muito forte.

Qual o papel da Câmara Municipal no apoio às atividades voltadas para a cultura?

A Câmara Municipal, aposta fortemente na cultura. Ao longo do ano, há várias atividades culturais preconizadas pela Câmara Municipal e com a contribuição de parceiros, caso do Carnaval e do Festival Internacional de Música da Baía das Gatas, que dinamizam a ilha do ponto de vista económico e turístico. A CMSV tem um programa cultural ao longo do ano que conta com a parceria de privados que desenvolvem também atividades importantes neste domínio.

Quais são as prioridades urbanísticas a desenvolver em Mindelo?

As prioridades centram-se na infraestruturação, mormente, continuar a melhorar as acessibilidades, a criação de espaços verdes e zona de lazer e prática desportiva.

Requalificação dos espaços em degradação é prioridade da CM?

Sem duvida, contudo, exige avultados recursos, pelo que é fundamental a definição das prioridades de intervenção. Neste momento, estamos a apostar fortemente em requalificar o centro da cidade, tornando-a mais aprazível e harmonioso.

Existem muitas casas devolutas, degradadas e sem concluir. Existe alguma legislação que permita reconstruir, recuperar e/ou requalificar esses edifícios para dar uma nova cara ao lugar?

Em relação aos edifícios municipais, esforços são canalizados todos os anos no sentido de se proceder a realização de obras de requalificação e manutenção desses indivíduos. Contudo, existem muitos edifícios privados devolutos, e neste sentido temos tentado fazer cumprir o Código de Posturas Municipal, no sentido dos proprietários realizarem obras. Mas, nem sempre é um processo fácil tendo em conta que muitas vezes são prédios pertencentes a herdeiros, com problemas de diversa ordem e que põem em xeque a execução das obras.

Qual a sua opinião sobre o projeto Sovela?

Trata-se sem dúvida de um bom projeto que deverá ser materializado também em outras zonas da cidade do Mindelo. A sua importância advém de vários fatores, o seu papel no reforço da integração dos jovens do bairro nos projetos que visam o melhoramento do seu bairro, uma maior identificação com o bairro, com os projetos, constrangimentos e equacionamento de soluções para além de dar uma imagem mais harmoniosa ao bairro.

Ilha d'Madeira é uma zona com alguma fama negativa. Alguns têm opiniões positivas sobre a mesma, mas outras não. Qual a sua opinião sobre esse assunto?

Penso para muitas das opiniões, são opiniões feitas. É importante conhecermos a vivência do bairro. Claro que há coisas muito boas, como a solidariedade e amizade existente no bairro, contudo há problemas sem dúvidas, resultantes do consumo do álcool e droga que afeta muitos jovens do bairro.

O que acha da urbanização que Ribeira Bote tem neste momento?

É uma zona marcada por duas realidades, uma mais recente com construções devidamente planeadas, dotadas de todas as infraestruturas necessárias e por outro lado a ilha de madeira, fruto das construções espontâneas, que carece de uma atenção especial. Contudo, partilhamos da opinião que paulatinamente com obras de requalificação, o bairro melhorará em vários aspetos.

Na sua opinião, que melhorias poderiam ser feitas para ajudar a melhorar Ilha d'Madeira, tanto a nível social como urbano?

Primeiro é importante, em alguns casos, melhorar a qualidade das habitações, proceder a criação de espaços de lazer no bairro, melhorar as acessibilidades e as ligações ao

saneamento básico para as habitações que ainda carecem deste problema. Também apostar e reforçar as atividades culturais no bairro que são fundamentais para a inclusão social, mormente dos jovens.

